

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

**Depto de Pós-graduação em História**

**O Viver e o Sagrado: Imagens do Cotidiano  
(Extremo Oeste do Paraná)**

**José Carlos dos Santos**

Trabalho orientado pelo professor Doutor Artur César Isaia e apresentado ao Departamento de Pós-Graduação em História como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

**FLORIANÓPOLIS**  
**1996**

O VIVER E O SAGRADO:  
IMAGENS DO COTIDIANO (EXTREMO OESTE DO PARANÁ)

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

BANCA EXAMINADORA



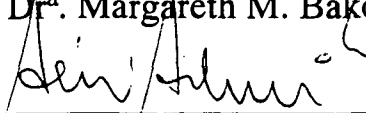
---

Prof. Dr. Artur Cesar Isaia (UFSC)



---

Prof.ª Dr.ª Margareth M. Bakos (PUC/RS)



---

Prof. Dr. Sérgio Schmitz (UFSC)

Defesa aprovada como requisito para a obtenção de título de  
Mestre em História pela banca examinadora formada pelos professores

\_\_\_\_\_  
Cesar Isaia (Orientador)

\_\_\_\_\_  
Beth M. Bakos

\_\_\_\_\_  
Rogio Schmitz

Este trabalho eu dedico a duas pessoas que muito contribuem para o meu universo pessoal: a minha companheira Rosemeri e o nosso pequeno Cauê Cainã, que com os seus poucos cinco anos nos ensina constantemente a imaginar e viver...ousar!

## SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
Abstract.....	VIII
Agradecimentos.....	IX
Primeiras palavras.....	01

### Capítulo I

1.0-APARECIDA DOS PORTOS: ACOMPLEXIDADE SÓCIO-CULTURAL...	09
1.1 - A consolidação das elites.....	11
1.1.1 - A construção da fertilidade.....	13
1.2 - Colonos, colônias, cidades.....	24
1.3 - A institucionalização da agricultura.....	42

### Capítulo II

2.0-O REVERSO DA IMAGEM: OUTROS ATORES NAS MESMAS CENAS..	52
2.1 - O viver na pequena propriedade: á imagem e semelhança.....	55
2.2 - Perambular: meeiros, arrendatários e bóias- fria.....	70
2.3 - A religião fora do templo.....	76
2.3.1 - O "oio" de São João Maria.....	77
2.3.2 - Os milagres de Santa Gualdina.....	79

2.3.3 - Benzedores e Benzedeiros: rezas e raízes.....	80
2.3.4 - Mesadas de Anjos.....	82
2.3.5 - Folias de Reis.....	83

### Capítulo III

3.0 - O CAMPO RELIGIOSO LOCAL.....	86
------------------------------------	----

3.1 - Templos, agentes e fiéis: a geografia do sagrado.....	89
---	----

3.1.1 - Os Adventistas.....	89
3.1.2 - Assembléia de Deus.....	91
3.1.3 - Igreja Presbiteriana do Brasil.....	93
3.1.4 - Evangelho Quadrangular.....	95
3.2.5 - Espíritas.....	97
3.2.6 - Umbanda.....	99
3.2.7 - Capelas, paróquias, dioceses: a consolidação do catolicismo.....	101

3.2 - Beber de várias fontes. O trânsito dos fiéis.....	107
---	-----

Considerações Finais.....	112
---------------------------	-----

Fontes.....	115
-------------	-----

Bibliografia de pesquisa.....	118
-------------------------------	-----

Bibliografia Básica.....	119
--------------------------	-----

## R E S U M O

SANTOS, José Carlos. *O Viver e o Sagrado*: Imagens do Cotidiano. (Extremo Oeste do Paraná)  
Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado em História.

Orientador: Artur Cesar Isaia

O objetivo é abordar a religiosidade como recurso simbólico recorrente na significação cultural. Observa-se uma comunidade rural católica, no extremo Oeste do Paraná, diante de modelos estilistas de reordenamento político. A urbanização, provocada pela consolidação do Brasil, é mostrada como provocadora de uma maior dinamização do campo religioso e da instituição de um mercado de bens simbólicos.

## ABSTRACT

SANTOS, José Carlos. *The Living and the Sacred: Everyday Images. (Extreme Paraná West)* Florianópolis: UFSC, 1996. Master Degree Dissertation in History.

Orientation: Artur Cesar Isaia.

The aim is to approach the religiousness as a symbolical resource recurrent in the cultural signification. It is observed a catholic rural community, in the extreme Paraná West, in the presence of stylist models of political rearrangement. The urbanization, aroused by the capitalism consolidation in Brazil, is shown as a provocative of a larger dynamization of the religious field and of institution of a market of symbolic effects.



## **AGRADECIMENTOS**

- Agradeço particularmente ao professor Artur Cesar Isaia: pela orientação, conselhos...segurança. Por ser paciente com meus escritos e conflitos;
- A todos os professores do Curso de Pós-graduação da UFSC, figuras importantes do cenário acadêmico florianopolitano;
- Aos meus colegas de turma - Paulo, Rogério, Nilceu, Capim, Mara Rúbia, Maria Aparecida, Juçara, Maria da graça, Josiane e Marlene - companheiros dos momentos de alegria e angústias;
- À CAPES pelo auxílio financeiro sem o qual esse trabalho não seria possível;
- Aos co-autores desse trabalho, pessoas que na memória reviveram conosco momentos importantes de suas experiências. Aos funcionários de repartições públicas que nos prestaram ajuda na identificação das fontes, especialmente na Vara Cível de Cascavel, Câmara de Vereadores, Biblioteca Pública e Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;
- Pelo carinho especial dos colegas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, especialmente dos estimados Davi Schreiner e Nilceu Deitos.

### Primeiras Palavras ...

Voltar os olhos para a sociedade da qual fazemos parte é perguntar como se constróem, se organizam e se reproduzem os sistemas de significações. Conhecer o que pensam, julgam e fazem os vários grupos que pertencem a setores de classes diversos, é inserir-se no campo de lutas que configuram uma certa ordem social. Perceber tal estrutura é se inserir nos sistemas de representações que a constróem.

A construção de uma determinada ordem social é possibilitada, na medida em que, envolvida por uma teia de representações, perspectiva a trajetória dos vários grupos sociais. Nessas tramas, reproduzem-se conjuntos ou sistemas explicativos que oferecem modelos para as condutas ao mesmo tempo em que são modelos de conduta. Dessa forma, compreendo que na vida em todas as formações sociais, os homens elaboram formas variadas de compreensão e explicação de suas vidas. De tal forma compartilhando dessa simbolização, que nenhum dos membros dessa trajetória pode agir ignorando estes sistemas.

Neste sentido, é preciso considerar a dimensão social destes valores construídos, pois as mais variadas opiniões dos atores de uma determinada configuração social, não podem existir sem que os indivíduos as incorporem. Não há puras representações; a razão de existirem é a dimensão do sentido quando perspectivados

em formas que caracterizem a experiência individual e de grupos. São elas que possibilitam o trânsito por entre os sistemas simbólicos instituídos, ao mesmo tempo em que se prestam como uma rede infinita de significação cotidiana. São estes sistemas que compõem o "ethos" de um grupo social, ou seja, definem o tom, o caráter, o estilo de agir e de pensar, eu diria, as disposições morais e estéticas, constituindo a visão de mundo, compondo um quadro de referências que torna possível o desenvolvimento das condutas dos indivíduos e grupos sociais. Essa trama de representações e práticas, estabelece um campo cultural caracterizado pela dinamicidade intrínseca, uma semântica frente a uma demanda que circunda o vivido.

Nessa perspectiva, a religiosidade é parte fundamental das relações sociais. Por um lado, justamente porque fornece um quadro de representações que "funda" a verdade original de um sistema, fornecendo uma explicação última para o fato de a vida "ser como é" e, por outro, prescrevendo normas de como se relacionar no interior dela. Imanadas do sobrenatural, faz parecerem verdadeiras e corretas as concepções que moldam o modo de ser coletivo e individual.

A religiosidade, embora intrinsecamente ligada a todos os aspectos da vida social, deles difere. Ela diz respeito a um sistema de crenças que orienta modos de conduta, dirigidos para entidades cuja existência não é acessível à observação comum. Essa característica "imaneente" se expressa sobretudo na forma de código de condutas, que envolvem o comportamento humano numa

intriga de ritos e mitos. Diante de forças estranhas ao convívio cotidiano, confere à existência um sentido "real", garantindo não só ao próprio sistema uma "fundação", mas sobretudo a certeza aos indivíduos de agirem com segurança e confiança.

Neste aspecto, é de fundamental importância, no jogo das relações sociais, o caráter institucional da crença. Dirigida para fornecimento, manutenção e controle de representações, um corpo de intelectuais - o teólogo - são a base da instituição, cuja função é fornecer os desígnios na forma de uma interpretação racionalizada e racionalizante às aspirações dos crentes. Dessa forma, a um só tempo, a teologia é tanto um princípio de consolidação e manutenção da instituição, quanto provedora do distanciamento dos leigos aos mistérios doutrinários. A ação teológica, envolvida pelo mistério, "esconde" o caráter de historicidade desses agentes, ao mesmo tempo em que os "sacraliza" numa ordem sobrenatural.

É preciso lembramos que, embora haja esse caráter institucional da religião, ela tem um limite de ação. O campo cultural não se presta à regularidades; é um movimento semântico onde o consumo das representações subjaz ao interesses mais imediato da cotidianidade. Neste sentido, também o religioso é a todo momento reelaborado segundo o interesse dos consumidores. É nesse sentido que se constitui um campo de lutas entre leigos e teólogos das várias agências, cuja consequência mais imediata é o intercâmbio da teologia, versão erudita do sagrado, e as elaborações populares de religiosidade.

Fazer um exame dessa rede de intrigas, é considerar as experiências humanas interagindo com linguagens disponíveis no sentido de ordenar o mundo. Como formas de descobrir e enunciar a ordem social, os sujeitos transitam por entre elas. É um momento das experiências em que os mitos deixam os seus lugares para se tornarem realidades e darem respostas aos problemas da condição humana que não é outro, senão o esforço da construção e da organização do caos, o desconhecido, o desorganizado. No estabelecimento dessa luta de representações, os discursos das religiões, e neste caso, mais especificamente de um tipo de catolicismo com seus ensinamentos tradicionais, e corpo dogmático, fornecem aos crentes uma determinada interpretação da ordem cósmica e uma confiança nas formas prescritas de compreender e de se adaptar a essa ordem, embora, é bom lembrar novamente, que a leitura desses discursos é feita pelos "leigos" de outro modo. É neste sentido que pretendo pensar um modelo de catolicismo: imagens do sobrenatural interagindo como uma forma de conhecimento cujo fundamento está em dar transparência ao mundo da existência.

A complexidade do momento histórico, leva-nos a considerar uma diferenciação de classes sociais onde a estrutura do campo econômico capitalista, facilite aos "grupos dominantes" o acesso a formas mais eruditas do capital cultural e econômico. No que diz respeito à questão da religiosidade, devido ao domínio de capital cultural, observa-se uma aproximação maior deste grupo a uma forma mais racionalizada da fé, cuja manipulação e

dogmatização por parte dos agentes, parecem ser mais "naturalmente" assimiláveis. Isso contudo, não significa o isolamento de uma forma de conhecimento única, nem tão pouco de uma articulação "opiacéa" das relações de classe. Ao contrário, a semantização cultural permite uma notável circularidade das representações, subjacentes ao jogo de interesses, envolvendo todos os atores sociais.

Embora se trate de um estudo de caso no interior do Oeste do Paraná, são expressivas as transformações pelas quais passa a sociedade brasileira. No começo deste século, o reordenamento político, inserido nas questões pertinentes da organização econômica internacional, debate-se com a implantação do capitalismo no Brasil. A identidade desse debate, coloca no centro das preocupações da estilização política as "questões nacionais". A "revolução de 30", principalmente, faz recorrências à representação positivista/spenceriana de sociedade, mobilizando-se com a finalidade de "organização do corpo social".

No Oeste do Paraná, houveram desdobramentos fundamentais com outras matrizes discursivas da cotidianidade. Nas tramas da colonização, a remodelação de um "Estado mais presente", proposta pelos "Aliancistas", provoca a estilização de um modelo de urbanização e tecnificação da agricultura. Mudanças são provocadas no universo social, principalmente no aspecto de mobilização de grandes contingentes. A concentração urbana provoca uma maior dinamização do campo religioso.

É também em torno deste discurso institucional que se consolida um grupo local cujo interesse estará voltado à

administração da coisa pública. Como uma teia que cria emaranhados na medida em que circula, a atuação dos intelectuais do Estado, sujeitos e produtores de reordenamento sócio-político, junto aos "leigos", são peças fundamentais para a compreensão das relações e da configuração social, pois produzem convergências e rupturas.

Uma outra especificidade de grande relevância neste trabalho é o caráter recente desta formação social. Profundamente marcada pela migração sulista, o Oeste da década de 40 será o palco de encontro de três etnias européias de grande migração para o Brasil, deste o século passado: italianos, alemães e poloneses. Provindos de regiões diferentes e com aspectos culturais igualmente distintos, trazem em comum o cristianismo, prática que preservaram mesmo diante das dificuldades por "assistência" religiosa em meio a um sertão onde tudo estava para ser construído. É notável como estas dificuldades iniciais, "sugerem" uma característica peculiar fazendo com que os próprios colonos fossem os fundadores dos primeiros templos - as capelas - em torno das quais se consolidaram cidades, hoje grandes centros urbanos. É o caso de Cascavel, anteriormente denominada de Aparecida dos Portos, como demonstraremos.

A leitura que faço está estruturada em três capítulos. Num primeiro momento me preocupo em historicizar a migração dentro de um contexto maior da consolidação do capitalismo. Aponto as intervenções "revolucionárias" como formas características de reordenamento político, e o quanto a "unidade do corpo

social", é pensada como "imprescindível" à integração econômica do Oeste, até então caracterizado pelo domínio estrangeiro. Se por um lado a atuação da "cabeça do corpo" se faz no sentido de nacionalizar a região, de outro a ocupação geográfica se faz no sentido de assentar trabalhadores europeus, predominantemente italianos, poloneses e alemães.

Esta migração consiste ao mesmo tempo em um princípio fundamental de consolidação do catolicismo regional. Mesmo não assistidos, os crentes construía os templos e os mitos eram rememorados. Posteriormente, a ação institucional ocorrerá no sentido de enquadrá-los nos moldes de uma igreja romanizada. As intervenções políticas, no entanto, provocam a urbanização e a tecnificação da agricultura, modificando o cenário do catolicismo, ao permitir a entrada de outras agências do sagrado.

O segundo capítulo trata do momento de expansão da ocupação do Oeste do Paraná, então representado como local das "terras mais férteis do mundo", atraindo um grande número de migrantes de vários Estados do Brasil, provocando uma maior circularidade e diversidade do campo cultural. Nesta análise me aproximo mais da questão religiosa, mostrando que a instituição de um modelo familiar extrapola a visão comum, inclusive marcada pela historiografia, de unidade econômica simplesmente. Aproximando-me mais do cotidiano, e usando a oralidade como recurso de pesquisa, procuro buscar em momentos específicos - lazer, trabalho e prática religiosa - os nuances da simbolização das experiências. Como momentos



expressivos da produção/reprodução, destaco o embate entre o esforço institucionalizante e a semântica cultural, expressa num cruzamento entre o erudito e o popular. Essa aproximação permite perceber o indeterminado do campo institucional religioso: embora profundamente marcados por um modelo de catolicismo desautorizante, os intelectuais populares estão espalhados no cotidiano e manipulando o sagrado, segundo interesses mais imediatos que envolvem suas trajetórias.

No último capítulo procuro caracterizar a constituição e complexidade do campo religioso local, no interior da urbanidade. No plano regional a década de 60, é caracterizada por uma segunda migração, agora não somente de europeus. A fertilidade da terra - o Eldorado, atrai fiéis e agências - Adventistas, Assembléia de Deus, Presbiterianos, Evangelho Quadrangular, Espíritas e Umbandistas - quebrando a hegemonia do catolicismo. A instalação destas agências não só dinamiza a disputa pelos fiéis, mas sobretudo provoca uma necessidade de "aparelhamento" frente à demanda que se constitui, especialmente no caso da igreja católica, como procuro ressaltar. A dinamicidade deste campo, dada a oferta dos bens de salvação, provoca um trânsito dos fiéis por entre as várias agências, conforme os seus interesses e necessidades, quebrando a hegemonia do catolicismo, por muitas décadas mantida.

## **CAPÍTULO I**

### **APARECIDA DOS PORTOS: A COMPLEXIDADE SÓCIO-CULTURAL**

Fazer a leitura de uma determinada trajetória social é perceber, primeiramente, esta questão como problema, pois não se trata de um dado objetivo que se preste à manipulação, como tem pretendido uma prática historiográfica de um passado recente. A trajetória dos grupos sociais pressupõe uma rede de representações e práticas que em determinados momentos, os vários sujeitos fazem recorrência, configurando uma ordem social, subjacente aos interesses das classes, gêneros, etnia e idade. Já não mais satisfaz uma abordagem paralela do econômico, do político, do social, do cultural, etc., mas sim um estudo que leve em consideração todas essas dimensões sem compartimentação ou subordinação ao econômico. A análise das experiências humanas passa pela necessidade de considera-las num campo de circularidade cultural onde são pensados os jogos e as regras de como jogar, perspectivando uma organicidade da visão de mundo e da ordem social.

Ao propor uma análise da complexidade sócio-cultural do Oeste paranaense a partir da formação de uma comunidade rural católica, estou considerando a religiosidade como uma fonte de manutenção ordem social. Os trabalhos mais recentes de sociologia religiosa tem se esforçado para mostrar o quanto ela "esconde" o caráter construído atribuindo um sentido de duração em contraposição ao da precariedade. Como diria Peter Berger, ela "(...) relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erigidas pelas sociedades empíricas." Além do que, ainda segundo

Berger, "As tênues realidades do mundo social se fundam no sagrado realissimum, que por definição está além da contingências dos sentidos humanos e da atividade humana."<sup>1</sup> Essa fonte de organização do caos, no vivido, se imbrica com as práticas discursivas de ordenamento político. No "recorte" que fazemos é possível perceber uma aproximação entre o imaginário católico e as ordens totalitárias que se estabelecem em 30 e 64, respeitados o lugar social, cujo intercâmbio autoriza leituras diversas.

Num primeiro momento, ao perceber a consolidação das elites, estou considerando que se trata de um público leitor que almeja a distinção, a higiene e o controle político e econômico. Contudo, há um certo cuidado de não tratá-las como um substrato determinista das relações sociais mas como um momento imprescindível para se perceber a reciprocidade de formas simbólicas da estruturação entre os grupos sociais. Carlo Ginzburg bem demonstra, através da leitura de Mikhail Bakhtin, a influência recíproca entre as classes subalternas e a cultura dominante, utilizando-se de um método indiciário e do personagem Menócchio perseguido pela Santa Inquisição na Itália do século XVI.<sup>2</sup> Bakhtin, movendo esforços também neste sentido, propõe o cômico popular da Idade Média como uma forma de organização de um "segundo mundo" paralelamente às normas prescritivas da Igreja e do Estado. Frente à estas normas, as experiências cotidianas criavam possibilidades de viver um verdadeiro humanismo, pois, "(...) como tais, encarnavam uma forma especial da vida, ao mesmo tempo real e ideal"<sup>3</sup> Ao lado do segundo mundo, há uma segunda vida, que para o autor é imprescindível para a compreensão da consciência cultural da Idade Média. Pertencentes à esfera

---

<sup>1</sup> - BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado*: Elementos para uma teoria sociológica da Religião. Org. Luiz Roberto Benedetti. Trad. de José Carlos Barcellos. São Paulo, Paulinas, 1985. p.45

<sup>2</sup> - GINSZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

<sup>3</sup> - BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* - O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987. p.14.

particular da vida humana, a dualidade é uma forma de sobrevivência e resistência à normatização no cotidiano. Também ao analisar as "Questões de literatura e estética", Bakhtin ressalta a cultura como unidade semântica como meio de superação do caráter factual do valor cultural: "Nenhum valor cultural, nenhum ponto de vista criado pode e deve permanecer ao nível da simples manifestação do fato puro de ordem psicológico e histórico: somente uma definição sistemática na unidade semântica da cultura superará o caráter factual do valor cultural".<sup>4</sup>

Neste sentido, pensar uma determinada religião como fonte simbólica de organização da construção social, é pensá-la na interatividade, isto é circulando como uma linguagem catalisante entre os vários sujeitos, perspectivando o imaginário e as práticas sociais. O tipo de catolicismo desenvolvido no Oeste do Paraná não é único em espécie nem imaculado na origem. Será nosso esforço mostrá-lo interagindo nos vários âmbitos do social, ou seja, no interior do jogo das relações e de interesses dos vários sujeitos, ao mesmo tempo em que o esforço institucional é dirigido no sentido de controle da diversidade, na tentativa de equalização à forma institucionalizante.

### 1.1 - A CONSOLIDAÇÃO DAS ELITES

O jornal local, Diário do Oeste, no seu editorial de 21 de janeiro de 1963, afirmava que

"decididamente o progresso bateu às portas da região Oeste paranaense. Nós... quando aqui chegamos em Cascavel, essa progressista comuna do Oeste Novo, não passava de um aglomerado de casas e um simples distrito de Foz do Iguaçu, podemos afirmar... que pertencemos a esse bloco de destemidos pioneiros, que com seu trabalho e amor à terra, edificaram em

---

<sup>4</sup> - \_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e de Estética* - A teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 16

menos de 10 anos essa potência econômica e industrial que é o nosso município. (...) Todos conhecem o sacrifício que tivemos de enfrentar para podermos consolidar a nossa situação material, que a muitos causa inveja ou ojeriza ...”<sup>5</sup>

Este discurso proferido pelo editor, longe de expressar apenas uma retórica jornalística, demonstra algumas configurações do cotidiano de um determinado grupo social. Primeiramente o autor compreende e representa-se, pela narrativa, como os fundadores dessa sociedade local. Ao proceder dessa forma, recorre a uma linguagem que caracteriza um estilo de ser, produzido no interior do jogo de relações sociais. É uma auto compreensão, que revela uma imagem de si.

Ao produzir esse discurso, o editor se remete a um quadro de referências socialmente estabelecido e possivelmente partilhado por vários sujeitos de um grupo social. Essa perspectiva de tratamento da linguagem, é demonstrado pelos estudos de sociolinguística de Eni Pulcinelli Orlandi. Para essa autora, o que o sujeito “(...) diz ou compreende tem relação com o seu lugar , isto é, com as condições de produção de seu discurso, com a dinâmica de interação que estabelece na ordem social em que ele vive.”<sup>6</sup> A fala do editor, tomando a perspectiva apontada por Orlandi, oferece-nos a oportunidade de penetrar no interior do tabuleiro, a partir da narrativa escrita, para perceber o vivido. Ou seja, partindo da elaboração desse discurso, perceber a sua sustentação no interior das práticas sociais.

Nas expressões do editor podem ser lidas, além dessa identificação, também o modo como ele percebe o sucesso dos “destemidos”: o progresso bateu às portas ... graças ao ...bloco

---

<sup>5</sup> - SANTOS, Wilson Joffre Soares dos. Editorial. **Jornal Diário do Oeste**. Cascavel 12 de jan. 1963. p3.

<sup>6</sup> - ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**. As formas do Discurso. 2.a ed. São Paulo. Pontes, 1987, p.138

de destemidos pioneiros... que edificaram ...uma potência econômica e industrial...com seu trabalho e amor à terra... Terra e industrialização: "**trabalho**". Parece ser esta a matriz das suas referências: a exaltação do trabalho. Se tomarmos também como pressuposto a afirmativa de Éder Sader de que "Os sujeitos não são livres para produzir seus discursos e nem podem inventar na hora seus sistemas de comunicação. Eles recorrem à matrizes discursivas constituídas..."<sup>7</sup>, trabalho é um referencial de sustentação, uma matriz que, nesta construção social, serve de recorrência a estes sujeitos. Estes referenciais discursivos provocam uma dinâmica de interação no jogo das práticas, uma vez que, como também lembra Roger Chartier, "não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias ou em confronto pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles".<sup>8</sup>

#### 1.1.1 - A CONSTRUÇÃO DA FERTILIDADE

Considerando que as representações tem parâmetro histórico, isto é, são pensadas em algum momento das experiências humanas, é imprescindível percorrer a elaboração e reprodução desta linguagem. Neste sentido, nos remetermo-nos aos primórdios da colonização do Oeste paranaense, mais especificamente aos anos 40, por ser esse o momento da chegada de um grande número de migrantes sulistas católicos na região, em busca da propriedade do solo e da exploração extrativista. O clima de guerra havia criado a "explosão" da madeira como "economicamente viável", razão pela qual assumia grande expressividade como um produto de peso nas exportações nacionais. Essa conjuntura atrai para a região pessoas

---

<sup>7</sup> - SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entram em Cena*. 2.a ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1991.

<sup>8</sup> - CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Rio de Janeiro; Bertrand, 1990. p.177.

de vários grupos sociais: grandes empresas, capital consorciado, pequenos proprietários, descapitalizados. Todos em busca de alguma forma de usufruir da atividade madeireira. Nesse período a agricultura, atualmente principal atividade econômica no Estado, era tida como secundária. Apenas de subsistência na vida rural.

Esse fluxo considerável de pessoas encontra relação numa complexa estratégia de construção de uma imagem de fertilidade do solo que, de um lado, encontrava suporte nessa atividade já explorada pelas companhias estrangeiras desde a década de 20 e, de outro, na figura do Estado como seu articulador maior. Como recorte, e por ser um dos momentos mais expressivos da redefinição do papel do Estado brasileiro, essa imponência pode ser atribuído à atuação da Aliança Liberal<sup>9</sup>. Justificado numa necessidade de "construção da Pátria Nova" e na exaltação do trabalho como meio de atingi-la, o nacionalismo trará intervenções significativas na região oeste, onde, "bravamente" houveram enfrentamentos como a questão da nacionalização da economia local e da demarcação e defesa do território nacional, possibilitando, na contrapartida, que esse fosse um dos momentos mais expressivos da ocupação dos sertões e da organização das elites locais.

Em 1930, ainda no alvoroço da Revolução, era nomeado como interventor Mário Alves Tourinho para chefiar a "Revolução" no Estado do Paraná. A atuação dos interventores redundaria em significativas reordenações no rumo da política paranaense, especialmente no Oeste, por ser região de "domínio estrangeiro". O primeiro combate do novo Estado se travaria justamente com a

---

<sup>9</sup>-Agradeço de modo especial as discussões feitas pelo professor Sérgio Schmitz, do Departamento de História da UFSC, em relação à formação e atuação da Aliança Liberal. Segundo ele, a Aliança era uma composição das Oligarquias, cuja visão, num primeiro momento, se caracterizava pela contraposição ao desenvolvimento industrial do Brasil, defendendo os interesses agrários. Tal posicionamento, no entanto, mudaria a partir de 1931, quando a conjuntura internacional é agravada pela "crise de 29". A partir de então, o Estado Novo é delineado como provedor do desenvolvimento capitalista. Conferir também em FAUSTO, Bóris. **A Revolução de 30**. 14.a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

"inadimplência das Companhias estrangeiras" em não cumprir normas contratuais que estabeleciam o assentamento de colonos. O segundo, trataria da facilidade que tinham tais empresas no tocante ao contrabando da madeira. Em ambos os casos, o descontrole da situação, não condiziam com os ideais de moralização e progresso da Pátria Nova. Além do mais, a utilização de mão-de-obra argentina e paraguaia, pelas companhias, fazia com que o Oeste ficasse mais ligado à política destes países do que propriamente do Brasil.

A nacionalização do solo e sua integração econômica e política ao "corpo social", ou seja, aos "ideais nacionais", entravam na ordem do dia. Nesse contexto, pode-se compreender a ação de Othon Mader, prefeito nomeado para Foz do Iguaçu, primeiro município do extremo Oeste, em distribuir gratuitamente jornais de Curitiba nas repartições públicas e em entidades particulares como o "Oeste Paraná Clube", de Foz e o "Clube Social", de Guaira.<sup>10</sup>, como uma tentativa de "quebrar" a visível influência política dos países vizinhos e integrar os hábitos regionais.

Medidas "políticas" não tardaram. A comissão "Zeno Silva", encarregada de verificação local das condições regionais, leva a questão do domínio estrangeiro ao debate na Assembléia Legislativa e na Câmara dos deputados, numa mobilização que resultaria num significativo artigo da Constituição de 1937 que criava a Faixa de Fronteiras.<sup>11</sup> Essa faixa coloca uma vasta parcela do extremo oeste sob circunscrição do Governo Federal, com o intuito de garantir a autonomia nacional, diante da "ameaça" externa.

---

<sup>10</sup> - Citado por SPERANÇA, Alceu. **Cascavel a História**. Curitiba, Lagarto, 1992. p.104.

<sup>11</sup> - A Faixa de Fronteira passaria pelos atuais municípios de Foz do Iguaçu, Clevelândia, parte de Palmas e Guarapuava. A esse respeito consultar SILVA, Oscar et alii. Toledo e sua História. Toledo, Prefeitura Municipal, 1988.



A nacionalização das Fronteiras passou a ter prioridade nacional. Essa constatação já fica claro com a criação da Faixa de Fronteiras. No entanto, partir do Estado Novo, elas se engendram com preocupações com a densidade populacional. Com intuito de aliviar a concentração urbana, é desenvolvido o programa "Marcha para o Oeste". Visando a "interiorização do governo" num sentido administrativo, de um lado tinha como objetivo a contenção do êxodo e, de outro, o incentivo às populações empobrecidas de retornarem à vida rural.

A Marcha para o Oeste, foi também o título de uma obra escrita por Cassiano Ricardo<sup>12</sup>, contemporâneo de Getúlio Vargas. Nesta obra, o autor retoma o mito da nacionalidade brasileira firmada pela convivialidade racial, para afirmar a supremacia do branco europeu. O índio como guia, o negro com as qualidades braçais e o branco, que impunha a bandeira da conquista. Dessa maneira, como que dando suporte ao projeto político do Estado Novo, a obra reafirma a conquista européia no Oeste Paranaense.

Uma vez verificado "in loco" a fertilidade da "terra roxa" e sua potencialidade econômica em relação à exploração das reservas florestais, percebeu-se e divulgou-se a sua viabilidade da "Marcha", para a economia nacional. A recorrência a esse mito, faz com que essas representações adquirissem notável circularidade entre os vários grupos sociais. Sinônimas de progresso, essas representações instituíram-se por vários meios e agentes. As crônicas locais, as Ciências Sociais principalmente a Historiografia deste período, dão visibilidade às múltiplas leituras deste discurso.

Este é um momento em que é concebida a atuação de um Estado mais presente. No plano local, ações mais diretas contra as

---

<sup>12</sup> -RICARDO, Cassiano. **A Marcha para o Oeste**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1940.

empresas estrangeiras foram adotadas pelo Interventor, trazendo ao controle oficial as práticas estrangeiras "soltas". Um acompanhamento mais próximo das atividades das Companhias com um corpo de burocratas, relatórios, etc., em alguns casos isso implicando em cancelamento de algumas concessões, justificando-se "(...)sobretudo com base na inoperância e não cumprimento das cláusulas contratuais."<sup>13</sup> Tal procedimento parecia fazer eco à convocação e máximas do discurso do líder maior da Revolução, Getúlio Vargas, quando convocava "(...) todas as categorias sociais, de alto a baixo, sem diferenças de idade ou de sexo, (para comungarem) comungaram em um idêntico pensamento fraterno e dominador: - a construção de uma Pátria nova"<sup>14</sup>. No plano local o discurso de exaltação do trabalho e da ordem moral e material eram (re)lidos como os pilares de uma nova edificação.

A ênfase na ética liberal não é um discurso exclusivo de Getúlio Vargas. Nesse momento de articulação, ele está rodeado por vários "vultos nacionais". Osvaldo Aranha, amigo dos pequenos círculos, lhe aconselhava, num momento decisivo da instalação da Aliança que "nada se pode esperar das leis, que não são praticadas, menos dos homens que são os seus violadores. Onde a lei não é cumprida, o governo assenta no arbítrio e na força ... A desordem material é a resultante de uma maior anarquia moral. Não havendo ordem é impossível o progresso".<sup>15</sup> É difícil afirmar que Osvaldo Aranha fosse sua "fonte de inspiração". Contudo, percebe-se que havia uma matriz comum que referendava os discursos de ambos, desdobrando-se em práticas políticas e, neste caso, em um modelo de reordenamento social.

O discurso da ordem é uma matriz que circula pelo imaginário daqueles que pensavam um modelo de República, como tem demonstrado

---

<sup>13</sup> - BALHANA, Altiva Pillati. Et. alii. **História do Paraná**. Grafipar, 1969. p 219.

<sup>14</sup> - VARGAS, Getúlio. **Manifesto à Nação**. Assembléia Legislativa do Estado. Arquivos. 3-11-1930.

<sup>15</sup> - Trecho da Carta enviado por Osvaldo Aranha a Getúlio Vargas em 13/09/1930. Arquivo Osvaldo Aranha: Cod.OA300913/1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

José Murilo de Carvalho<sup>16</sup>. O historiador gaúcho Pedro César Dutra Fonseca, ao analisar o discurso político deste período, observa que este é profundamente marcado por um modelo de positivismo caracterizado pela (...) busca de leis através de fatos empíricos, geralmente históricos, capazes de dar conta da evolução e da organização da sociedade, impregnados pelo espírito cientificista do século XIX."<sup>17</sup>

O positivismo gaúcho, ao qual estão filiados Getúlio Vargas e a "geração de 1907" como João Neves da Fontoura, Flores da Cunha, Lindolfo Collor e Osvaldo Aranha, caracterizou-se por mostrar um guia prático de ação/orientação das medidas administrativas. Segundo Pedro César, esse modelo gaúcho sofre influências da analogia Spenceriana entre sociedade e organismo na qual a sociedade figura como um grande corpo vivo composto por instituições, família ou classes, onde o desempenho sincrônico dessas partes teriam por fim o bom funcionamento do conjunto social.

A sociedade, segundo essa concepção, estaria marcada por uma evolução subjacente à ordem, à sincronia. Ou seja, a sociedade deveria evoluir sem tropeços nem rupturas, com progresso dentro da ordem. Nesta representação, o Estado figura como o cérebro, cujo papel de direção e organização deve ser exemplar, austero e eficiente com o fim de promover o progresso e a ordem. O cérebro, o governante, deve ser desinteressado, provocador do bem estar social, e especialmente provedor da assistência ao proletariado, classe desprotegida e inculta, no sentido de integrá-la ao corpo social.

---

<sup>16</sup> - CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

<sup>17</sup> - FONSECA, Pedro César Dutra. *Vargas: O capitalismo em construção*. São Paulo: brasiliense, 1989. p.51

No campo econômico, ainda segundo Pedro César, percebe-se uma aproximação ao capital estrangeiro na medida em que a visão positivista de progresso tecnológico e evolucionista do bem estar a concebem como possibilidade de promoção humana. Embora fosse praxe nesta "geração" o combate ao "laissez faire", essa aproximação delineia-se em incentivos inclusive fiscais ao capital estrangeiro com vistas à modernização do parque industrial nacional, figurando como um dos momentos mais expressivos da implantação do capitalismo no Brasil pois, "(...) o positivismo expressou um projeto, e as especificidades históricas não podem apagar seu traço mais essencial, qual seja, a expansão e consolidação do capitalismo e do poder burguês."<sup>18</sup>

A matriz presente nos discurso de Osvaldo Aranha e Getúlio, bem como de outros conterrâneos, está profundamente marcada pela filosofia Comteana como uma espécie de linguagem comum, delineada em práticas social do reordenamento político. Esta matriz, no plano regional, "permite" pensar a atuação firme dos intelectuais do Estado.

No Paraná, o positivismo também teve grandes professores. O maior esteio da escola paranaense foi Davi Carneiro que empenhou-se, sobretudo, pela "emancipação psicológica" do paranaense, identificado por ele como excessivamente "retraído e complacente", sugerindo uma necessidade de miscigenação com o elemento novo europeu, como meio de formação de um caráter firme, expressivo, sobre o qual se ergueria a nação brasileira:

"No paranaense, como homem que vive em sociedade e elemento formador de uma unidade política dentro da nação brasileira, há dois defeitos graves que se somam e que se confundem, chegando mesmo a inutilizá-lo para as grandes e arrojadas ações públicas. O primeiro

---

<sup>18</sup> - FONSECA Op. Cit. p. 76.

dêsses defeitos é o retraimento excessivo, uma espécie de misantropia que chega às raias de doença...O segundo defeito, talvez ainda mais grave, que o anterior, é a complacência, exagerada."<sup>19</sup>

O autor chama especial atenção para a necessidade de emancipação diante de um projeto contemporâneo: a necessidade de ser um elemento formador da sociedade brasileira. Mais adiante na sua *História Psicológica do Paraná*, ele identifica mais pontualmente, e com certa indignação: "Retrogradamos. E porque? Porque faltou personalidade; faltou diretriz; faltou chefia."<sup>20</sup> A seguir, diagnostica:

"Dois remédios para a cura desse mal: o trabalho material que um despotismo esclarecido poderia impor para que os inúteis... comessem um dia do que fosse irrigado com o suor de seu rosto - e o trabalho intelectual...para a superação de dificuldades técnicas"<sup>21</sup>

No plano contemporâneo, este discurso cria redes de poder cujas práticas se desdobram em formas de criação de possibilidades de progresso. A atuação do Estado, como déspota, neste modelo, é apontado como fundamental.

Os trabalhadores "nacionais" são também pensados como elementos formadores da sociedade brasileira. No Oeste, haveria necessidade de reafirmar, além das fronteiras, um melhor tratamento aos "trabalhadores nacionais". Neste sentido, o decreto federal 19.482, de 12 de dezembro de 1930 entrava em vigor no

---

<sup>19</sup>- CARNEIRO, David. *História Psicológica do Paraná*. Curitiba: Tipografia João Haupt e Cia, 1944, p7

<sup>20</sup>- Idem, p.10

<sup>21</sup>- Idem, p.16

Estado, proibindo, pelo prazo de um ano, o ingresso de passageiros na terceira classe e a exigência de pelos menos dois terços de trabalhadores brasileiros no interior das empresas estrangeiras. Estas medidas atingiam duramente as companhias argentinas, paraguaias e inglesas, então estabelecidas em todo o Oeste. Em decorrência, ou abandonaram suas atividades, ou tiveram que se readaptar às novas medidas, seja em relação ao uso da mão-de-obra,<sup>22</sup> ou, ainda, em relação ao uso das linhas até então de uso exclusivo no transporte da erva-mate e madeira, adaptando-as ao transporte de passageiros. O interventor no Estado, adotaria ainda medidas "enérgicas", cancelando todos os títulos de propriedades emitidos pelo governo imperial e aceitas pelas oligarquias republicanas de então.

Porém, o auge do "manto da revolução", foi a criação do Estado do Iguaçu, em 13 de setembro de 1943 pelo chefe nacional, gerando uma grande expectativa por parte dos vários grupos sociais então estabelecidos no Oeste. A historiografia, através da leitura de Alceu Sperança, manifesta uma grande expectativa local criada por essas medidas. Segundo ele, havia uma perspectiva de feudalização na criação do Território, pretendendo-se criar um "reduto gauchesco": "No sonho Getulista de criar aqui um feudo nitidamente gauchesco embalavam-se muitos colonos e posseiros que esperavam melhores dias."<sup>23</sup> A narrativa do autor, pelo limite do alcance de sua leitura, mostra que não trata-se de todos os colonos e posseiros, mas de alguns poucos, ou seja, não tratava-se da expectativa de todos os grupos sociais.

---

<sup>22</sup> - Tal foi o caso da empresa Mate Laranjeiras, dentre outras, que trouxeram "favelados" do Rio de Janeiro para implemento da "mão-de-obra nacional" exigida pelo governo Federal e cobrado pelos nacionalistas regionais. Também as linhas férrea sob o controle dessa empresa, até então de operação exclusiva no transporte da erva-mate e da madeira foi "nacionalizada", passando a servir no transporte de passageiros.

<sup>23</sup> - SPERANÇA, Alceu. *Iguaçu: O Território Federal, esperança dos gaúchos frustrada pelas oligarquias paranaense*. Revista Oeste, maio de 1986. p24.

Se aqui esta é a leitura possível, parece não ser a mesma expectativa que se criou no seio da política estadual. A "política" Curitibana, que não aceitava o desmembramento da parte oeste, movimentava suas lideranças na Assembléia e no Congresso para a "derrubada" do Território. Havia uma profunda preocupação com os laços do poder então estabelecidos, ameaçados de "ruptura".

Mesmo que a "capital", local de concentração da representatividade política, não comungasse com o separatismo, o interesse mais imediato do cotidiano de um público laboral, mais expressivamente se manifesta em relação à discussão sobre a sede da nova capital do Território. A questão da "estabilidade" desse público político estava em jogo. O status regional do município sede, revelaria, por detrás do simplesmente urbano, um espaço de significação estabelecido a partir de um campo de interesse social.

Finalmente, em 21 de setembro de 1944, o governo Federal, mediante o decreto 6.887, apontava Laranjeiras do Sul para ser a sede da capital, que então passaria a chamar-se "Iguaçu", atendendo a um artigo constitucional que impedia a instalação de "Capitais" em áreas próximas à fronteiras. Essa "intervenção" causou burburinho no seio político de Foz do Iguaçu que, para além da coincidência do nome "Iguaçu", argumentavam que havia a necessidade de Foz sediar a capital, por ser o centro convergente de todo o Oeste. As lideranças de Foz esperavam construir um pólo turístico regional, aproveitando o potencial hídrico do município, possibilidade que seria abreviada em sendo a cidade a sede da capital do Território. "Foz do Iguaçu seria a mais propícia para sediar, uma vez que lá já tinha um clero estruturado, um batalhão, etc. e além do mais tinha coligação com a economia de toda a região do Oeste" <sup>24</sup> A indicação de Laranjeiras pareceria "uma dupla

---

<sup>24</sup> - GALAFASSI, Dércio Galafassi. O entrevistado é descendente de pioneiros de Cascavel, residindo ainda nesta cidade, onde exerce forte influência política local e regional. Concedida em 24 /09/95.

traição". No entanto, estava mais próxima da capital e, obviamente, com entrelaços com o grupo político local.

Também Aparecida dos Portos reivindicava a necessidade de sediar o território. A cidade era, então, reconhecida como uma "cidade progressista", representação que perpassa não só a retórica dos discursos políticos mas também documentos oficiais e a literatura em geral, o que se justificava a partir das qualidades laborais da comunidade local.

Com a criação do Território há um redimensionamento geográfico, e a oficialização de denominações das cidades e pequenos povoados. Aparecida dos Portos<sup>25</sup> também sofreu alterações. Segundo os planos do Governo Federal, chamar-se-ia Guairacá. Entre o público político se percebe um certa agitação, não agradando a "imposição" do novo nome, contudo, agradava a idéia de mudança. Na verdade, "Aparecida" não era um nome de consenso. Os mais antigos do lugar sempre usaram a denominação "Cascavel" por estar historicamente ligado às raízes do tropeirismo, forma de vida semi-nômade que marca um passado próximo de heroísmos e conquistas. Aparecida fora um nome atribuído por Monsenhor Guilherme Maria, prelado de Foz do Iguaçu, na ocasião em que um comerciante, José Silvério de Oliveira, encontrara uma imagem de Nossa Senhora num cruzamento entre duas "picadas" no interior da mata. Como se fosse um pedido da santa, uma capela foi construída, em torno da qual, alguns anos depois, formou-se a futura cidade de Cascavel. Esse vilarejo era insistentemente chamado pelos clérigos

---

<sup>25</sup> - A polêmica estabelecida em torno do nome da cidade persistirá até o momento da emancipação do Município. Anterior ao descobrimento de José Silvério de Oliveira, que percorrendo os caminhos abertos para a extração da erva, num entroncamento deste com as picadas abertas pelo batalhão de Foz do Iguaçu, denominado de "encruzilhada", esta já era chamada de Cascavel, nome herdado de tropeiros que passavam a noite em torno de um pequeno riacho, o "riacho das cascavéis". No entanto, Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, prelado de Foz do Iguaçu, achando o nome relativo com o símbolo do mal e acreditando ser de vontade da Santa, batiza a pequena cidade, ainda em formação, de Aparecida dos Portos.



de "Aparecida", contrapondo-se à vontade dos colonos, pretendendo-se que fosse abandonado o nome Cascavel, por lembrar a serpente, símbolo do mal. Tal representação também perpassa pela historiografia, por lembrar o "(...) Bíblico desastre da humanidade em pecado...",<sup>26</sup> Esse embate a primeira vista corriqueiro, revela uma tensão entre o bem e o mal no que se refere à nominação simbólica do cotidiano. A atuação dos clérigos como vigilantes de almas, portanto de condutas, "autorizava" este tipo de intervenção. No entanto, neste caso, venceu o heroísmo do passado.

Frustrando as expectativas locais, Getúlio Vargas cairia aos 25 de outubro de 1945, sem que se efetivasse o Território e a ordem pretendida fosse estabelecida. O Território persistiria até a nova constituição. Devido à articulação de lideranças do Paraná e Santa Catarina, o Território do Iguaçu é extinto, sendo mantidos os de Guaporé e Roraima, na mesma ocasião criados. Segundo o Deputado Federal e constituinte da época, Bento Munhoz da Rocha Neto, mais tarde eleito governador do Estado, "A emenda teve apoio de toda a bancada paranaense, constituída de pessedistas, udenistas, perreiristas e petebistas, todos se lançando com o mesmo elã no grande combate paranaense. Foi um absurdo monstruoso a criação do Território e sua extinção não prejudicou, ao contrário, favoreceu o crescimento da região."<sup>27</sup> Essa visão, no entanto, parece não ser partilhada pelas lideranças locais, como já ressaltamos. Na análise de Dércio Galafassi, descendente de uma das famílias pilares do cotidiano de Aparecida dos Portos, "Nós perdemos a oportunidade de ter aqui um Estado. Eu tenho certeza que, se tivéssemos conservado o Território, seríamos diferente. Não conseguimos..."<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> - SPERANÇA, Alceu. *Cascavel a História...* Op. Cit. p. 25

<sup>27</sup> - NETO, Bento Munhoz da Rocha. assembléia Legislativa do Paraná. Arquivos. Autor da Emenda que suprimiu o Território Federal do Iguaçu na Constituição de 1946.

<sup>28</sup> - GALAFASSI, Dércio. Entrevista concedida em 25/09/95.

Enfim, esta rede de representações que se estabelecem entre os vários grupos e agentes sociais veicula a imagem construída do Eldorado, da fertilidade, da ordem e do progresso. Práticas oficiais podem, então, ser visualizadas como a construção de ferrovias, rodovias e o extrativismo da madeira que encontraria até o final da década de 50, a sua maior euforia. Observa-se, por conta disso, um grande deslocamento de sulistas para as áreas de colonização. O oeste era, de fato, construído/percebido como uma "Terra de Promissão". Com certeza, no entanto, outras leituras são autorizadas, a partir destes discursos.

Com a extinção do Território do Iguaçu, o governo do Estado do Paraná, na pessoa de Moisés Lupion, tomou novamente a iniciativa de colonização, criando a Fundação Paranaense de Colonização e Imigração. No texto da lei, são bastante expressivo os elementos de recorrência dessa construção cultural:

"(...)considerando a necessidade de ser intensificada a colonização do território Estadual; considerando a existência em países europeu de grupo de imigrantes, úteis e laboriosos, muitos providos de recursos financeiros e industriais próprios; considerando os interesses nacional pela importação de braços para a lavoura e a pecuária; ...fica o governo autorizado a instituir, com patrimônio próprio, uma Fundação denominada de Fundação Paranaense de Colonização e Imigração(..)"<sup>29</sup>

Nessa reinvestida oficial, é particularmente destacada uma leitura da laboriosidade do europeu frente à demanda que se estabeleceu no Oeste: mão-de-obra e capital. Trata-se de uma representação de grande circularidade e interesses variados no cotidiano que, de um lado, poderia ser uma recorrência às

---

<sup>29</sup> - ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO. decreto-lei 646. Arquivos.

representações dos anos 10 e 20 em relação a grande expectativa que se criou em torno dos "braços" europeus na industrialização paulista, ou uma reelaboração diante da tradição sulista do trabalho com a pequena propriedade. Em ambos os casos, a exaltação do labor europeu é a questão de fundo, reconstruída diante desta situação singular, como faz lembrar o Plano de Colonização da Maripá:

"Todo o capital, afim de produzir rendimento, precisa fazer-se acompanhar da mão-de-obra...O trabalho, pelo homem que realizará a transformação destas matas em núcleos de civilização e centros produtores...é indispensável que a mão-de-obra seja esmerada. Esse agricultor descendente de imigrantes...é o elemento humano destinado a realizar grande parte desta tarefa.<sup>30</sup>

É possível, perceber ainda, que há uma grande intimidade entre o ideal fraterno e moralizador do reordenamento político autoritário de consolidação do progresso via trabalho, concatenando ordem política e imaginário religioso quando a ética "esmerada" é apontada como meio e condição de transformação do inóspito em civilização.

Estava, finalmente, construída a fertilidade. A colonização seria uma consequência desta construção. No texto da lei e outras instâncias, a revelação da estratégia: mão-de-obra européia, justificadas nas suas qualidades de laboriosidade. Um novo combate seria travado.

## 1.2 - COLONOS, COLÔNIAS, CIDADES.

---

<sup>30</sup> - NIEDERAWER, Ondy Hélio. **Plano de Colonização**. Colonizadora Rio Paraná - MARIPÁ. Datiloscrito, 1955. p.4

A circularidade que as representações de laboriosidade européia ganham, criam várias nuanças no jogo social. Neste momento observa-se um grande fluxo de migrantes, especialmente sulistas. No caso de Aparecida as migrações ocorrem de forma espontânea, embora no âmbito regional, contassem com significativas iniciativas oficiais, sempre acompanhadas pelas empresas particulares que concebiam um "plano" para o assentamento dos colonos. As terras devolutas da União ou então adquiridas do governo eram revendidas em lotes ou chácaras aos recém-chegados, caracterizando o que se convencionou chamar de pequena propriedade familiar. Destacam-se neste sentido a Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná(Maripá) e a Pinho e Terras,<sup>31</sup> que além do trabalho de medição e comercialização, tratavam da arregimentação de colonos nas cidades gaúchas e catarinenses. Assim procediam para não incorrer em divulgações "ruidosas, para não atrair aventureiros"<sup>32</sup>. Há que se notar que, neste período, já se observava um fluxo significativo de caboclos, paulistas, cariocas e nordestinos, registrados pela historiografia paranaense como "frentes" caboclas e nordestinas. Segundo a mesma historiografia, essa preferência ao trabalho europeu, ocorre "devido a sua experiência com o amaino da terra"<sup>33</sup>. O historiador Davi Carneiro, no seu afã de consolidação da sociedade brasileira, vai mais longe. Recorre ao elogio de Saint Hilaire aos "Campos Gerais" quando, em 1820 o denomina "Paraiso", para identifica-lo como obra de "Alemães de sangue, poloneses de sangue, italianos de sangue." Além do mais, esse europeu é representado como capaz de construir o elemento paranaense na medida em que "(...)incorporaram os elementos arredios...capazes da mais feia das traições com relação

---

<sup>31</sup> - Segundo relatório de Lothário Bracht, tanto a Maripá quanto a Pinho e Terras surgiram no Oeste em 1946. A diretoria da última era composta por Alfredo Paschoal Ruaro, Alberto e Luiz Dalcante Filho, recebendo com primeira incumbência a medição e assentamento em 50.000 hectares pertencentes a Teodoro M. Soldati, no lugar chamado de Lopei.

<sup>32</sup> - Apud: BALHANA, Altiva P. Op. Cit.

<sup>33</sup> -Id. Ibid.

ao Brasil, a preguiça".<sup>34</sup> Na sua leitura, o atraso e incapacidade do paranaense é o jeito de ser dos "primitivos" caboclos. "Os descendentes de famílias primitivas, pois, são, dêsse gênero, isto é, preguiçosos, indolentes, ferrados ao emprego público e tendendo à estabilidade contemplativa que o meio acoroça. (sic.)"<sup>35</sup> Esses discursos caracterizam bem uma preferência étnica aos "laborais trabalhadores sulistas" e a circularidade orgânica que adquirem na significação cultural.

A qualificação européia é construída como contraponto à desqualificação do trabalho de outras categorias e etnias de trabalhadores. No discurso da Maripá, o caboclo, migrante dos campos de Guarapuava, alcunhado de "pelo duro", "pé rachado" e outros, é representado como tacanho, incapaz de integrar-se aos planos de colonização: "(...) por não dispor de qualquer condição de adquirir terras, o caboclo excluía-se a si próprio dos planos da Maripá, a não ser que permanecesse como trabalhador braçal."<sup>36</sup> É fácil perceber a racionalização construída para justificar a exclusão como simplesmente econômica. O jargão "pelo duro" e o "excluir-se" bem expressam e identificam a intencionalidade: a negação dos não laborais. Ao mesmo tempo, ao expressar a propriedade como condição de pertencimento a um grupo social, percebe-se também, a recorrência à ética liberal dos homens industriais, capazes de iniciativa. É com esta racionalidade que a Colonizadora revela que "(...)fazia-se necessário tentar realizar uma seleção, escolhendo, se possível, os homens de maior valor produtivo...retardando o máximo possível a penetração desses elementos (aventureiros e parasitas) dentro de um setor novo e são."<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> - CARNEIRO, David. Op Cit. p.105.

<sup>35</sup> - Idem, Ibidem

<sup>36</sup> - NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Relatório Final- Plano de Colonização da Maripá*. Apud: SILVA, Oscar. Op. Cit.

<sup>37</sup> - NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Plano de Colonização*. Op. Cit. p.5

O trabalho das colonizadoras não encontravam de forma alguma, oposição no Estado, embora contra elas se avolumassem processos no Fórum local especialmente, no caso de Cascavel, contra a Pinho e Terras<sup>38</sup>. A principal acusação remetia à inadimplência em relação à emissão dos títulos de propriedades e assentamentos dos colonos. De certa forma eram elas que garantiam aquilo que há décadas não se conseguia inclusive com iniciativas oficiais: a colonização. Esse quadro acabou favorecendo a prática da grilagem e da posse, uma vez que a própria ação jurídica criava "brechas" para a legitimação de propriedades. Convencionou-se que através do relatório do Comissário de Terras comprovando a edificação de benfeitorias, o juiz da comarca poderia expedir a escritura pública, após instaurado processo. Essa perspectiva pode ser vista nos vários processos das décadas de 60 e 70, onde é bastante expressiva a preocupação dos advogados de defesa e acusação em provar que seus clientes tem "morada habitual e cultura efetiva", pois esta era uma exigência legal sobre a qual se fundamenta a representação da pequena propriedade. Contudo, este referencial é exaurido das argumentações processuais à partir de meados da década de 70, o que demonstra que a concepção de propriedade sofrera alguma espécie de redefinição diante do novo reordenamento político. No entanto, a voracidade dos vários grupos sociais pela posse da madeira nobre, geraria um clima de terror, em que o "posseiro" seria a grande vítima.

Com a atuação das colonizadoras e do Estado no trabalho de assentamento, observa-se a formação de vários núcleos urbanos, inclusive em outras regiões do Estado do Paraná. Embora Cascavel não esteja "enraizada" neste tipo de planejamento, sendo considerada de "colonização espontânea", observa-se o mesmo fluxo étnico e a tendência à urbanização. Esses nucleamentos

---

<sup>38</sup> - Foi um local intenso de leituras de processos o Cartório Civil, Comércio e Anexos de Cascavel, hoje funcionando juntamente ao Fórum do Município.

"promissores" acabavam por atrair sujeitos de várias qualificações profissionais, como comerciantes e trabalhadores de outras qualificações, funcionários de estatais, como operador de telégrafo, dos correios e da viação e agentes das várias religiões. Isto favorece a formação de um quadro de personalidades, que compõem um cenário político, configurando um determinado público que pensam a gestão e exercício da coisa pública. Essa formação possibilita a criação de um espaço onde os privados se agrupam como público, cujo estatuto é a disposição da propriedade e do prestígio, caracterizando uma autonomia privada e uma consciência de si mesmos, solidificando uma personalidade culta que, segundo os estudos de Habermas, se realiza em três momentos: o caráter voluntário, comunidade de afetos e a educação, consolidando um conceito de humanidade que deve ser inerente aos homens como tais.

Para esse autor, o conceito de humanidade está intrinsecamente ligado a idéia de emancipação psicológica criando uma falsa impressão de autonomia da família burguesa em relação as coações sociais. Esta, no entanto, não passa de falsa impressão devido à própria força do campo econômico, pois, quando a rentabilidade é o pressuposto da participação na organização e decisão na esfera pública, mais se submetem a uma racionalidade da esfera do trabalho e da troca de mercadorias. Essa liberdade aparente das coerções sociais "(...)é a confirmação da verdade de uma autonomia privada exercida na concorrência."<sup>39</sup> No entanto é essa autonomia que produz na família burguesa a consciência de si mesma, porque parece fundada voluntariamente e por indivíduos livres, numa comunidade de afetos dos dois cônjuges que assegura o "(...)desenvolvimento desinteressado de todas as capacidades que caracterizam a personalidade culta."<sup>40</sup> Em Aparecida dos Portos, os "esteios" de uma sociedade urbana seriam iniciadas por famílias

---

<sup>39</sup> - HABERMAS, Op Cit. p. 229

<sup>40</sup> - Idem Ibidem

"tradicionais" migrantes do Sul do país, cuja disponibilidade de capital intercambiava-se naturalmente com valores essencialmente de "humanidade" cristã, caracterizando uma visão de mundo e um jeito próprio de ser, qual seja o de organizar o cotidiano.

Um outro alicerce da construção do Oeste paranaense e, nesta formação urbana, encontra-se na presença e atuação de agentes do clero. Atuaram como verdadeiros divulgadores da fertilidade do Eldorado paranaense junto às pequenas comunidades camponesas em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Vários foram os personagens que se destacaram nesse trabalho "missionário" circulando entre os domínios das antigas prelações de Foz do Iguaçu e Laranjeiras do Sul.

A maioria também migrantes do Sul do Brasil, esses padres não mediam esforços para "povoar" regiões do Oeste do Paraná. Padre Antônio Marim, assim registra um dos vários trabalhos de divulgação de um seu conterrâneo, em Santa Maria: "(...) uma propaganda do Padre Hermógeno Borin, em Santa Maria, dizia que no Paraná o fumo dá folhas do tamanho da bananeira criada; um camarada perseguido pela onça, pode se defender trepando na rama da mandioqueira; para abraçar o tronco de certas árvores, precisam-se de cinco homens"<sup>41</sup> É ele também que faz relatos de várias viagens ao Oeste, "(...)umas de avião, até onde era possível, a partir de onde nós íamos de Jeep ou carroção. Pela manhã e à tardinha fazíamos as orações e durante o dia, muita lama pela frente"<sup>42</sup>.

A atuação destes agentes do catolicismo e o trabalho "não ruidoso" das colonizadoras, tem um momento de convergência: o europeu católico. Essa arregimentação, assim concebida,

---

<sup>41</sup> - Citado por REGINATO, Pedro. (Pe.) *História de Palotina-1954/1979*. Palotina, Prefeitura Municipal, 1979.

<sup>42</sup> - Idem.



fundamentam-se numa estratégia de correlações de poder diante da dinâmica do campo religioso. Padre Rafael Pivetta, alguns anos mais tarde, rememorando a atuação do clero local, afirmaria que:

"Felizmente com o aumento populacional e o avançar do progresso material, cresce pari passu o desenvolvimento cultural e religioso...para que nada viesse e venha a se perder da messe tão grande"<sup>43</sup>

O que está intrínseco na visão de Padre Pivetta é também o arrebanhamento de almas para a igreja católica: cresce o desenvolvimento cultural e religioso. Contudo, compartilha, como intelectual da instituição, inclusive, com uma visão de cristianismo como condição de civilização.

A atuação do clero não se resume somente à seleção dos colonos. Como membros efetivos junto a um certo público privado, eram verdadeiros líderes comunitários, sempre à frente da boa organização material das pequenas colônias em formação. No Oeste, Monsenhor Guilherme Maria foi o pioneiro, que sediado na Prelazia de Foz do Iguaçu, "prestava atendimento praticamente a todo o Oeste". Em Aparecida, Luiz Luise se prestará a ser o esteio da sociedade, sendo de sua iniciativa o planejamento e execução de obras não somente de cunho religioso, o que o vincula profundamente com a própria organização e consolidação das elites locais.

Italiano de Veneza, filho de agricultores, formou-se em Turim, na Congregação dos Padres Missionários de Nossa Senhora Consolata. Ordenado em 1938, iniciou suas atividades no Brasil mais precisamente em São Paulo, sendo posteriormente transferido para Erechim, no Rio Grande do Sul. A sua vinda para o Oeste deveu-se à que, Dom Manoel Konner, prelado de Laranjeiras do Sul, diante da

---

<sup>43</sup> - PIVETTA, Rafael. **Alguns acenos Históricos**. Diocese de Toledo. Datiloscrito. 1967.

"insistência dos colonos por assistência religiosa às famílias"<sup>44</sup>, solicita ao supervisor geral dos Padres Consolata através do envio de sacerdotes. Dessa forma, Luiz Luise, aos 4 de maio de 1952 chegava a Foz do Iguaçu, onde o madeireiro Florêncio Galafassi o aguardava para tomar posse do pequeno povoado.

Compreendido como um homem inquieto que queria ver as coisas acontecerem rapidamente, já "(...) no dia primeiro de julho, Luiz Luise, em reunião com os líderes comunitários oficializava a criação da nova paróquia"<sup>45</sup>. Enquanto a construção emergia rapidamente "graças ao engajamento da comunidade religiosa" o padre se preocupava com outras questões: "Logo que cheguei a Cascavel, notei a falta de transporte coletivo e de comunicação...pensei em como conseguir o serviço aéreo civil"<sup>46</sup>

A historiografia local atribui à sua iniciativa a construção do primeiro aeroporto de Aparecida, da primeira paróquia, a instalação da primeira usina hidroelétrica e da segunda cooperativa. Desenvolveu ainda as funções de prefeito municipal à partir da criação do município, em 1951 até o momento da primeira eleição em 1952.

Neste sentido, não se pode dizer que não houve uma íntima colaboração entre clero e Estado no processo de colonização, embora atentado à diferença de leitura que fazem. Note-se, sobretudo, que não há oposição em relação à preferência étnica pelos ítalogermânicos e poloneses: para os primeiros por serem católicos, para o Estado, por serem laborais. O elemento que os une é a ética do trabalho, fundamentada no discurso religioso: o

---

<sup>44</sup> - DELLA TORRE, Giocondo Pe. Entrevistado em 30/09/95.

<sup>45</sup> - SPERANÇA, Alceu. Op. cit.

<sup>46</sup> - LUISE, Luiz. Entrevistado por Alceu Sperança. Apud: Cascavel a História...Op. Cit.

trabalho dignifica o homem perante Deus. É uma forma "sui generis" de convivência da visão cristã e liberal de sociedade.

Nesse momento podemos fazer um retorno ao nosso editor após fazermos essa "arqueologia" da rede de representações e práticas que estavam sendo privilegiadas na sua visão de mundo, trazendo à luz as matrizes do discurso e das relações. Há uma fonte religiosa exaltando o trabalho como dom de Deus e virtude preferencial, que no jogo das relações e do poder, adquirem as mais variadas nuanças. Há o ímpeto de reformas sociais proposta como meio de pensar a Pátria que também fluem na sua representação. De certa forma, uma "estética" se compõe, criando uma certa aura que envolve alguns homens que circulam neste grupo social, caracterizando um modo típico do viver comunitário, cujo arquétipo é a família patriarcal.

Wilson Joffre Soares dos Santos, o editor, era o proprietário do Jornal "Diário do Oeste". Essa no entanto, não era a sua profissão. Formado em medicina pela Universidade Federal do Paraná, vindo a Aparecida em novembro de 1951 propondo um sistema de cotas para a construção do primeiro hospital em Cascavel. A idéia tomou força em torno de um certo público, servindo de "pretexto" para inseri-lo no centro de sociabilidades da colônia. A idéia de jornalismo viria uma década mais tarde.

A construção do hospital é reivindicada pela família Galafassi. Na verdade, Florêncio Galafassi adquiriu quase todas as quotas. Era um madeireiro que se instalara em Aparecida no ano de 1948, migrando do Rio Grande do Sul, donde trouxera uma filial da empresa Industrial Madeireira de Erechim, aqui com o nome de Industrial Madeireira do Paraná- IMAPAR-, para assumira a direção da extração de madeiras de Moisés Lupion, governador do estado. Era a primeira autorizada para a importação de madeiras no Oeste. "Meu pai tinha aproximadamente 3000 operários e lhe interessava a

construção do hospital"<sup>47</sup>. No noticiário local, o jornal "Paraná Oeste" com o título "População construirá hospital", mencionava a mais recente conquista comunitária, revelando que "a população estará melhor assistida na área da saúde, graças à construção do primeiro hospital para atender moradores da localidade, previsto para ser inaugurada no próximo ano de 1952, conforme empenho do médico Wilson Joffre e os comerciantes Ney Miotto e Hernesto Farina." No mesmo artigo, a fórmula encontrada para perfazer o capital: "(...) um consórcio de ações a serem adquiridas pela população ficando estipulado o custo de mil réis para cada uma, sendo que cada acionista terá direito à assistência médica gratuita para a família." E continuava o periódico: "(...) a Industrial Madeireira do Paraná fornecerá toda a madeira para a obra e em lembrança à padroeira da comunidade, a unidade médica levará o nome de Nossa Senhora Aparecida."<sup>48</sup>

Lembrado como um esteio da sociedade Cascavelense, não é a imagem de empresário bem sucedido de Florêncio Galafassi que melhor instigou a memória de seus convivas. É recordado "como um homem profundamente religioso, que doou terras e madeiras para as construções de igrejas e colégios religiosos. Mandou construir a primeira igreja, etc. Isso o tornou um homem respeitado e de admiração excepcional."<sup>49</sup> De fato, o jornal "Paraná Oeste" informava sobre a construção da primeira igreja, onde "A comunidade religiosa comemorou com grande festa a conclusão da igreja Nossa Senhora Aparecida... neste ano de 1950 alguns líderes comunitários, entre eles Vitorino Sartori, Florêncio Galafassi, Itacir Luchesa e Helberto Schartz,<sup>50</sup> com a colaboração da Industrial Madeireira,

---

<sup>47</sup> - GALAFASSI, Dércio. Entrevista concedida em 25/09/95

<sup>48</sup> - População Construirá Hospital. **Jornal Paraná Oeste**. edição Histórico-comemorativa. 21/12/90. p.07

<sup>49</sup> SPERANÇA, Regina. Entrevista concedida em 15/09/95.

<sup>50</sup> - Todos estes, com exceção de Florêncio Galafassi, exerceram cargos públicos, sendo Schwartz eleito prefeito para a segunda gestão, em 1956. Era também um

resolveram edificar o templo religioso.”<sup>51</sup> O mesmo artigo dizia que uma comissão movimentava-se para a criação da paróquia e designação de um padre, já que o celebrante deslocava-se de Toledo. Foi um momento de acirramento das pressões pela assistência religiosa local.

Nos primórdios da pequena cidade de Aparecida dos Portos, era grande a circulação dos padres pela região. Dom Manoel Konner, que atendia as várias colônias do Oeste, não havia se preocupado com instalações para os religiosos, uma vez que a população local se encarregavam de alojá-los. Quando em visitas a Aparecida, se hospedavam com a família Galafassi. “O trabalho religioso era uma coisa meio de berço. Meu pai, minha mãe e meus irmãos sempre viveram envolvidos em trabalhos missionário, com vocações, etc. Ainda no rio Grande do Sul, na casa velha, há um aposento que todos chamamos o quarto do padre. Aquele ninguém ocupa. Ainda hoje alguns padres amigos nossos vão lá para descansar.”<sup>52</sup>

O trabalho da comissão em prol da criação da paróquia logo produziria resultados. Um, apelo a Dom Manoel, traria a Aparecida o padre Luiz Luise da congregação Consolata. Proveniente de Erechim onde atuava em comunidades agrárias, chegou em Foz do Iguaçu, único município servido pela viação, onde o aguardava o madeireiro Florêncio Galafassi. Como não haviam construído a “Casa do Pastor”, hospedou-se na casa deste por aproximadamente seis meses. No dia 10 de julho de 1952, era oficialmente criada a paróquia de Nossa Senhora Aparecida.

A sua atuação foi definitiva para a consolidação do pequeno povoado, pois a partir de então, esteve por trás das grandes

---

madeireiro que viera a Cascavel para dividir a direção da Industrial Madeireira com Florêncio Galafassi.

<sup>51</sup> - Construída primeira Igreja. **Jornal Paraná Oeste**. Edição Histórico Comemorativa. 21/12/90.

<sup>52</sup> - GALAFASSI, Dércio. Entrevista em 25/09/95.

conquistas de Aparecida, como a criação do aeroporto local, da emancipação política, criação da igreja matriz, hoje Catedral Nossa Senhora Aparecida, idealizador da primeira usina hidrelétrica e da segunda cooperativa de pequenos agricultores do Oeste, além da fundação de inúmeras capelas espalhadas pelo perímetro de abrangência da sua paróquia, marcos fundamentais para a instituição do catolicismo.

Aparecida dos Portos era, assim, constituída em torno de uma forte estrutura econômica extrativista, dando contornos a uma elite que aspirava a novos espaços de participação nas decisões políticas da vida pública. A maior reivindicação que reunia um coro de vozes, se fazia em torno da emancipação política da pequena cidade, pois, como informava um periódico local que diante do "(...) vertiginoso progresso que se opera e a vinda de novas famílias, os líderes da comunidade estão encabeçando um movimento para que Cascavel seja elevada à condição de Município."<sup>53</sup>

Essa iniciativa seria consolidada aos 14 de novembro de 1951, quando governador Bento Munhoz da Rocha Neto, mesmo autor da supressão do Território Federal, embora a instalação ocorresse somente 12 meses depois. Festivo, o Paraná Oeste, afirmava que "(...) foi o coroamento do sonho de pioneiros que chegaram em busca de uma nova vida, despertando com o contínuo crescimento, a necessidade desse vilarejo ter vida própria."<sup>54</sup> Ter vida própria é o desejo de um certo público que introjeta no processo de emancipação, urbanização, industrialização as nuances do seu imaginário profundamente marcados pela visão liberal dos livres proprietários e industriais agentes. Com a emancipação estava definitivamente abandonado o nome de Aparecida dos Portos, e dada

---

<sup>53</sup> -Cascavel quer Emancipação. **Jornal Paraná Oeste**. Cascavel, edição Histórico Comemorativa. 21/12/90. p.6

<sup>54</sup> - Cascavel é Município. **Jornal Paraná Oeste**. Edição Histórico comemorativa. p.07

a senha para uma maior articulação dos interesses das figuras ilustres em torno do poder político e econômico, se configurando um momento bastante expressivo das rivalidades internas.

Na medida em que a cidade crescia, aumentava o fascínio que ela exercia sobre as pessoas. Num artigo publicado pelo **Jornal do Oeste**, a cronista Rosa Maria vislumbra de forma exuberante as transformações sócio-econômicas que perpassam Cascavel e o Oeste paranaense.

"Finalmente o ruído das máquinas, dos modernos veículos a rodopiarem entre o vai e vem do formigueiro humano na luta cotidiana. Senti-me outra vez orgulhosa de ti, minha cidade rainha. Retrocedendo 20 anos quando te conheci, estava ainda de fraldas: crescestes depressa um tanto desordenada, sob nosso olhar de ânsia e curiosidade; sem darmos conta, te transformaste na moça mais bela e mais querida da região Oeste. És a rainha, Cascavel."<sup>55</sup>

Na desejada modernidade, a recorrência a uma utopia do progresso característica de uma forma discursiva do remodelamento social. Imagens que perpassam: carros, máquinas e formigueiro humano. É uma ansiedade que demonstra o desejo daqueles que querem ver e fazer o progresso acontecer. É necessário lembrar novamente que os sujeitos não criam os seus discursos; recorrem aos "modelos" disponíveis conforme seus interesses mais imediatos. A representação da modernidade é a urbanização barulhenta. O imaginário de prosperidade se perspectiva como crescimento, barulho, máquinas.

Esse interesse que perspectiva o imaginário, por outro lado, é a dinâmica da circularidade cultural. Se por um lado, essa imagem

---

<sup>55</sup> - ROSA MARIA. Cidade Rainha. Crônicas. **Jornal de Cascavel**. 17 de agosto de 1971.

de modernidade em alguns criam desejos, em outros causa ansiedade. Jilvo Heck, numa crônica publicada pelo **Jornal de Cascavel**, recorre ao mito da convivência pacífica, da igualdade comunitária, para pensar a "ordem e progresso" como condição da modernidade.

"(...) as nações deviam se unir e proclamar um ato histórico: nesse dia todas as armas seriam queimadas. A tecnologia não se preocuparia mais com a fabricação de armas e sim, como está começando no Brasil, com a fabricação de máquinas úteis ao desenvolvimento do homem...Depois de quebrada as espadas e fabricadas as enxadas, trabalharíamos como irmãos criando o verdadeiro homem e não vegetos que lutam pela sobrevivência sobre a podridão da terra. Graças à nossa civilização, o Brasil, o Paraná, Cascavel estão rumando para essa meta alvissaneira."<sup>56</sup>

É necessário lembrar que estes discursos estão sendo produzidos diante de uma situação singular. Cascavel está vivendo a década de setenta, onde se presencia transformações bruscas na rotina da sociedade local. A madeira já deixara de ser a principal atividade econômica regional, figurando a agricultura definitivamente como atividade principal, não mais de subsistência, como outrora. O "ruído das máquinas" vislumbram a desejada civilização, através da substituição das armas pelo trator, imagem da tecnologia, portanto do progresso. É o desejo de sepultar a imagem do terror que a busca pela posse da terra e da madeira havia criado de Cascavel. Ao pensar em "vegetos", Jilvo reprova um significativo número de desempregados, pedintes e menores que estão circulando no interior da urbe. A máquina, símbolo do trabalho, é sugerida como meio de superar esta "podridão".

Pensar a modernidade como o abandono das armas, parece bastante óbvio, quando estavam vivendo o período militar de

---

<sup>56</sup> - HECK, Jilvo. Crônica. **Jornal Fronteira do Iguaçu**, agosto 1972.



governo. Porém, é preciso notar que a marcha para o Oeste, teve um custo caro. Houveram muitos crimes, muitas cenas de violência. Na historiografia e nas memórias, há um jargão construído: terras de jagunço. As memórias do juiz substituto da comarca, Epifânio Alves de Figueiredo confirma esta versão: "havia muito crime. A tônica aqui era crime. De todas as ordens. Muito homicídio, todo mundo andava armado... o pior era o jaguncismo oficializado. Eram as instituições oficiais com jagunços lá dentro. Cascavel era um verdadeiro Faroeste."<sup>57</sup> Essas singularidades parecem ser motivações da cotidianidade que servem de parâmetros para pensar a modernidade. Neste momento a inovação tecnológica é percebida como positividade, enquanto capaz de superação de problemas local, perspectivada através da visão de uma nova sociedade de homens "irmanados", laborais e virtuosos.

No cotidiano da cidade desejada, medidas "saneadoras" eram requisitadas. Havia uma preocupação com a expressividade da moralidade e do labor dos cidadãos, diante da aparição de outros personagens no dia-a-dia das mesmas cenas. Percebe-se uma acentuada preocupação com a prostituição, percebida como uma miscelânea de ameaça à integridade das famílias e de higienização dos centros urbanos. A "vadiagem" é tratada como caso de polícia.

Na coluna "Ocorrências policiais", o Paraná Oeste divulgava que

"Por estarem fazendo coisas feias do amor em público, foram detidos e encaminhados ao plantão policial de Cascavel o romântico L.C.M com as vadias M.P. e L.C. O fato ocorreu defronte ao Banco do Brasil e os moradores não gostaram nada da apresentação da cena amorosa, tanto que pediram providências à 'justa'..."

---

<sup>57</sup> - FIGUEIREDO, Epifânio Alves de . **Entrevista concedida ao Jornal Hoje**. 09 de jan. de 1982.

"O cidadão A.R., registrou queixa dizendo que teve sua carteira 'afanada' por uma vadia enquanto bebia com os amigos num bar da cidade...essas pessoas de conduta duvidosa estão crescendo e em todos os lugares da cidade."<sup>58</sup>

A referência ao "romântico" e "cidadão" remete também a uma questão de gênero. Mas é interessante notar a "vadiagem" fazendo afrontamento à integridade moral ao modelo prescritivo do viver comunitário.

Essa questão foi motivo de intervenção política. Nas atas da Câmara Municipal, registrava-se que no dia 23 de abril de 1973, chegava à Câmara de Vereadores, um abaixo assinado, pedindo "à egrégia Casa" medidas urgentes "pois a zona era um local de péssimo exemplo além de localizar-se ao lado de moradores honestos, de índole, que ganham a vida corretamente..." Posteriormente, o Paraná Oeste noticiava que

"(...) atendendo ao pedido de famílias de bem, a Delegacia de Polícia deverá impor a mudança de localização da zona de meretrício para fora do perímetro urbano...Também será determinado o horário de funcionamento. Com essas medidas visa-se abolir a vadiagem...A população está contente com essas medidas, para dentro de pouco tempo a cidade ter as coisas em seus devidos lugares..."<sup>59</sup>

A higiene da cidade da cidade é também uma preocupação manifesta. Os carroções, comuns como meio de transporte desta população rural, passam a ser vistos como problemas, por tirar a boa aparência, representar riscos de acidentes com automóveis,

---

<sup>58</sup> -Amor em praça deu cana. **Jornal Paraná Oeste**. Edição Histórico Comemorativa. 21/12/90.

<sup>59</sup> - Idem. Ibidem.

além da "sujeira dos animais". Assim noticiava o "Fronteira do Iguaçu" que

"A evolução de Cascavel e o dinamismo da vida dentro dessa cidade faz com que o trânsito não ande mais em passos de tartaruga. Os veículos modernos por sua própria natureza são rápidos... Mais um fato faz que mude o dinamismo deste aspecto moderno e aumente o número de acidentes no centro da urbe. são as carroças puxadas a cavalo. Ainda a poucos dias vimos uma delas amassar um Opala...A carroça é um veículo superado para trafegar na cidade..."<sup>60</sup>

Também o Diário do Oeste chamava a atenção "(...) dos que possuem cães, pois nossa cidade está infestada de vira-latas que perturbam o sossego público e causam péssima impressão da cidade."<sup>61</sup>

A cidade, neste sentido, vai sendo significada como um espaço de civilidade<sup>62</sup> por um grupo social que se consolida em torno do poder político e religioso, compreendendo-a como um lugar da ordem pública, higienizada e moralmente íntegra. Vista como uma extensão de pessoas privadas que se reúnem como público, como tem dito Habermas, é a imagem da elite que se constitui. "Violá-la" é invadir uma construção simbólica, um significado construído, um espaço conquistado.

---

<sup>60</sup> - Carroças na rua. **Jornal Fronteira do Iguaçu**. 17 de out. 1971. p.05

<sup>61</sup> - Fiscalização agirá contra vira-latas. **Jornal de Cascavel**. abril de 1972. p.02

<sup>62</sup> Uso esse termo no sentido proposto por PECHMAN, Robert Moses em "Os excluídos da Rua: Ordem Urbana e Cultura Popular. In: **Imagens da Cidade - Sec. XIX e XX**. Org. Stella Bresciani. São Paulo, ANPUH/Marco Zero. Maio, 1994. p.29 ss.

### 1.3 - A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA AGRICULTURA

Essa situação emergente que caracteriza a região do Oeste paranaense no final da década de 60, trás um grande contingente de "desocupados" que perambulam pelas ruas das cidades e propriedades rurais em busca de alguma forma de ocupação. A madeira deixou de ser a atratividade principal e por outro lado, as grandes geadas que atingiram os poucos campos de café da região do Oeste, mas que causa grandes prejuízos ao norte, essencialmente cafeeiro. É nesse momento que paulistas, cariocas e nordestinos chegam em massa à Cascavel, via norte do Paraná, atraídos pelo propagandismo de facilidades de acesso a terras, embora agora não só atraídos pelo discurso do Eldorado, mas por uma retórica populista sobre a reforma agrária. A presença deste grande contingente é sentido pela comunidade local, não só porque representam um grande número de braços "desocupados" numa cidade sem estrutura de empregos e moradias, mas sobretudo por apresentarem características culturais diferentes. Galafassi os lembra como "forasteiros" que trouxeram outras religiões e costumes diferentes ao lugar: "Outras religiões que quebraram a predominância do catolicismo"<sup>63</sup>

Simultaneamente a esse desagregamento madeira/café, as grandes propriedades se lançam numa nova reorganização de exploração do solo: a tecnificação da agricultura. Na leitura do historiador Alceu Sperança, este contexto agrava a situação de agricultores da pequena propriedade, pois,

"(...) com o advento da mecanização, sobreveio a monocultura da soja em rotação com o trigo, golpeando a estrutura de pequenas propriedades e culminando com o aparecimento das grandes fazendas. A erradicação dos cafeeiros liberou vasta parcela de recursos humanos de

---

<sup>63</sup> - GALAFASSI, Dércio. Entrevista concedida em 25/09/95

preparação rural, gerando os bóia-frias que se somaram a um crescente exército de famílias expulsas da terra pelo avanço do latifúndio”<sup>64</sup>

Para Galafassi, no entanto, “Houve uma feliz coincidência com o término da madeira e o surgimento da mecanização. Desnudando essa terra apareceu a fertilidade, e com isso houve o crescimento porque coincidiu com esses que já tinham a terra e a mecanizaram.”<sup>65</sup> Tem razão Roger Chartier ao afirmar que os vários sujeitos imersos numa situação singular, fazem dela interpretações as mais diversas, segundo o seu lugar no jogo de interesses pois “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros...” e que estas percepções estão sempre (...) colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.”<sup>66</sup>

As representações que fazem as elites nesse momento, encontram respaldo no reordenamento desenvolvimentista propagada pelo governo “revolucionário” que se instalou em 64. Esta “nova” remodelação social “desenvolvimentista” está incorporada no discurso e práticas, especialmente destes sujeitos públicos que parecem percebê-las como uma grande perspectiva de consolidação de seus ideais, como manifesta Antônio Cid. Para ele, “a atuação dos militares nos trouxe grandes esperanças... foi benéfico pois nos trouxe maior segurança.”<sup>67</sup> Também Dércio Galafassi destaca a segurança como contribuição maior:

---

<sup>64</sup> - SPERANÇA, Alceu. *Depois da Madeira, a vez da pecuária*. In: Revista Oeste. n.º 30, 1986. p.52.

<sup>65</sup> - GALAFASSI, Dércio. Entrevista... Op. Cit.

<sup>66</sup> - CHARTIER, Roger. *A História Cultural* - Entre práticas e Representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, Bertrand, 1990. p.17

<sup>67</sup> - CID, Antônio. Entrevista ao “Projeto Memória”. Associação Educacional do Oeste do Paraná - ASSOESTE. 1982. O entrevistado foi professor e Diretor da primeira escola “privada” de Cascavel. Exerceu diversos cargos públicos.

"A presença de militares impôs uma ordem maior em todos os sentidos, inclusive nos conflitos de terra...muita gente encontrou paz para trabalhar...a economia regional carecia de rodovias modernas e atenção do governo federal, uma vez que o próprio Estado não nos dava e do combate a esquerdistas que infestavam a região, com idéias absurdas de reforma agrária. Cascavel não necessitava de reforma agrária, precisava sim é de gente que trabalhasse..."<sup>68</sup>

Também neste sentido parece apontar a opinião do público do **Frenteira do Iguaçu** que dedicava uma página inteira do periódico, destacando que "A gente brasileira é hoje grata e reconhecida à gloriosa revolução de março de 64..."<sup>69</sup>

Na mesma ocasião, o prefeito Municipal da vizinha Toledo, congratulando o aniversário da "Revolução", reporta-se à imagem de coesão ordeira e progressista da sua comunidade:

"A prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores, congratulam-se com a laboriosa comunidade, com seus agricultores, operários, professores e estudantes, com todo o povo, pela grande data histórica que vivemos, rogando a Deus para que o povo brasileiro continue no caminho da paz e da ordem, no trabalho e no desenvolvimento construindo o futuro de nossos filhos."  
(<sup>70</sup>

Nestes discursos podem ser auscultados, além do grande projeto de remodelação social "desenvolvimentista", também como se delineia a instituição de uma utopia do progresso pela via do trabalho, base fundamental da ordem capitalista e da ética católica.

---

<sup>68</sup> - GALAFASSI, Entrevista concedida aos 25/09/95.

<sup>69</sup> - Aniversário da Revolução. **Jornal Frenteira do Iguaçu**. 29 de março, 1972.

<sup>70</sup> - Idem . Ibidem. p.3.

Na sucessão dos governos militares, a agricultura se consolida como principal atividade econômica do Estado. Vários órgãos de pesquisa, fomento e financiamento foram criados pelo governo do Paraná, no sentido de disciplinar o agricultor e a terra para uma maior produtividade, racionalizando a produção. Essa racionalidade pressupunha a necessidade de mudança de hábitos e práticas "rudimentares" dos agricultores ligados a uma forma fossilizada pela tradição. Por outro lado, é preciso reconhecer que os órgãos então criados representam os tentáculos da própria reordenação do Estado Nacional desenvolvimentista e o grande projeto de disciplinarização da sociedade.

No interior deste reordenamento está de um lado, a configuração da moderna propriedade rural, cujo modelo administrativo é concebido segundo uma racionalidade empresarial. Abandonas-se termos como "fazendeiro" "agricultor", etc., para a denominação de empresário rural. De outro lado, governo e empresários se confrontam com um empecilho comum: a pequena propriedade. O minifúndio é apontado como um problema a ser superado, tal como é representado pela Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária: "O processo de ocupação da faixa de fronteiras do Paraná e Santa Catarina, nos moldes que foi realizado poderá vir a representar uma repetição do ocorrido nas terras de origem dos imigrantes gaúchos depauperados do solo: queda de fertilidade, baixa produção e pulverização de minifúndios, desaceleração econômica." Mais adiante, o mesmo documento afirma que a desqualificação do solo se deve às práticas rudimentares de trabalho, conclamando a uma necessária racionalização da ocupação: (...) é preciso a adoção de uma política de ocupação territorial, orientando a corrente migratória gaúcha e catarinense."<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> - Estudo Preliminar da Zona Prioritária para fins de Reforma Agrária dos Estados do Paraná e Santa Catarina. INCRA. Brasília, Ministério da Agricultura. 1973.

Nos discursos oficiais da esfera Federal, essa perspectiva de modernização também pode ser ouvida. Ernesto Geisel, eleito principal incentivador deste setor dentre os governos militares de até então pela Associação Nacional da Agricultura, no discurso em que agradecia a Medalha de Mérito da Agricultura, afirmava que

"(...) o problema da agricultura é em si complexo. De um lado porque é a atividade mais antiga que se exerce no Brasil e por isso sofre conseqüências da rotina. Há muita rotina ainda na agricultura. Há hábitos e processos que vêm do passado e que dificilmente frutifique. Por outro lado a tecnologia moderna tem que ser defendida...Há, contudo um problema extraordinariamente difícil que é o minifúndio. Nas zonas antigas lutamos com o problema do minifúndio; nas novas nós lutamos com o problema da posse. É um desafio que, evidentemente, terá que ser vencido para que agricultura e a pecuária possam se transformar em empresas nacionais dotadas sobretudo de produtividade."<sup>72</sup>

Essa representação da racionalidade produtiva, trará várias conseqüências e intervenções no universo local. É com esse intuito que na década de 70 é criada em Cascavel a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar). Com o objetivo de pesquisas sobre germinação, uso adequado do solo, fertilizantes, herbicidas, etc., mas que fundamentalmente fornece, através da Revista Ocepar Pesquisa, orientações aos empresários rurais, para readaptação da produção. Há que se destacar os trabalhos do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) Os trabalhos de pesquisa desenvolvidos, apontam para o

---

<sup>72</sup> - GEISEL, Ernesto. **Discursos**. Brasília, DF. Assessoria de Imprensa da Presidência da República. Vol. IV, Fev. 1978. p.61



"estudo científico sobre análises do solo, técnicas de plantação e armazenamento e das condições sócio-econômicas do agricultor."<sup>73</sup>

Na imprensa local, além dos jornais diários, a revista **Paraná em Páginas** se prestava como porta-voz da moderna agricultura paranaense. Na sessão "Lembretes Importantes" afirmava que o

"Homem do campo precisa saber muitas coisas. Possui, é verdade, a prática...conhecimento importante na tarefa de plantar, comprar e vender. Há necessidade, porém de instruções técnicas, de conhecer detalhes que recomendados por estudiosos, pelos técnicos, pelos laboratórios, pelos órgãos públicos que se dispõem a estimular sua tarefa, na certeza que muito significam para a coletividade. A secretaria de Agricultura do Paraná tem demonstrado o máximo de empenho...distribuindo sementes, e toda sorte de auxílio. Devem os que trabalham no cultivo da terra, procurar esse órgão estadual, que possui equipes e seções no interior, exatamente para prestar assistência a esses paranaenses."<sup>74</sup>

No rol dos homens privados, a perspectiva não poderia ser outra. O **Diário do Oeste** dava as boas vindas ao financiamento oficial da agricultura afirmando que "Vem alcançando resultado no Oeste Paranaense a política de valorização da agricultura. Novos agricultores serão beneficiados através do sistema de Crédito Educativo Rural, orientado pela Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná (ACARPA)". O mesmo artigo congratulava as iniciativas oficiais pois (...) há necessidade de se transformar a propriedade rural em uma unidade com características de empresa rural."<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> - Análise Comparativa do Progresso Técnico na Soja em um região antiga de Café (norte) e em região de Culturas Alimentares (Extremo-oeste) no Paraná. **IPARDES**. Curitiba, agosto de 1980.

<sup>74</sup> - Lembretes Importantes. **Revista Paraná em Páginas**. Jan. n.º 22. 1972.

É para esse público que se dirigiria em uma de suas várias visitas ao Paraná, o presidente Geisel:

"Hoje, mais uma vez, tive a ventura de vir ao Paraná. De manhã passei por Foz do Iguaçu e Cascavel, a fim de inaugurar duas novas rodovias, ligando Cascavel a Campo Mourão e a Toledo. São novas estradas que vão servir para canalizar aos nossos portos a produção do povo laborioso do Paraná...Habituei-me a ver neste Estado, pelos que aqui habitam e pelas suas potencialidades físicas, um dos Estado mais promissores de nossa federação nacional. Aqui se trabalha, aqui se produz e aqui se progride..."<sup>76</sup>

Geisel revela bem o imaginário das elites local: a ética do trabalho e a visão liberal. A imagem é veiculada, com tendências à instituição.

Essas novidades que perpassam Cascavel e todo o Oeste, se em alguns causam espanto e desejo, em outros causam preocupações. Roberto Pavelec escrevia ao Diário reafirmando as ameaças que esses novos tempos significam às famílias, concidadãos dos santos e membros da Família Celeste, pois segundo ele,

"(...) a família é de origem divina. É a fronteira do Reino de Deus no Mundo...somos todos concidadãos dos santos e membros da família de Deus...A família é a primeira a receber os danos do pecado: da bebedice, da infidelidade, da jogatina, da imoralidade, e outros". O mesmo autor afirmava que "nos dias de hoje, a família

---

<sup>75</sup> - Crédito Educativo. **Jornal Fronteira do Iguaçu**. 10 de agosto, 1972. O trabalho da Acarpa consiste em repassar aos médios e grandes proprietários novas técnicas de plantio, armazenamento, maquinário, defensivos, etc. Enfim, fazer um verdadeiro trabalho educativo do trabalhador da terra. O financiamento em bancos Oficiais esteve por muito tempo condicionado ao "laudo" de técnicos desse órgão para sua efetiva aprovação de acesso ao crédito.

<sup>76</sup> - GEISEL, Ernesto. **Discursos**...Op. Cit.

está se ressentindo da revolução industrial, da instabilidade econômica e da superpopulação das cidades." Como consequência dessa situação, dispara o autor, (...) há a ignorância, a pobreza, a promiscuidade e sobretudo a materialização da vida. Num sistema econômico, numa industrialização em que o lucro é colocado antes e acima dos interesses da família, haverá sempre perigo e grande."<sup>77</sup>

É notável a percepção que perpassa o artigo de Roberto Pavelec, identificando os problemas sociais que caracterizam o cotidiano da cidade. A imagem da "superpopulação", cuja causa é o progresso industrial que provoca a aglomeração da multidão, que macula a estabilidade, inclusive étnica, é associada ao negativismo e decadência moral da sociedade. Essa visão apocalíptica da ordem capitalista, revela uma ameaça ao nomos, ou seja a uma certa cosmovisão onde há "realmente" uma situação aterrorizante: os danos do pecado que atinge os membros da família de Deus. Há uma fronteira posta entre o desejo e o risco. Por outro lado, esses discursos revelam a própria complexidade e circularidade cultural, quando os vários atores constroem seus "espaços" resistindo/resignificando as suas trajetórias. Conforme já afirmamos com Chartier, esses não são posicionamentos neutros, mas forjados num mercado onde a luta pela estruturação simbólica dos espaços está estabelecida.

Assim, se espelhando na ética do trabalho e utopia do progresso capitalista, as elites contemplam essa nova função social de empresário rural, com o uso tecnificado da produção e de olho no mercado financeiro, redimensionando esta configuração social. No momento, basta perceber, pelos elementos aqui elencados que o discurso católico propagados pelos imigrantes sulistas, mais precisamente alemães, italianos e poloneses, não encontraram

---

<sup>77</sup> - Pavelec, Roberto. A Família. **Jornal de Cascavel**. 26 de maio de 1972.

necessariamente oposição aos governos revolucionários que se alternaram no comando político do Brasil e do Estado do Paraná, muito pelo contrário, com eles conviveram partilhando num movimento semântico de alguns momentos desses grandes projetos, se convertendo em intervenções expressivas para a consolidação política e ideológica, como lembrou Pedro César Dutra Fonseca. No entanto, não é possível afirmar que a mesma interpretação que tiveram as elites, caracterizem o pensamento dos pequenos proprietários e expropriados. É preciso se aproximar mais do cotidiano desses atores para poder "lê-los" nas tramas das correlações de forças.

## **CAPITULO II.**

### **2.0 - O REVERSO DA IMAGEM: OUTROS ATORES NAS MESMAS CENAS.**

Como já pontuamos, a década de 70 é caracterizada por uma grande migração para o Oeste, a procura dos solos férteis e de trabalho, estimulado pela crise na cadeia produtiva causada pelas geadas que atingem especialmente o norte do Paraná cafeeiro. No interior desta cidade de imigrantes europeus ainda em formação, a presença de outros elementos étnicos provindos do norte do Paraná e de outros Estados brasileiros, se faz notar sobretudo pela identidade cultural.

Eles estão nas cidades e nos campos. Trabalhando nas serrarias como mensalistas, como diaristas ou agregados na terra ou ainda ocupando-se de profissões "urbanas", somam-se à grande massa de pequenos proprietários que "pulverizam o Oeste".

Ao contrário dos grupos privados que se reúnem em público, tornando explícita sua trajetória como uma experiência visível na organização política do social, esse novo "público" que se configura, encontra outras formas de "sobreviver", que não estes modelos referenciais prescritivos de uma forma do viver que caracteriza a trajetória das elites. Isso não quer significar em absoluto uma forma radicalmente nova descolada da normatividade cotidiana, diferente de viver. É preciso lembrarmos que os homens de uma classes sociais diferentes compartilham os aparatos simbólicos disponíveis no cotidiano, mas como um campo de lutas e interesses, redimensionando o significado. Retornando a Mikahil Bakhtin, é preciso pensar as culturas não eruditas como uma forma desenvolvida paralelamente ao jogo prescritivo, interagindo com ele, modificando-o e modificando-se num movimento de semantização frente à demanda cotidiana. É também nesta direção, que contribui Jacques Le Goff, ao lembrar que mesmo não escrevendo sobre si os

camponeses são apresentados nos textos eruditos por intermédio de disfarces na literatura Medieval<sup>1</sup>.

Essas constatações dão conta de que os homens, segundo os papéis sociais, compartilham um conjunto axiológico através de uma forma interativa. Esta interatividade constitui-se em uma linguagem que, se de um lado é forma de expressão dos grupos sociais, por outro é meio de interpretação da realidade. Como lembram Berger e Luckmann, "na relação face a face o outro é apreendido por mim num vivido presente partilhado por nós dois...Meu 'aqui e agora' e o dele colidem continuamente um com o outro...Como resultado, há um intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele."<sup>2</sup>

Enfim, não é mais possível pensar a dicotomia entre as classes sociais onde, "classes" seja sinônimo de diferenças somente. O campo cultural de uma dada formação histórica, é compartilhado por todos os homens, embora manipulado por estes segundo suas paixões, desejos, resistências, interesses, limites e possibilidades, subjacentes às categorias de gênero, etnia, idade e classes.

A presença destes outros sujeitos será assim tratado: comungando de uma disputa simbólica. Por se tratar de um outro público, no entanto, recorrerei á oralidade como recurso metodológico. De um lado isso se deve a que o próprio campo cultural, mais especificamente a historiografia e literatura de um modo geral, ao tratá-los como os excluídos, também os excluíram como sujeitos da abordagem historiográfica. De outro, ao buscar as fontes escritas, é comum que elas retratem uma leitura do oficializante e de alguma forma, "não permitindo" o acesso a outras experiências de vida. Também a especificidade de nossa

---

<sup>1</sup> - LE GOFF, Jacques. **Para um novo Conceito de Idade Média**. (trad) Lisboa: Imprensa Universitária/Estampa, 1980.

<sup>2</sup> - BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade**. Tratado de Sociologia do Conhecimento. 11.a ed. São Paulo: Vozes, 1994.

pesquisa, considerando o caráter recente dessa formação social, favorece a utilização desse recurso metodológico.

Ao recorrer às memórias e histórias de vida, há sempre a possibilidade de revelar a construção de uma realidade oculta. Como recurso metodológico proponho tratar o "depoimento individual como uma construção do saber histórico... contudo sem deixar de analisá-los dentro da ótica comparativa com outras evidências", como diria Maria de Lourdes Mônaco Janotti e Zita de Paula, num importante trabalho apresentado na Revista Brasileira de História.<sup>3</sup> Também neste sentido, Paul Thompson tem argumentado que especialmente a história oral apresenta uma amplitude maior em relação a maioria das fontes, porque (...) permite que se crie a multiplicidade original de pontos de vista"<sup>4</sup>, uma vez que pensar a mensagem instituída pelas fontes oficiais é o risco de pensar o oficializante. Além do mais, para o autor, "as testemunhas podem agora ser convocados também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados", pois a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo, porque ela possibilita perceber os vários pontos de vista diante de uma realidade complexa e multifacetada.

A oralidade será assim utilizada, em se tratando de outro público que partilha os mesmos referenciais, mas que apresentam outras formas de expressividade, para poder lê-los nas tramas de relações sociais.

Segundo alguns outros dados das discussões mais recentes sobre o ensino/pesquisa em história, essa nova postura do historiador frente à história oral, de um lado revela a oposição a uma concepção dos determinismos econômico da história e de uma física social propalada pelo positivismo Comtiano e, de outro, o

---

<sup>3</sup> - JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. ROSA, Zita de Paula. **História Oral: uma utopia?** Revista Brasileira de História: Memória, História, Historiografia. São Paulo, ANPUH/Marco Zero. set.92/ag.93. p.7-16

<sup>4</sup> - THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p.26

tratamento da pluralidade dos objetos e das abordagens, como tem feito críticas em relação à historiografia francesa, François Dosse. Para esse autor, a historiografia atual, é adepta da descontinuidade e tende a submergir na pluralidade de objetos<sup>5</sup>. Peter Burke, por sua vez, ressalta o aspecto positivo dessa pluralidade, iniciada pelos Annales, como uma necessidade de busca de uma outra história: "Abre-se o leque de possibilidades... para permitir ao historiador ampliar a sua visão de homem."<sup>6</sup>

Essa perspectiva de pensar a produção historiográfica, abre a possibilidade de nos aproximarmos destes outros atores que não escrevem, mas, na memória, registram a construção do seu conhecimento. Nestas histórias que são história de vida, está uma visão de mundo construída no jogo das relações, na interatividade, na circularidade cultural. Há que se lembrar novamente do brilhantismo de Menócchio ao ser interrogado pelo inquisidor, como as memórias do seu trajeto de moleiro, das leituras eruditas e discussões sobre temas apaixonados do seu cotidiano, forneceram os elementos do seu conhecimento inquirido.

## 2.1 - O VIVER NA PEQUENA PROPRIEDADE: "À IMAGEM E SEMELHANÇA"

Os trabalhos de arregimentação de colonos no Sul do Brasil, demonstram que havia uma preferência ao assentamento de famílias ao invés de indivíduos. Na atuação das colonizadoras há uma estratégia de fixação do trabalhador no campo e da *unidade familiar* como força produtiva. As iniciativas oficiais também apontam neste sentido. O Instituto de Colonização e imigração "tem

---

<sup>5</sup> - DOSSE, François. *A História em Migalhas, dos Annales à Nova História*. São Paulo, Ensaio. Campinas, Unicamp, 1992. p.256.

<sup>6</sup> -BURKE, Peter. *A Escola dos Annales-1929/1989*. São Paulo:UNESP, 1991 p8



se esforçado para a fixação de famílias de colonos nas áreas de pouca densidade populacional" como forma de garantir o território frente à demanda com argentinos e paraguaios e como uma forma de promover integração regional.

Dessa forma, no Oeste paranaense, a pequena propriedade familiar é instituída como modelo econômico. Seja na representação oficial e oficializante do Estado seja, nos processos de planejamento das empresas colonizadoras. Na implantação deste modelo foi decisiva a atuação dos intelectuais do Estado Liberal, como demonstramos no capítulo anterior, modelo este que algumas décadas depois, causaria preocupações aos "revolucionários" militares, como se registra em vários relatórios e estudos oficiais do INCRA neste período, cujo argumento principal faz referencia à grande "pulverização" causada pela ação de gaúchos e catarinenses<sup>7</sup>. Essas unidades passaram a ser vistas como "*fragmentação*" e percebidas como empecilho para o desempenho da moderna propriedade rural.

De forma bastante incisiva, agentes do Estado e iniciativa privada atuaram como importantes elementos no processo de construção e consolidação deste outro modelo, doravante denominado "desenvolvimentista", representando um nova fase de consolidação das elites e da "implantação" do capitalismo no Brasil.

Nessa nova reordenação, a "*moderna propriedade*" é representada como extensiva, tecnificada e racionalmente administrada com fundamentos na contabilidade financeira. No campo das relações de interesses dos vários agentes, essas representações se institucionalizam como o discurso das elites local, embora circule também por entre outras categorias sociais, como adiante trataremos.

Essa perspectiva de tratar a unidade familiar imigrante como força produtiva, é também contemplada pela historiografia. Verena

---

<sup>7</sup> - INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Estudo Preliminar da Zona Prioritária para fins de Reforma Agrária dos Estados do Paraná e Santa Catarina. Brasília, Ministério da agricultura. 1973.

Stolcke, ao pesquisar a introdução do trabalho com a pequena propriedade em São Paulo, na vigência da cafeicultura, afirma que (...) implicava na organização familiar entre os agricultores. Através dela, o chefe de família mobilizava, alocava e coordenava a força de trabalho familiar, levando a uma divisão sexual do trabalho e a um comportamento reprodutivo característico"<sup>8</sup> Também Zuleica Alvim, ao estudar a imigração italiana, tem afirmado que o trabalho familiar parece ser uma opção desejada por parte do imigrante, por se manifestar como uma forma de resistir à proletarização iminente.<sup>9</sup>

Porém, essa perspectiva de análise de "unidade produtiva" somente, não satisfaz por não dar conta de outros aspectos que delineiam o viver comunitário. A aproximação do cotidiano "familiar" revela aspectos que esta forma de tratamento de unidade econômica não permite perceber. Se por um lado, os interesses dos intelectuais do Estado definem a pequena propriedade como um "empecilho", por ser representada somente como uma unidade produtiva, uma ocupação estrategicamente concebida como "defesa das fronteiras" ou de integração econômica, o viver rotineiro revela que, não somente num passado próximo não foram unidade produtiva somente, como também continuam não sendo. A pequena propriedade é o local da família patriarcal, da produção e reprodução dos valores étnicos, dos costumes, dos papéis, da tradição, ou seja de uma rede de representações e práticas ritualizadas que constroem um sentido à existência do qual a terra, família e religiosidade se "fundem" em relações que extrapolam o estritamente material. Para além do simplesmente econômico, o caos sede lugar à nomização de uma certa ordem social que funde a idéia de pertencimento biológico dos indivíduos dissimulando as relações estritamente econômicas, fundamentando-as

---

<sup>8</sup> - STOLCKE, Verena. *Cafeicultura, homens, mulheres e capital (1850/1980)*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

<sup>9</sup> - ALVIM, Zuleica. *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo*. 2.a ed. São Paulo: Brasiliense. 1986.

numa ritualização sobrenatural onde o sagrado é visivelmente o catalisador maior do imaginário e portanto, das práticas sociais. Neste sentido, a idéia de família extrapola o imediatismo, porque espelhada numa realidade exterior, numa relação de reciprocidade vertical entre o espiritual e o temporal, como faz lembrar Clifford Geertz que neste aspecto "*a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência.*"<sup>10</sup>

Esta representação é viabilizada e rememorada, sobretudo, pelos discursos e práticas da igreja local. Caracterizada pela "autorização" de manipulação do sagrado, faz recorrência principalmente aos mitos fossilizados historicamente - "a sagrada família" - como uma forma de controle institucional do religioso. Esta atuação dos agentes do sagrado é um momento imprescindível da internalização ética e normatização religiosa, onde a simbiose sagrado/profano "acontece" num esforço de instituir a família "terrestre" à imagem e semelhança da família divina. A consequência mais imediata dessa "instituição" é a configuração de um protótipo de mulher, mãe, contemplativa e paciente e um modelo de homem provedor, vigilante e varão. Padre Luiz Luise, um dos mais antigos agentes do catolicismo regional, fervoroso devoto de Nossa Senhora, deixou escrito que "(...) *a família terrestre é herdeira da vida divina e eterna...à imagem dos santos Maria e José (...)*a família precisa ser a imagem da Sagrada Família...". Contudo, racionalizando o discurso, colocaria uma condição:

(...)desde que os sacramentos sejam observados(...) se renuncie ao pecado, ao mundo e se aceite os sacrifícios, as dores e os sofrimentos."<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> - GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Editora. 1989. p. 104.

<sup>11</sup> - LUISE, Padre Luiz. *A missa, Jesus e Nós*. Cascavel: Indústria Gráfica Oeste Ltda. 1980. p.07

Nesta sua visão, o mundo é visto como uma teodicéia, presença vivificante do sagrado que se constrói sob a idéia de ascese cujo sofrimento é manifestado como a condição de resignação e condição de contemplação do paraíso. Quase num tom de sigilo, aconselhava:

"Seja sabido. Assistindo a Missa utilize bem os olhos da fé, que recebeu no batismo. Somente assim enxergará o mundo invisível, misteriosos e espiritual que, consigo, está ao redor do altar. Verá ao seu lado a Virgem Maria, São José; a multidão dos Santos e o exército dos Anjos que esperam e preparam com você e os fiéis presentes a chegada de Jesus."<sup>12</sup>

Há que se lembrar, e isso fica claro pelo imaginário de Luiz Luise, que o contexto da colonização ocorre num momento em a igreja romanizada se faz atuante, racionalizando a fé através sobretudo da dogmatização religiosa. Na sua visão pastoral fica explícita a concepção doutrinal sendo regida por um esforço constante de controle eclesiástico e, portanto, institucionalizante, das aspirações religiosas, pois somente "os olhos da fé recebidas no batismo" possibilitam perceber a teodicéia.

Em vários momentos da rotina cotidiana, podem ser percebido lugares da recriação do modelo prescritivo onde a essência da substância da vida social, como tem dito Agnes Heller,<sup>13</sup> se torna plausível. Momentos significantes da rotina do viver comunitário, se prestam a mostrar as nuances em que a semântica cultural é dimensionada fugindo dos parâmetros dos modelos institucionalizantes, contudo não radicalmente opostos a estes. O trabalho, lazer e religiosidade, são momentos que explicitam não só a circularidade cultural, mas as práticas sociais referendadas

---

<sup>12</sup> - LUISE, Luiz. Na missa estão unidos: Céu, Terra e Purgatório. In: A Missa, Jesus e Nós. Cascavel: Indústria Gráfica Oeste Ltda (IGOL), 1980. P.44

<sup>13</sup> - HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. trad. de Calos Néelson coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.

em discursos disponíveis segundo o interesse mais imediato dos atores sociais.

A organização para o trabalho na pequena propriedade absorve o tempo de todos os membros da família. Cabe aos filhos menores executar trabalhos "leves" como trato dos animais, como descreve seu Pedro, proprietário de uma pequena chácara nos arredores da cidade: *"Dar a comida dos porcos, das galinhas, curar uma bicheira, trazer lenha para o fogão, levar água na roça, essas coisas ... os mais pequenos podem fazer."*<sup>14</sup> Já os filhos maiores podem, desde cedo, acompanhar os adultos nos trabalhos de maior "responsabilidade". Seu Pedro, continua descrevendo as funções de cada dos membros da família:

"a mãe, (dona Emília) cuidar de apartar os bezerros, tirar leite, fazer a comida; mas também ajuda na roça, carpe, quebra milho, faz de tudo. A menina solteira lava a roupa e põe ordem na casa, não vai na roça... As noras, eu não sei. Os filhos é que sabem...elas tem as criança de colo e a casa, mas dão uma mãozinha na roça que eu sei..."

Essa descrição dá visibilidade a algumas características que se repetem com certa regularidade no interior das pequenas propriedades exploradas pela "sistema familiar". A centralização das decisões na figura do pai<sup>15</sup> certamente não nos autoriza a afirmar que não existiram ou existam mulheres no comando de famílias e mesmo uma alternância nos papéis de chefia. O que estamos pontuando é a regularidade que estas características se

---

<sup>14</sup> - BOSCHETTI, Pedro. Proprietário de uma "chácara" de 12 alqueires onde vive com a esposa e oito filhos, três noras e dois netos. Entrevista concedida em julho de 1994.

<sup>15</sup> - Mesmo no decorrer da entrevista, ele monopolizou a fala, se dirigindo à mulher apenas para obter a confirmação das suas afirmativas. Apenas um dos filhos casados falou, sendo que os outros apenas se pronunciavam com sinais afirmativos e negativos.

imprescindível ao meio comunitário, inclusive naquelas em que a presença de agentes do clero não era possível ou a visita não tivesse uma certa regularidade.

"A catequese era algo muito importante... como se faria a primeira comunhão, a crisma, se não fosse a catequese?... Tinha que fazer."<sup>18</sup>

"Eu me lembro que a minha tia foi quem me ensinou a catequese. Ela sabia ler e escrever e na escolinha ela lia a bíblia, ensinava os mandamentos, sacramentos e muitas coisas..."<sup>19</sup>

"Meus pais praticamente me catequizaram. Me ensinaram o Ato de contrição, os dez mandamentos, a rezar todas as rezas. Isso por que não tinha a catequese como é organizada hoje em dia"<sup>20</sup>

Ao lado da capela estava o salão comunitário. Ligado ao lazer e à religiosidade, tinha principalmente duas importantes funções enquanto local de reuniões: A festa anual do padroeiro e como local de danças.

"Os bailes que tinha eram de família. Ia todo mundo, as moças, os rapazes, os mais velhos, todo mundo. Não se via uma briga. Todos se conheciam e se respeitavam. Era uma verdadeira sociedade"<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> - BOSCHETTI, Pedro. Entrevista concedida em julho de 1994.

<sup>19</sup> - RODRIGUES, Maria do Nascimento. Dirigente de capelania. Chegou no Oeste do Paraná em 1962. Entrevista concedida em novembro de 1995.

<sup>20</sup> -FRITSCH, Agnes. Professora da rede municipal de Ensino. Veio a Cascavel na década de 70. Entrevista concedida em dezembro de 1995.

<sup>21</sup> - MOLHER, Nelson Antônio. Entrevista concedida em Agosto de 1994.

Estas festas de comunidade contavam quase sempre, com a presença ou a "bênção" do vigário, havendo casos em que a "permissão do padre" valia mais que a "lei" do delegado. Seu Pedro é quem conta que

"(...) o padre não perguntava ao delegado se deviam ou não fazer o baile, pois era ele que dava a segurança. Muitas vezes o delegado pedia ao padre se dava para autorizar..."

O campo de futebol era um local de lazer masculino. As "partidas" se realizavam quase sempre aos domingos após a missa ou o terço comunitário, caso não houvesse a presença do padre. Quanto às moças, não participavam deste esporte "violento". A "peteca" ou a formação da torcida eram geralmente as alternativas. Estes momentos de lazer se apresentam como alguns raros momentos de flertes, que fugiam das normas da tradição onde o varão interessado, representado pelo pai, conversavam primeiro com o pai da moça, ou seja, o casamento era combinado entre homens.

"A maioria dos jogadores quando vinham para a missa do domingo já traziam os preparativos... Vários namoros do meu tempo começaram depois de um encontro num lugar desses. Claro que o rapaz tinha que conversar depois com os pais da moça... Tudo era feito com muito respeito"<sup>22</sup>

As novenas também se manifestam como um dos momentos imprescindíveis na tessitura do social. Eram regularmente realizadas nas datas festivas, segundo os interesses religiosos local. Em preparação ao natal, páscoa ou festa do padroeiro, eram um dos importantes fatores de entrosamento e interiorização do sagrado para as pessoas do lugar. No caso de preparação para

---

<sup>22</sup> -Entrevista com Nelson Antônio Molher.

páscoa e natal, se fazia o rodízio de visitas onde todos iam na casa de cada um.

"A gente saía à noite, depois da janta, porque de dia todos trabalham, né! Uns vinham de carroça, outros montados, outros a pé. Só mesmo por motivo de doença a gente não participava."<sup>23</sup>

Na festa do padroeiro, uma imagem do santo acompanhava os visitantes, permanecendo uma noite na casa da família visitada. Na próxima noite, a novena inicia nesta casa, onde se começa o terço e ladainhas, recebendo a prenda<sup>24</sup> para a festa do santo. Todos o acompanham até o próximo "hóspede".

Já as novenas de páscoa e natal, conforme orientações dadas aos fiéis, visam mais

"a reunião e preparação para refletir e por em prática o evangelho... pois a novena é uma prática de caridade a ser cumprida pela família ou por alguém da família. É uma exigência para quem vive em comunidade!"<sup>25</sup>

Bem se percebe o discurso institucionalizante desta "exigência". Dona Laudelina Molher contrapõe outros aspectos a essa prática de evangelização: "as novenas eram uma forma da gente se encontrar...A gente rezava as nossas rezas... nem todo mundo sabia ler... a muitos anos a gente fazia novenas assim, antes dos dias santos..."<sup>26</sup> Além desta memória mostrar essa característica de "afrouxamento" do institucional, ela mostra o próprio limite: "nas

---

<sup>23</sup> -Idem

\*- Doação de algum objeto ou animal para o consumo na festa.

<sup>24</sup> - Prenda era uma doação da família ao santo homenageado.

<sup>25</sup> - NATAL EM FAMÍLIA. Manual de preparação ao Natal - Liturgia Doméstica. Missionários Redentoristas. 1977. p.02

<sup>26</sup> - MOLHER, Laudelina. Entrevista concedida em 13/05/95



rezas do livro de natal, o padre quer que a gente reze aquilo... que leia. Eu não... eu gosto de sentar lá e rezar do meu jeito."

Sob essas formas de sociabilidades desenvolve-se uma configuração qualificativa do ser de "sociedade". Nas várias entrevistas é recorrente esse termo, sendo referido como uma permissividade, uma aura que caracteriza o bom sujeito. Ser de "sociedade" não é somente ser reconhecido como membro da comunidade. É uma espécie de característica de pertencimento e de liberação. Seu Nelson lembra que *"a maioria do povo daqui, no começo, era só alemão ou italiano e polaco que vieram por causa das vendas fácil e da notícia de terra boa. Mais tarde é que veio muita gente de outros lugar..."*. Seu Nelson tem impressões de tempo parecidas com aquelas de Dércio Galafassi de que os "nortistas" trouxeram características culturais diferentes. Para ele,

"os costumes foram mudando quando chegaram pessoas de outros lugares se misturando aos nossos...eram muitos caboclos com aquele bando de filharada sem roupa para vestir, sem trabalho, com fome..."

De modo particular, tanto na trajetória de seu Nelson quanto de Dércio se percebe que no bojo da idéia de pertencimento territorial, subterraneamente esta o pertencimento étnico-religioso como identidade cultural. E mais do que isso, o caos seria causado pela presença de elementos "estranhos" a esses homens de sociedade, resguardando a circularidade que este conceito adquiriu, conforme estamos pontuando.

A tradição imigrante tem conservado há muito, alguns costumes. De modo particular, o sistema de heranças tem sobrevivido. Como a riqueza maior da família é a terra sob a qual se desenvolve toda a noção de poupança, de mercado, etc., é esperada pela geração mais jovem um "pequeno pedaço" para produzir e sustentar a nova família onde o herdeiro "legal" é o homem, provedor do lar, *"...o homem*

precisa ter a competência de tirar da terra o sustento da mulher e dos filhos"<sup>27</sup>, afirma Paulo Boschetti.

A mulher é excluída, desta forma de partilha. Segundo seu Antônio coloca-las no mesmo nível de igualdade não seria justo com os filhos "home" porque é eles que "dão a mão", que trabalham a terra. O trabalho de "mulher é mais leve, é feito na sombra". Para Paulo Boschetti, filho de seu Pedro, "esse costume é correto pois, no casamento, a mulher "se junta" a outra família e o homem tendo herança, ela tem também". Fica claro que ser mulher, neste caso, é estar à espera de marido.

Com a questão da tecnificação, esse aspecto da herança segundo a tradição sofrerá algumas alterações. Esse processo de mecanização dos campos, acontece no interior de um movimento maior de consolidação do capitalismo no Brasil, o modelo desenvolvimentista pós-64, que se caracteriza por um modo de intervenção social decorrente de novas alianças entre os detentores de maior capital econômico e capital cultural. Segundo Pierre Bourdieu, essa aliança entre grupos é uma necessidade para que se cumpra a função lógica e necessária pois é isso "(...) que permite à cultura dominante numa dada formação social cumprir sua função político-ideológica de legitimar e sancionar um determinado regime de dominação."<sup>28</sup> Ainda segundo esse autor, a indissolubilidade de cultura e política deve conduzir a observação de que não é possível conceber "puras" relações de forças assim como não há sentidos separados de um significante reconhecido, mas um campo de interesses configurado por uma batalha ideológica que caracteriza a divisão social e delimitam a ação dos intelectuais que requerem um trabalho institucionalizante, organizado por parte das diversas instâncias do campo simbólico. A atuação dos agentes

---

<sup>27</sup> - BOSCHETTI, Paulo. Filho de "seu Pedro". Noivo com casamento marcado para novembro deste ano, espera ansioso que seu pai decida logo onde vai "ficar as suas terras" para começar o roçado.

<sup>28</sup> - BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

do Estado, neste momento do reordenamento político pós-64, não é outro senão de instituir no meio social uma legitimação de um projeto, cujo interesse está correlato ao próprio jogo do campo simbólico das relações e distribuição do capital econômico e cultural.

Este projeto debatia-se com a imagem de uma sociedade decaída pela desestabilização da ordem democrática provocada pela onda de subversão que ameaçava as instituições, e com um modelo de recuperação econômica pensada como de internacionalização da economia. Nesta intervenção, a reprodução do parque industrial precisa ser privilegiado, passando a contar com altas injeções de capital, na infraestrutura, para o desenvolvimento da base industrial.

No meio rural, as imagens da tecnificação embora apresentadas como sedutoras diante do interesse propriamente mercadológico, intervém na forma de viver e de organizar o cotidiano. Embora, delimitadas pela própria lógica da racionalidade administrativa do sistema de financiamento que, num primeiro momento leva à elitização do consumo, também estes pequenos agricultores a desejavam por representar "facilidades" e tratamento moderno do trabalho com a terra. Sabemos que, como foi pontuado no capítulo anterior, houve toda uma estratégia de representações e práticas para a construção da agricultura como atividade economicamente viável através não só de formas "racionais" de produção, mas também de administração onde os velhos hábitos de amaino seriam substituídos por formas modernas, consolidando um empresário rural. É preciso notar, no entanto, que no cotidiano as representações ganham circularidade, constituindo sujeitos, como tem dito Chartier. Essas representações são sedutoras e os vários atores, dado os seus interesses e possibilidades, diga-se a "lógica do campo cultural", delas se apropriam.

Na pequena propriedade a tecnologia cria uma grande expectativa.

"Quando adquirimos o trator, foi difícil viu...Financiamos no Banco do Brasil. O Juro não era

muito alto, mas eu tive que hipotecar a terra. Mas foi um bom negócio, viu. Todo maquinário facilita o trabalho, produz melhor e a gente não se judia muito, viu. Agora, eu sonho mesmo é ter tudo completo: pulverizador, semeadeira, gradão..."<sup>29</sup>

É comum também formas associadas de trabalho, ou seja, a convivência do trator e da "junta" de bois na mesma propriedade. Dona Laudelina nos informa que o trator faz os trabalhos mais pesados e é um meio de locomoção. *"Com a carretinha a gente vai na cidade faz as compra ou vende alguma coisa...Mas o gasto com ele é grande. Com os bois não... eles dão conta dos trabalhos mais leve e não dão dispezas"*<sup>30</sup>

A adoção de implementos agrícolas geraria uma "quebra" da rotina e de alguns costumes da família tradicionalmente mantidos, levando à recriação por parte destes sujeitos, como por exemplo a questão da herança, acima descrito. A fragmentação da pequena propriedade inviabilizaria financeiramente a mecanização do solo. Em vários casos, na região de Cascavel e do Oeste do Paraná, os membros de uma mesma família, recorrendo à "lógica dos grandes proprietários", passaram a aglutinar as pequenas posses ou a não incorrer na divisão, passando, ao invés de dividir a propriedade, a assumir coletivamente os custos com a produção, transporte e aquisição de equipamentos. Assim nos informa dona Laudelina Molher que *"pra gente que tem pouca terra até para conseguir o financiamento é difícil...então a gente ajunta os pedaço(lotes de terra)dos filhos e compramos um tratorzinho para facilitar o nosso trabalho"*. Também seu Nelson percebe nesta associação uma forma de ter acesso aos implementos, no entanto registra uma outra ocorrência bastante expressiva na década de oitenta: o êxodo rural. Segundo ele

---

<sup>29</sup> - ORSATO, Adoíno. Chegou no Oeste do Paraná em novembro de 1967. Entrevista concedida em novembro de 1995.

<sup>30</sup> - MOLHER, Laudelina. Entrevista concedida em maio de 1995.

*"os filhos mais velhos não tem mais gosto pela agricultura. Se não é as geadas é o preço do produto... Comprar maquinário não é fácil... Eles também querem escola para os filhos... se precisa de médico, aqui na roça não tem... talvez um salário por mês seja melhor do que ter que esperar a colheita para ter um pouco de dinheiro".*

De modo especial, fica também registrado na visão de seu Nelson que ao mesmo tempo em que há esperanças para o trabalhador do campo num sentido racionalizante da produção, há a "sedução" que as cidades exercem sobre algumas pessoas de vida rural: facilidades, assistência, dinheiro mensalmente garantido.

Esta postura, porém, não é predominante. Há pessoas que "temem" a cidade por que ela simboliza anomia. Dona Laudelina mesmo, afirma que

*"prefiro morrer na roça do que ir para a cidade. Aqui todos se conhecem, vão à missa, se respeitam, é tudo trabalhador, é gente de sociedade. Na cidade ninguém conhecem ninguém, se precisa de ajuda ninguém te socorre...Qualquer dorzinha de barriga, correm para o médico e ganham um monte de remédio... aqui não. Tem remédio de erva pra tudo... Essa mocidade nova que só sai a noite...bebem... usam roupa curta. Deus me livre."*

Nas memórias de dona Laudelina pode ser percebido não só a caracterização de um imaginário que facilmente transita no cotidiano, mas sobretudo a ameaça que paira sobre ele: o "caos" que ameaça o nomos. É significativamente expressivo, também, o conteúdo moralizante da sua visão cristã: o nomos é sobretudo uma correlação com o sagrado, uma "estética", um conjunto de normas.

Enfim, pelos atores que aqui nos emprestaram suas memórias, é possível perceber outras nuances que a religiosidade, a propriedade e o viver comunitário adquirem no cotidiano,

simbolizando uma forma de viver e estar no mundo que é construir o mundo, o mundo social onde o sagrado é uma recorrência da construção simbólica, muito além de uma unidade produtiva simplesmente. Lembrando os trabalhos de Luiz Alberto de Boni com a imigração no Rio Grande do Sul, "(...) os valores religiosos e sua expressão normativa tende a forma-se valores sociais, ou melhor, estes se legitimam através dos valores e normas sagrados."<sup>31</sup> Contudo, há outras categorias de homens que estão no interior deste mesmo jogo, criando nele e dele outras leituras, instituindo outras formas de compreensão, modelando outras identidades neste universo em formação.

## 2.2 - PERAMBULAR: MEEIROS, ARRENDATÁRIOS E BÓIAS-FRIAS.

O processo de ocupação do Oeste paranaense, através do propagandismo que atingiu vários cantos do país e inclusive o exterior, criou uma perspectiva de propriedade em todos aqueles que para cá se deslocaram. Recordemos que este período é caracterizado justamente pelo discurso liberal. Tanto nas atuações oficiais de colonização, quanto de espontâneas, essa perspectiva pode ser auscultada. Contudo, a desigualdade inicial de capital, agravada sobretudo pelas políticas de reordenação do social, facilitaram a instalação de um campo de lutas entre os vários agentes e grupos que aqui se instalaram modelando uma estrutura e uma hierarquia, próprios da lógica do capitalismo onde a disposição da propriedade é a condição de ascensão social. Este modelo de organização seletiva da produção, relega à exclusão da propriedade de terras, um grande número de migrantes que outra opção não tiveram a não ser recorrerem a outras formas de sobreviver com o amaino da terra.

---

<sup>31</sup> - BONI, Luiz Alberto de. *O Catolicismo da Imigração: do Triunfo à crise*. In: Imigração e Colonização. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. p.242.

Na medida em que a agricultura se consolidava como atividade econômica num mercado de consumo, multiplicava-se também o valor e portanto, a disputa pela propriedade das terras. Conflitos sangrentos foram registrados não somente no Oeste. A historiografia local menciona o Sudoeste e o Norte do Estado como "focos" de conflitos pela posse/uso da terra<sup>32</sup>, onde por várias vezes, o Estado interveio para "restabelecer a ordem". Especificamente em Cascavel, os processos da Vara Cível do Fórum local, embora este tenha sofrido incêndio criminoso eliminando vários deles, prestam-se a ser "testemunhas" destes conflitos.

O processo de "reintegração de posse" de 18 de outubro de 1967 que traz como "suplicante" Francisco Gavlik, deixa reviver alguns aspectos dessa disputa estabelecida. O suplicante declara ao juiz de Comarca que

" é legítimo possuidor de uma sorte de terras situada no local denominado "Tormenta", nesta Comarca... e que possui morada habitual e cultura efetiva, com as seguintes benfeitorias: casa de morada de madeira serrada, paiol para cereais, mangueirões, cercas, monjolo, plantas perenes como laranjeiras, vinhas, etc. e mais 18 alqueires de roças para plantio de milho e feijão."

De modo especial chama a atenção a recorrência a uma imagem característica do cotidiano, a pequena propriedade. Mais adiante, após várias outras justificativas da "posse", o suplicante revela que

---

<sup>32</sup> - Sobre os conflitos regionais conferir principalmente LAZIER, Hermógenes. Análises Históricas da posse de terras no Sudoeste Paranaense. Biblioteca Pública do Paraná. Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte. Curitiba, julho de 1986. e Os vários relatórios do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Social (IPARDES)

"Em 1961, o indivíduo Cezário Félix da Silva, conhecido como "Guri" chefiando um grupo de jagunços armados, invadiu violentamente a posse do suplicante, queimando todas as benfeitorias existentes, obrigando o agregado, Manoel Damásio a sair imediatamente da região, mediante graves ameaças e violências físicas, forçando ainda a ingerir um litro de óleo lubrificante para veículo."<sup>33</sup>

Além dos inúmeros processos da Vara Cível, em outros locais também ficaram registrados os conflitos desta natureza, como na rotina da delegacia local. O 1.º Tenente Oldalírio Pinto da Silva, "oficial de dia", através de relatório datado de 01 de agosto de 1975, comunicava ao delegado, Durval Teixeira, que

"(...)o sub-prefeito de São Pedro, através de ofício relatava que foram derrubadas casas naquele distrito, disparado tiros contra casas de colonos, atacaram e ameaçaram de morte o filho de Lourenço de tal, atearam fogo no depósito de Moisés Luiz Bonetto, sendo que o mesmo saiu gravemente ferido".

Também na câmara municipal muitos são os ofícios que se avolumam registrando atos de violência. Chama especial atenção uma comunicação enviada pela Diocese de Toledo, especificamente direcionada ao então governador Ney Braga, onde os clérigos local manifestam-se

"vivamente preocupados pelo curso de determinados acontecimentos na região oeste e sentindo as súplicas e veementes apelos do rebanho.. e na obrigação de submissos à autoridade, e de outro lado, pelo nosso indeclinável dever de também propiciar aos nossos fiéis

---

<sup>33</sup> - CARTÓRIO DO CÍVEL, COMÉRCIO E ANEXOS DA COMARCA DE CASCAVEL. "Autos de Reintegração de posse" Processo n.º 332, Fls. 01, de 18 de outubro de 1963.



alguns dos meios que lhes são necessários a alcançar uma vida mais tranqüila e digna, expor os graves problemas da nossa diocese...A titulação de terras, ocupadas por colonos, em favor de estranhos ao ambiente local, com o agravo da presença de "jagunços" e de homens armados, além de obstacular o progresso, vem lançando no seio da gente humilde e pacata a semente da cizânia e do desassossego... É necessário, outro sim, que se difunda a pequena propriedade, assegurando ao homem do interior a terra mediante a qual ele possa defender a sua vida e a dos seus."<sup>34</sup>

Progresso e pequena propriedade. O desejo e o nomos na "crítica" sutil à autoridade constituída revelando pelo discurso oficial a tensão entre dois aspectos "disponíveis" no cotidiano: a utopia do progresso tecnológico onde a violência é o obstáculo e o viver comunitário da "gente humilde e pacata".

Na compreensão de outras esferas, a interpretação possivelmente não seja essa simplesmente. Tanto os discursos de Ernesto Geisel como o próprio projeto desenvolvimentista bem expressam isso. Neste caso, como já pontuamos, a pequena propriedade representa um "empecilho a ser superado", por representar um entrave ao modelo econômico adotado pelo regime.

As conseqüências sociais desta política no Oeste, foram desastrosas no que tange à vida dos pequenos proprietários e agregados devido a que a tecnificação facilita o cultivo extensivo da agricultura exigindo cada vez menos braços para a execução das tarefas de produção. Essa singularidade de imediato traria uma concentração maior das propriedades rurais e a substituição de grandes contingentes humanos até então, tradicionalmente ligados ao cultivo de produtos de subsistência básica. A empresa rural estava se consolidando.

---

<sup>34</sup> - CARTA AO GOVERNADOR. Diocese de Toledo. Carta ao Governado (Datiloscrito). Toledo, 12 de junho de 1964.

Há que se registrar também a construção de várias barragens para o aproveitamento hidrico da região Oeste, como forma de exclusão pelo modelo desenvolvimentista. A geração de energia estava na base do plano de expansão da industrial nacional. Principalmente o Rio Paraná, como também outros de menor volume, foram desviados para os diques, causando o alagamento de terras produtivas, basicamente caracterizadas pelo "modelo familiar",<sup>35</sup> cujo exemplo regional mais expressivo é a Usina Binacional de Itaipu, em Foz do Iguaçu.

Essa realidade agrava a situação dos milhares de trabalhadores que haviam se "agrupado" em pequenas propriedades, arrendamentos, onde até então, trabalhavam como agregados, pagando a "meia", porcentagem da produção, ou mesmo o pagamento em dinheiro, que inescrupulosamente foram sendo expulsos pela água ou promessas não cumpridas ou parcialmente cumpridas do Governo Federal ou da Companhia Paranaense de Energia Elétrica - COPEL.

Com essas reestruturações na cadeia produtiva, o modelo desenvolvimentista sustentado na imagem do "empresário rural" e em práticas de financiamento oficiais explicitamente favorecem o monopólio e a concentração da terra com o intuito de "*produzir divisas*", embora ao mesmo tempo agrave um outro problema: o êxodo rural. A Revista Paranaense de Desenvolvimento, principal órgão de divulgação da agricultura no Estado, até o final da década de 70, lançava mão da estatística para constatar a viabilidade da empresa rural. É bom lembrar que neste período caracterizado pelos cientificismos, a estatística é pensada como um termômetro capaz de medir com uma racionalidade segura o comportamento social. Especialmente no desenvolvimentismo pós- 64, se verifica um

---

<sup>35</sup> - Existem atualmente no Paraná 23 usinas concluídas: Rosana, Ilha grande, Itaipu, Xavantes, Ourinhos, Santo Grande, Capivara, Taguaruçu, Chopim I, Júlio M. filho, Salto Osório, Salto Santiago, Salto Segredo, Foz do Areia, Chaminé, Guaricana, Parigot de Souza, Pres. Getúlio Vargas, Apucarantina, Mourão I, Capanema, Salto Caxias e Canoas. Existem ainda em fase de "estudos" outras vinte e duas. Fonte: Relatórios do IBGE: senso demográfico de 1980.

empenho particular de intelectuais de entidades privadas e órgãos oficiais, como já pontuamos no capítulo anterior, neste sentido. Essa revista, através de tabelas comparativas dos "Sensos" do INCRA e do IBGE dos anos de 1967 a 1975, fazia análises a respeito da estrutura agrária paranaense, concluindo, em um artigo publicado em julho de 1978, que

"A análise (dos dados arrolados pelo artigo) indica uma redução dos minifúndios (em número e área), uma expansão vertiginosa das empresas rurais, um forte crescimento dos latifúndios por dimensão (em número e área) e um crescimento do número de latifúndios por exploração, embora com redução na área total ocupada por essa categoria."<sup>36</sup>

E, como comprovação, afirmava que

"(...) enquanto em São Paulo são as pequenas propriedades (hortifrutigranjeiras, especialmente) responsáveis pela geração de maior rentabilidade e produtividade em comparação com o Brasil, no Estado do Paraná são as propriedades médias que respondem por isso."

Ou seja a viabilidade da empresa rural estava, estatística (e socialmente) comprovada.

Essa complexidade cultural que se opera diante destes fatores já enumerados, trazem também uma grande dinâmica no que se refere mais estritamente ao aspecto religioso. Até aqui enumeramos que um esforço institucional é a todo custo exercido no sentido de manter uma certa "coesão" às formas de representação e normatização inclusive das práticas religiosas, função dos intelectuais das várias agências, como tem lembrado Pierre Bourdieu. Contudo é

---

<sup>36</sup> -REVISTA Paranaense de Desenvolvimento. BADEP. Curitiba, Jul/agosto/set.

1978. p.20

necessário lembrar com este mesmo autor que a dinâmica cultural é profundamente marcada por uma característica de semantização, ou seja de redimensionamento do significante, segundo a "lógica" própria do campo cultural. É neste sentido, que não é possível falar num modelo de religião, mas em religiões interagindo segundo a demanda deste campo cultural. É neste sentido que gostaria de tratar as religiões fora do templo: como "fugas" de um modelo prescritivo e controle institucional. Se a tradição fossiliza alguns modelos de comportamento, ou seja de papéis sociais, cuja manutenção está a encargo das instituições e agentes, essas formas disponíveis tem um alcance limitado, como demonstra em seus trabalhos Mikhail Bakhtin. As experiências humanas, são profundamente marcadas por interesses imbricam-se no cotidiano. Esse é o alcance e o limite.

### 2.3 - A religião fora do templo.

Carlos Rodrigues Brandão, pesquisando o campo religioso numa cidade do interior paulista, Itapira, afirmou que

"(...) os subalternos não só se apropriam ativamente de modos eruditos e impostos de crença e de práticas religiosas, como também criam, por sua conta e riscos, os seus próprios modos sociais de produção do sagrado: as suas variações confessionais, suas agências de serviços e seus agentes especialistas de classe."<sup>37</sup>

Essa perspectiva apontada por Brandão, nos anima a pensar a religiosidade fora do templo, aquela que é criada/recriada a partir do interesse mais imediato dos agentes sociais. Em Cascavel e em todo o Oeste, embora o modelo de colonização traga consigo a instituição do catolicismo romanizado que em todos os momentos não

---

<sup>37</sup> - BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do Sagrado* - Estudo de religião e ritual. São Paulo, Paulinas. 1985. p.18

mediu esforços para administrar o sagrado desqualificando os leigos e seus "intelectuais" e crenças, há grande variabilidade de reinterpretações e manipulação, espalhadas no cotidiano.

A vida nas pequenas propriedades e a circulação dos expropriados, é profundamente marcada por uma complexa rede de crenças e práticas religiosas, que embora concorram com os agentes do catolicismo, retraduzem na sua linguagem as representações eruditas da religião dominante, que nos estudos atuais sobre o assunto é denominado de "popular", "rural", "tradicional", "rústico", "de Folk"<sup>38</sup>, e outros. O caráter dessa religiosidade, é bom lembrar, é determinado pelos interesses mais imediatos que cercam os sujeitos no cotidiano e situa-se no interior de um processo mais "global" da própria circularidade cultural. A seguir, alguns elementos desse universo que as minhas fontes e entrevista permitiram perceber.

### 2.3.1 - O "oio" de São João Maria

Essas formas "populares" de religiosidade podem ser constatadas em vários momentos desse cotidiano. Em campo Bonito, uma pequena colônia que ainda sobrevive em torno de uma serraria e campos mecanizados que absorvem o grande número de bóias-frias, encontra-se ainda em pé, a Capela de São João Maria. As pessoas do lugar não sabem exatamente o ano de construção; sabe-se que foi reconstruída várias vezes porque, como fica ao lado do rio que corta a cidade, "em cada enchente de São Miguel, a capelinha ia água-a-baixo."

A pequena capela com aproximadamente 2 metros quadrados, ainda abriga muletas, fotos, quadros moldurados, fitas e muita cera de

---

<sup>38</sup> - O termo "rústico" aparece em Maria Isaura de Queirós. O Campesinato Brasileiro. Petrópolis: Vozes/Usps. 1973. Em Cândido Procópio Ferreira de Camargo "religião", o termo "tradicional e rural" In: Composição da Sociedade Brasileira. Cadernos Cebrap. n.º 15, 1976.; "Folk" em Ralph Dalla Cava. "milagre em Juazeiro". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

velas queimadas, pagando ou simplesmente agradecendo ajudas conseguidas. "Quando celebrei missa a primeira vez aqui, fiquei abismado pela devoção que essa gente tinha por São João Maria", diz o padre Giocondo Dellatorre, um Franciscano Conventual que há mais de vinte anos presta assistência religiosa na colônia.

Sobre a origem do mito, poucas pessoas conhecem. O que constatou-se é a existência de um "oio", uma fonte ao lado da pequena capela, onde as pessoas atribuíam valores curativos à lama e à água. "Durante quase toda a época do ano, vinham pessoas até de fora buscar água, rezar terço, cumprir novenas...", diz Alcebídes Ferreira, um dos mais antigos moradores. A estória talvez seja uma reelaboração dos contos sobre o "monge" João Maria. No entanto, não encontramos nenhum "rastro" afirmando ou negando essa possibilidade. O que é importante notarmos é a existência da fonte e de toda uma rede devocional que em torno dela se constituiu.

A situação de abandono em que hoje se encontra a pequena capela de um lado se explica de uma forma natural: a fonte secou, embora haja marcas visíveis de tentativas de "reabertura" do veio de água; "uma enchente levou a imagem do santo, ... não sei exatamente quando...já faz muitos anos...", nos informa "seu" Alcebídes. Padre Giocondo, por outro lado, nos passa uma idéia do "combate" entre a racionalização ou seja, a sua atuação teológica e a "destituição" dos leigos: "a devoção foi perdendo forças pelo tempo... eu os orientava que o melhor que o melhor lugar de se rezar era a igreja...Hoje está completamente esquecido...". Essa conclusão do Frei parece precipitada. Na memória popular, não se apagou as lembranças dos "milagres". Dona Sabina, católica convicta, diz: "Você sabe que eu acho que fazia milagre mesmo. Oia quanta gente eu vi com perna quebrada, ferida brava que passava daquele barro e dali uns meses estava andando, são." Dona Laudelina, parteira, afirma que não "recebeu" graça, mas "era muito devota". Confessa que muitas vezes, antes de ir "fazer a obrigação", levava um litro da água da fonte de São João Maria

para a mãe beber -"ajudava no parto"- e dar o primeiro banho no filho.

### 2.3.2 - Os milagres de Santa Gualdina.

Barra Bonita fica a uma distância de aproximadamente 80 quilômetros de Cascavel. Seria apenas mais uma colônia, caso não estivesse em um pequeno bosque o túmulo de Gualdina de Souza Leal, uma cabocla vítima de picada de cobra cascavel. O local, transformado em uma espécie de santuário, recebe pedidos por escrito, terços, promessas, peças de vestuário, muletas e fotografias, flores, todos em agradecimento por "ajudas recebidas".

Contam os mais antigos do lugar que, aproximando-se de uma fonte para saciar a sede, Gualdina grávida de poucos meses, fora picada pela cobra que alojava-se debaixo de pedras em volta da fonte. Fora uma picada mortal. Sem ter a quem recorrer, o marido Benício presenciou a morte dos dois, vagorosamente. Desprovido de ferramentas, enterrou-os em cova rasa a poucos metros da fonte - hoje também transformada em santuário.

Passado meses, dizem os moradores, alguns caçadores vindos à fonte, descobriram a existência da cova e surpresos, perceberam que os corpos estavam intactos sobre a terra. Gualdina estava deitada sobre a cova e nos braços, segurava o filho natimorto. "O descobrimento correu de boca em boca", diz seu Francisco Ortiz, dono de um pequeno comércio, na entrada da fazenda, onde fica o "santuário."

Histórias fantásticas rondam o mito de "Santa Gualdina". Pessoas desenganada foram curadas, deficientes físicos passaram a andar após cumprirem promessas, desempregados arranjam trabalho, e assim por diante. "Ela faz muitos milagres e ajuda as pessoas que tem fé. Eu mesmo fiz um pedido para encontrar dois cavalos que estavam extraviados, e fui atendido pela santa", afirma o colono

Júlio Narciso de Paula.<sup>39</sup> Francisco Ortiz garante que "a turma fala muito nessa santa. Dizem que ela faz muitos milagres...a fama da milagreira se espalhou...vem gente de muito longe, até de outros Estados pagar promessa aqui...

Agricultores como seu Pedro Amorin, meeiro, afirmam terem feito pedidos e terem sido atendidos por Gualdina.

"No ano passa enfrentamo uma seca brava, rapaz. As plantas estavam morrendo e a gente ali, sem podê fazê nada. Então eu pedi pra santa que mandasse chuva porque nós estávamos (nóis tava) sofrendo muito. Se chovesse logo, fiz a promessa de levar um maço de vela e ir rezando daqui do meu rancho até o túmulo dela... dali três dia choveu."<sup>40</sup>

Visitamos os padres da paróquia de Guaraniasçu, região eclesiástica que abrange Barra Bonita. Perguntados sobre Gualdina, disseram "desconhecer" o caso. Porém, ainda hoje a peregrinação dos féis da "santa" é bastante notório, especialmente em dias de finados.

### **2.3.3 - Benzedores e Benzedadeiras: rezas e raízes.**

Muitos moradores dos arredores de Cascavel, conheceram "seu Costa", famoso pelos benzimentos de meningite. 'Usava o seguinte procedimento: primeiro tirava a medida da cabeça com uma linha branca, enquanto rezava baixinho uma salve rainha e três ave-marias. Depois com o mesmo fio enrolava em volta de um ovo e

---

<sup>39</sup> - Citado por SPERANÇA, Alceu. In: Revista Oeste. n.º 43, Ano V, 1986. p.12

<sup>40</sup> - Seu Pedro Amorin reside hoje no bairro Morumbi em Cascavel. Na época do "milagre" trabalhava em uma fazenda próximo de Barra Bonita com a família e quatro filhos.



colocava sobre brasas acesas. Se o fio se rompesse, era certa a meningite. Prontamente procedia a todo o ritual de preparo da "garrafada". "O acompanhante ou doente podia presenciar, mas ele não dizia que ervas eram, a gente só entendia as orações e ia acompanhando", diz dona Maria Macena. "Basta ter fé porque as ervas curam mas a força mesmo é da oração", continua. Seu Costa, embora "especialista" em meningite, curava outros males. "Machucadura, destroncamento, dor de dente, muitas coisas... ele conhecia as raiz e rezas forte", afirma José Balena,<sup>41</sup> que já experimentou várias "garrafadas".

Outros benzimentos mais "comuns" um número bastante razoável de pessoas dizem poder fazer. Maria Fabrício benze de "bicha assustada" e criança com insônia, invocando o nome de Nossa Senhora. "Seu Adão", através da água e cera e orações, diz ser capaz de "chumbar as bichas agitadas".

Dona Jacira, moradora em Guaporé, colônia do interior, é "procurada até por pessoas de fora". Benze de vários males, especialmente de quebrante, anemia e bicha. O benzimento e a garrafada seguem um ritual diferente. Segundo dona Sofia, moradora do local, "Ela coloca a pessoa virada para o sol nascente, coloca um prato virgem com água na frente e reza com o rosário, passando várias vezes pelo corpo da pessoa." Ainda rezando vai até o fogão e faz um chá de ervas de conhecimento popular, como erva-cidreira e hortelã, para ser ingerido. "Normalmente a pessoa leva uma garrafada ou uma simpatia...durante nove dias tomar o chá com nove dentes de alho esmagado..."

A mulher benzedeira quase sempre acumula a função de parteira. É o caso que tomamos conhecimento de Laudelina Rodriques, a "tia Lina". Conhecedora de várias "rezas forte" e simpatias para acalmar animais e "mandar" cobras "embora". Sua especialidade mesmo eram os partos. "Quantas e quantas vezes a mãe foi acordada

---

<sup>41</sup> - José Balena morava em Campo Bonito quando conheceu "seu Costa". Hoje reside em Cascavel e é zelador de Capelinha juntamente com sua esposa. Entrevista concedida em 16/10/95

na madrugada pra ir atender em casa. Os conhecidos quando vinham buscar ela já traziam o cavalo encilhado... ela nunca recusou um pedido.”<sup>42</sup>

Fazer um parto obedecia todo um ritual sagrado. Uma imagem de santa, talvez de dez ou pouco mais centímetros, “uma Nossa Senhora do Bom Parto”, estava sempre à mão. “Era depositada na cabeceira da cama, se acendia uma vela e enquanto esperava o nascimento se rezava para Nossa Senhora.” Quando o parto era demorado ou “havia problemas” a santa ia para um lugar mais público, onde as outras pessoas da casa deviam rezar pedindo para um bom parto...”

“Houve casos que a criança não nascia, não nascia, e a mãe então pedia para o pai da criança fazer alguma promessa para Nossa Senhora do Bom Parto.” Após o nascimento a reza continuava... Ainda em oração pedia-se ao anjo-da-guarda que não deixasse o umbigo “arruinar”. Para dar sorte ao recém-nato, aconselhava-se “guardar o umbigo quando cair” e fazer dele um amuleto carregando-o sempre que possível. Era a certeza da proteção do anjo-da-guarda.

Alguns cuidados eram recomendados pela parteira. A criança não deveria ver a luz por quarenta dias se fosse menina e quarenta e um, se menino. De igual forma e dias, a abstinência sexual. A alimentação da mãe não deveria ser outra senão sopa de galinha, pelo menos nos nove primeiros dias de “resguardo”. Minha mãe nunca aceitou pagamento pelo trabalho que fazia... era um dom que tinha...quando lhe ofereciam alguma coisa, pedia que rezassem para que Deus abençoasse as suas mãos...” Antes de despedir-se, quase sempre a parteira era convidada a “batizar em casa” a criança que ajudou a trazer ao mundo.

#### **2.3.4 - Mesadas de Anjos**

---

<sup>42</sup> - RODRIGUES, Maria da Conceição. Filha de “tia Lina”. Dona Laudelina reside hoje em Mato Grosso, onde, segundo a filha, continua exercendo esse “trabalho”. Entrevista concedida em 20/7/94

A prática da Mesada de Anjos é mantida por muitos até os dias de hoje, seja na cidade ou no campo. Embora variasse segundo as posses de cada família, a intenção tinha quase sempre um mesmo endereço, qual seja, o de agradecer alguma benção recebida. Pagar um pedido de boa colheita, uma promessa pela saúde de alguém, pelo bom parto, enfim...infinitas intenções. Convidava-se as crianças da vizinhança para, após o terço e algumas ladainhas, fartarem-se antes dos adultos. Dai o nome: mesa de Anjos. Dona Laudelina Molher, com certo saudosismo, descreve uma mesada de anjos que fez, quando o último filho completava sete anos de idade: "Ele era fraquinho...tinha amarelão... vivia a custa de garrafadas e benzimento... então eu pedi a Santa Luzia que curasse ele e quando ele fizesse sete anos eu então ia fazer a Mesa de Anjo... nossa como foi bonito." Seu Eduardo Agostini, descreve, numa versão reelaborada como, "no seu tempo" se fazia a Mesa, que era uma comemoração associada às festas de São João. "Nós pintava numa bandeira a imagem de São João e seu Tibúrcio puxava o terço... a gente fazia a procissão em volta da casa e da fogueira, depois chamava a criançada para se fartarem nos doces, bolachas, galinhada..."<sup>43</sup>

#### 2.3.5 - Folias de Reis

A Folia é um dos "festejos" religiosos local mais antigo que se tem notícia e que a tradição popular manteve até os dias atuais. Eram regidas por novenas, procissões, festas de padroeiros, leilões e danças no terreiro da igreja ou capela. Na zona rural a mais comum era a "de pouso" onde a companhia visitava as casas das famílias que se dispunham a receber e hospedar os

---

<sup>43</sup> - AGOSTINI, Eduardo. Entrevista concedida ao PROJETO MEMÓRIA. Associação Educacional do Oeste do Paraná (ASSOESTE), em 05/06/82. O entrevistado é pioneiro, residindo em Cascavel desde 1924.

"santos reis" , passando ali uma noite de rezas, danças e comilanças.

A companhia de "giro" não fazia longas jornadas. Ela percorria moradias mais ou menos próximas uma das outras, embora o ritual em nada diferenciasse: rezas, cantos e danças. Ali apresentavam-se como devotos em jornada, cumprindo a "missão", pedindo prendas com o canto, abençoando a todos e anunciando a festa do santo. Ao canto da companhia de "pouso" acrescenta-se os cantos de agradecimento pelo pouso, pela alimentação, etc.

O embaixador Antônio Geraci da Silva cultivou essa tradição desde 1968 até 1984 em Cascavel, quando então passou o comando ao embaixador "Onofre". "O Santo Reis leva, através da música, as escrituras sagradas às residências e conta da viagem dos reis magos para Belém, guiados pela estrela, até quando São José, a Virgem Maria e o menino Jesus tiveram que escapar da matança ordenada pelo rei Herodes", diz o embaixador Antônio.

Muitos moradores afirmam que a "folia" que é feita hoje, não é como de alguns anos atrás. Reconhecem que a de "antigamente" como mais festiva, mais alegre, e que "havia gosto em participar".

O ritual da folia sofreu várias alterações, especialmente o da zona urbana. Seu Onofre, "comandante" de uma companhia de 12 cantadores "mais os reis, contramestre, contrato, pala e finero", descreve que "(...)saímos para a obrigação no dia 24 de dezembro, percorrendo as casas daqueles que querem receber o Santo Reis... até o dia 6 de janeiro quando a gente ensaia a entrega da bandeira". Percebe-se que já não há uma disponibilidade espontânea em receber a folia, "a gente combina antes".

A encenação final, da entrega da bandeira que estampa no centro a imagem de um presépio, trás para o templo o que sobreviveu entre a crença e o misticismo: na entrada principal da igreja há três arcos embaixo dos quais passam os foliões cantando. "Representam os reis, a coroa e a ponte do rio Jordão, que Herodes mandou fechar para não deixar ninguém passar". Na ponte os reis fizeram uma festa, com muita cantoria e barulho festejando o nascimento; com isso a família sagrada pode passar sem ser

percebida. Nessa passagem o menino Jesus abençoou os reis por tê-lo salvo da morte. Após a encenação, os foliões reverenciam o padre e entregam-lhe a bandeira.

Há outras ocasiões em que a "folia" sai às ruas, como por exemplo, antecedendo as festas de São João, Divino Espírito Santo e São Sebastião, onde os rituais de visita são muito semelhantes, mudando apenas algumas saudações em forma de "cantoria".

O contato que tivemos com essas várias pessoas que, na memória e em práticas ainda persistentes, conservam algo de um universo religioso, nos permitiram perceber que, na medida em que os templos vão avançando por esses meandros da "cultura popular", as crenças e os costumes vão sendo reelaborados ou sobrevivendo quase sempre somente na memória dos mais velhos. O caso mais explícito é o da fonte de São João Maria, onde os moradores mais recentes e os jovens do lugar, desconhecem completamente que o local já fora um lugar de efervescência religiosa, ou ainda o caso da folia de reis que, além de ser feita "dentro da igreja", é patrocinada pela Secretaria Municipal de Cultura, fato que simbolicamente remete a pensar o "rei sem trono", algo apenas "exótico". Essa constatação deixa claro a relação diametral entre o "esquecimento" das práticas populares e o controle racionalizante do discurso sobre o sagrado.

O meio urbano, no entanto, é um local expressivo da reprodução do religioso tanto no sentido da multiplicação das agências, quanto no aspecto do trânsito religioso dos fiéis caracterizando um campo de lutas simbólicas entre as várias agências. Cascavel urbana é um desses palcos onde a ameaça ao modelo de catolicismo que sobreviveu junto à imigração é iminente.

### CAPÍTULO III - O CAMPO RELIGIOSO LOCAL

A grande migração para os centros urbanos, seja interna, com migração das pessoas que de alguma forma foram excluídas da propriedade e ou permanência na terra, ou externamente, com os migrantes de outras cidades à Cascavel, torna mais visível a formação de um campo religioso onde se há uma rápida estruturação de várias agências de ofertas de bens de salvação que entram em disputa pelo monopólio do discurso e, portanto, dos fiéis.

É preciso notar primeiramente que as mudanças na estrutura do cotidiano não se operaram apenas neste nível material. A ordem social estabelecida é correlata ao poder simbólico de construção de uma ordem gnosiológica, cuja consequência mais imediata é uma certa concepção "homogênea" do tempo, do espaço, da causa, dessa forma resultando em um certo "consenso" em relação ao mundo social. Neste sentido, qualquer alteração brusca neste "conformismo lógico", como diria Durkheim, representaria um risco para este conjunto de referenciais então estabelecido. Como tem dito Peter Berger,

"Para um indivíduo, existir num determinado mundo religioso significa existir no contexto social particular no seio do qual aquele mundo pode manter a sua plausibilidade. Onde o nomos da vida individual é mais ou menos coextensivo àquele mundo religioso, separar-se deste último implica em ameaça de anomia."<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> - BERGER, Peter. Op. Cit.

A anomia, por um lado, revela a precariedade do mundo construído. Por outro, a plausibilidade religiosa. As mudanças bruscas na estrutura das sociedades representam sempre um grande risco.

Contudo, a ameaça de aniquilação dos valores sagrados, está definitivamente afastada devido à capacidade intrínseca de potencialização da religião, e pela disponibilidade nas sociedades contemporâneas de uma razoável quantidade de agências à "disposição" dos "crentes" onde a conversão e migração para outros grupos religioso, é sempre uma possibilidade razoável, à disposição dos consumidores.

Esse fenômeno ocorreria graças a um processo de redefinição da identidade social, que Bourdieu tem chamado de "reinterpretação". Esta perspectiva também pode ser lida em Pierre Sanchis, por ele designado de "ressemantização". A convivência com o outro e seus valores simbólicos significa redefinir o seu, repensar/reconstruí-lo. Pensando o contexto que se opera no Oeste do Paraná e mais especificamente sentido em Cascavel, o campo que se instala dá visibilidade a uma luta estabelecida entre intelectuais e leigos bem como se institui a procura ante a oferta no interior do campo.

Retomando, é necessário lembrar que embora haja uma racionalização dogmática da fé, os vários sujeitos se apropriam desse recurso simbólico conforme melhor sentido lhe signifique, dados os papéis sociais, como constantemente lembra Roger Chartier. Agências, proselitismo e trânsito, são os ingredientes fundamentais dessa luta que se estabelece.

Várias dessas agências foram concretizadas através de trabalhos pioneiros de "famílias evangelizadoras" que se instalaram em Cascavel, ou pastores especialmente enviados com tal "missão", onde é manifesto a preocupação em duas frentes, essencial para a instalação e compreensão do campo religioso local: garantir a "proteção e fidelidade" de um maior número possível de fiéis nos templos e a reprodução da hierarquia, seja angariando agentes já formados em outros Estados ou cidades, seja

investindo na formação local, fazendo lembrar a afirmação de Pierre Bourdieu que a questão da instalação do campo religioso tem a ver com a racionalização da religião através da constituição de um corpo de intelectuais socialmente reconhecidos e autorizados à manipulação do sagrado e que, sobretudo, essa manipulação

"acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em leigos(ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso( enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal."<sup>2</sup>

É necessário relembrar contudo, que a dinâmica própria do campo religioso se fundamenta na luta estabelecida entre os vários agentes pela gestão e monopólio da violência simbólica, isto é, no poder de impor e inculcar. Neste sentido,

"o campo de produção simbólica é um microcosmo de luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesse na luta interna do campo de produção(e só nesta medida) que os produtores servem os interesse dos grupos exteriores ao campo de produção." <sup>3</sup>

Na década de 60, a reordenação social estabelecida, conforme já pontuamos linhas atrás, provoca profundas transformações no tecido social, vigorando uma aglutinação humana em torno das cidades promissoras que já pulverizam o Oeste do Paraná, neste período. Cascavel é "sobrecarregada" com um número bastante expressivo de "nortistas", uma miscelânea de migrantes dos vários Estados brasileiros, que provocam dinamização no campo religioso,

---

<sup>2</sup> - BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, Bertrand, 1989. p.39

<sup>3</sup> - Idem. p.12



trazendo várias religiões e seitas até então "desconhecidas" no cenário local, representando uma significativa ameaça ao monopólio do catolicismo.

Essa complexidade religiosa estabelece um mercado onde se evidencia a disputa e o trânsito de fiéis por entre essas várias agências. A seguir pontuo algumas dessas novas "moradas do sagrado", partindo das falas, registros e relatórios que nos tiveram ao alcance.

### **3.1 - Templos, agentes e fiéis: a geografia do sagrado**

#### **3.1.1 - Os Adventistas**

Em 1957 era enviado para Cascavel o primeiro pastor com a incumbência de satisfazer o interesse religioso devido a que *"(...)Cascavel era uma cidade pujante, em desenvolvimento e a igreja viu que seria uma nova Capital, a capital do Oeste..."*<sup>4</sup>. Primeiramente instalada em um barracão, onde hoje seria o centro da cidade, utilizavam a parte frontal para a realização do culto e os fundos para a escola. Os educandos, exclusivamente filhos de adventistas quando da fundação, somava neste ano apenas "oito almas". As famílias "crentes" eram poucas e, segundo as estatísticas, as conversões se davam em número reduzidíssimo. Davi Gruber confirma, mediante um discurso de identidade: *"praticamente não havia conversões, a maioria católica permanecia católica, e os adventistas, adventistas."* Das poucas famílias seguidoras desta religião, quase todas já vieram a Cascavel como Adventistas.

---

<sup>4</sup> - GRUBER, David. Entrevista concedida em 22/12/95. Sua família foi uma das pioneiras em Cascavel, estando ligada à fundação da igreja local, bem como dos trabalhos de evangelização, inclusive na atualidade. Recebeu o "selamento" no primeiro batismo realizado em Cascavel, em um rio de água corrente, conforme a tradição da religião - "como Cristo no Rio Jordão."

Esse quadro contudo sofreria modificações com a chegada dos "nortistas". Segundo Gruber, *"com o crescimento da cidade veio muita gente e então, o número de adventista cresceu."* Modificações também são sentidas no que diz respeito ao trânsito religioso. Segundo estatísticas da Escola Adventista local, 80% dos alunos regularmente matriculados, são católicos bem como o maior número de convertidos são advindos do catolicismo, embora também da assembléia de Deus e espíritas.

Um dos pontos fundamentais de toda a prática proselitista e alicerce da igreja Adventista é o batismo. Regularmente chamado de "selamento", e a observância dos mandamentos. O trabalho de espiritualidade anterior ao "selamento" se faz em "preparação" a esta opção. *"Nós somos batizados na vida adulta porque temos que ter discernimento, saber o que estamos escolhendo"*. No cotidiano pós-selamento, a observância dos mandamentos se faz através de árdua leitura dos textos bíblicos, prática esta que estabelece todo um rede de vigilância. *"Toda a semana nós recebemos lições para estudarmos durante a semana e no sábado, estudamos todos juntos."* Em um folheto especialmente produzido para as reuniões do sétimo dia, com o sugestivo título de "A lei de Deus", faz comparações dos mandamentos "originais" dos textos bíblicos e os mandamentos, modificados pela igreja católica. Segundo Gruber, que nos forneceu o folheto em pleno local de trabalho<sup>5</sup>, *"foram os imperadores que eram católicos e papas ao mesmo tempo que colocaram na lei essas modificações. Nós fazemos a leitura dos mandamentos direto da bíblia...como Deus mandou!"*

O sábado, e não o domingo do calendário cristão, é o dia "santo" dos Adventistas. Neste dia procuram não trabalhar e dedicam-no à oração, "ao encontro com Deus e os irmãos para estudo

---

<sup>5</sup> -David Gruber comanda a Administração de Cemitérios e Serviços Funerários de Cascavel - ASESC-, onde nos concedeu a entrevista. Sobre a sua mesa, revistas e uma quantidade deste folheto que mencionamos, o que deixa claro a sua investida proselitista, embora tenha negado que os adventistas o façam.

da bíblia". Gruber e outros entrevistados afirmam que "os católicos modificaram" este dia santo porque está "escrito" que Deus, ao fazer o mundo, descansou no sétimo dia e este dia é o sábado.

O grande crescimento da cidade, no entanto, não encontra similaridade matemática em relação ao número de fiéis Adventistas. Embora houvesse a construção de templos nas várias cidades do Oeste, Cascavel contou apenas com ... templos, concentrados no centro da cidade e atendendo a uma classe mais erudita, ao contrário das pentecostais e do catolicismo nos últimos anos, exigindo dos poucos adeptos da periferia o deslocamento para o centro da cidade.

### 3.1.2 - Assembléia de Deus

Segundo os estatutos da Igreja Sede, a Igreja Evangélica Assembléia de Deus iniciou os seus trabalhos também em 1957, na pessoa de Enoque Xavier de Alencar, "um irmão não autorizado" que, tendo contatado com Leif Andersem, da "missão Norueguesa" em Londrina, no Norte do Estado, teve permissão para "*trabalhar para o senhor Jesus em Cascavel*".

Leif Andersem, percebendo que "Cascavel despontava no Oeste paranaense como uma cidade promissora, oferecendo oportunidades a quantos aqui chegassem, sentiu a necessidade de iniciar a evangelização para a salvação de almas nesta cidade"<sup>6</sup>. Alguns meses depois, destacou como assistente da futura igreja de Cascavel, o missionário Lars Forland também da missão Norueguesa, para assistir o evangelista Ireno Jacinto da Silva, que contariam a partir de então, com "*três famílias que louvavam o Senhor*."

---

<sup>6</sup> - ASSEMBLÉIA DE DEUS - Jubileu de Prata: 1957/1982. Curitiba: CELUZ (Centro de Evangelização Luz da Palavra). 1982 p.03

Alguns anos mais tarde, a igreja de Cascavel passaria a ser sede regional, obrigando os seus pastores a percorrerem longas distâncias, dada a abrangência do "setor", onde as pregações quase sempre eram realizadas em lugares públicos, devido à não existência de templos para os cultos e cujo meio de locomoção mais usual era a bicicleta.

A prática de pregação pública nem sempre era bem vista por integrantes de outras religiões. Por uns percebida como "desrespeito à religiosidade alheia", por outros como "perturbação da ordem pública", renderam alguns conflitos verbais e ou agressão física como a que ocorreu com o "evangelista" Heleno José de Oliveira, que, em Porto Picheki, *"fora espancado enquanto dirigia um culto ao ar livre"*. Apesar dessa franca expressão de recepção negativa, os crentes se reproduziam. Em 1970, já contavam com 1.600 membros, tendo como assistentes, 14 presbíteros.

A construção da igreja Sede representou um significativo momento da consolidação dos "crentes" em Cascavel. Com o lançamento da pedra fundamental aos 22 de maio de 1976 na gestão do Pastor José Joaquim dos Santos, a igreja foi inaugurada três anos depois, mais precisamente em 8 de julho de 1979, onde,

*"(...) diante de grande multidão, diversos obreiros dos mais longínquos rincões do Estado do Paraná, faziam representar as igrejas co-irmãs, pois, com aproximadamente 3 anos e meio de lutas árduas e de lágrimas, era chegado o momento de jubilar diante do Senhor Jesus Cristo por tão grande vitória."*<sup>7</sup>

A grande área de construção do Templo Sede, 1.154 m<sup>2</sup>, distribuídos em dois pavimentos de 15/35 e que mereceu a pecha de "templo moderno", reavivou a atuação dos obreiros e fiéis. Em 1981, já contavam com a construção de seis novos templos em alvenaria, somente em Cascavel, totalizando 44 templos, 11

---

<sup>7</sup> - ASSEMBLÉIA DE DEUS...Op Cit. p.03

terrenos para futuras construções, 32 residências para obreiros, 2 apartamentos, 6 veículos e 5 telefones e um rebanho de 2.776 membros adultos e 2.330 crianças.<sup>8</sup> Segundo um dos pastores atuais, *"esse rápido crescimento dos salvos se deve principalmente ao esforço de todos em buscar o Reino de Deus e construir a sua Justiça aqui na terra".<sup>9</sup>*

Contrariamente do que se observa na igreja Adventista, esses templos estão concentrados na periferia, mais precisamente nos bairros mais populosos. Segundo o pastor Jorge, o maior número de "crentes" vem da classe "mais humilde", embora também tenha alguns de profissões mais "elevadas", como professores e comerciantes. Também segundo ele, é a classe mais humilde que mais freqüentemente procura a igreja, *"saíndo de outras religiões, à procura de curas. São poucas as pessoas de melhores condições que mudam tão freqüentemente de religião."*

### **3.1.3 - Igreja Presbiteriana do Brasil**

Os Presbiterianos em Cascavel estão representados desde aproximadamente 1955, onde famílias migrantes do Sul do Brasil já se reuniam para o louvor. Hoje no entanto, brasileiros convertidos principalmente do catolicismo formam o reduzido rebanho, somadas as duas dissidentes: a Presbiteriana Renovada e Presbiteriana Independente. Como marca dos "novos tempos" trazem um forte enraizamento proselitista fundamentado basicamente na convicção da predestinação.

Ainda explicitamente influenciados pelo Calvinismo, aceitam somente a bíblia e dois sacramentos: a ceia e o batismo e somente enquanto estimulantes da fé. A missa católica é percebida como uma

---

<sup>8</sup> - Idem, Ibidem.

<sup>9</sup> - FERRAZ, Jorge. Um dos Pastores atuais da Igreja Assembléia de Deus.

Entrevista concedida em 28/12/95, no interior do templo em Cascavel.

idolatria e, por essa razão o culto consiste em atos de piedade, onde num primeiro momento

"fazemos uma adoração pública ou silenciosa, seguida de louvor público. Em seguida a prédica que é a leitura da bíblia e a mensagem do pastor e, por último, a dedicação que é o dízimo ou oferta dos fiéis a Deus"<sup>10</sup>

Deriva o nome "presbiterianos", da forma de governo da igreja. Em oposição ao Anglicanismo, por exemplo, não têm uma hierarquia fixa e as comunidades são governadas pelos presbíteros (os mais velhos) que podem, inclusive ser leigos, organizados (na vertical) em Supremo Concílio, os Sínodos, Presbitérios e Conselhos Locais.

No cotidiano religioso, contam com apoio doutrinário de um jornal de nível nacional, o Brasil Presbiteriano impresso em Curitiba, cartilhas e folhetos para os louvores rotineiros, fundamentados principalmente em estudos do Centro Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro.

Segundo o Brasil Presbiteriano, que se presta como órgão oficial e oficializante da teologia, representação da compreensão e atuação dos intelectuais desta religião, a igreja está passando por uma fase de "atualização" onde os vários Congressos Regionais e Estaduais dirigidos pela Comissão Nacional de Ação Social da IPB(CNAS) não estão medindo esforços no sentido de melhorar o desempenho das igrejas na área da assistência social:

"Nesta frente de trabalho, buscaremos aprofundar a consciência da igreja nacional para as questões

---

<sup>10</sup> - SOUZA, Nadir Severino de. Pastor Presbiteriano radicado em Cascavel a 10 anos. Entrevista concedida em 22/12/95.

sociais, estimulando a que cada igreja coloque suas dependências a serviço da sociedade"<sup>11</sup>.

Na fala do presidente da CNAS,

"Não podemos mais postergar. Precisamos ser práticos; precisamos responder aos questionamentos agonizantes do mundo, com respostas práticas sem subterfúgios, sem demagogia teológica. A misericórdia é encarnacionista. Não há possibilidade de ser contemplativa; ela é absolutamente participativa, inexoravelmente cooperativa."<sup>12</sup>

### 3.1.4- Evangelho Quadrangular

Fundamentados na prática da "cura pelo espírito santo", é a última dentre as pentecostais a se instalar em Cascavel, na década de 60: os primeiros pregadores aqui estiveram por volta de 1969. Contam hoje com 10 templos, estando somente a igreja sede na região central, distribuindo-se os demais templos pelos bairros populosos da periferia.

Nos cultos, as pregações enfatizam um "correto discernimento" entre as coisas do mundo e as coisas de Deus, como por exemplo não fumar, não usar drogas, não ir aos bailes, cinemas, uso de álcool, sexo como prazer, etc. Além dessas restrições para todos, as mulheres tem acrescido a proibição do uso de calça comprida, biquini e minisaia. Segundo o pastor atual, Juvelino Antônio Pinheiro, essas

---

<sup>11</sup> - BRASIL PRESBITERIANO. Órgão da Igreja Presbiteriana do Brasil. Curitiba, n.º 490, ano 36, julho de 1995.

<sup>12</sup> - NETO, Honório Theodoro. Expressão da Misericórdia. In: Brasil Presbiteriano. Op.Cit. p.02

"proibições se fazem necessárias porque o corpo é um templo do Espírito Santo...as coisas do mundo estão infestadas pela vontade de satanás que é desvirtuar o crente, violar o templo do espírito santo"<sup>13</sup>

Desde sua instalação, o número de adeptos tem se mantido estável, sendo registrado um "grande crescimento" somente nos últimos dez anos. Esse aumento na demanda, como demonstra os registros da igreja sede, torna-se visível pelo grande número de conversões e multiplicação dos templos. Segundo o atual pastor, "esse crescimento é a certeza de estarmos conduzindo a palavra do jeito certo... salvando almas para o senhor Jesus". O marco fundamental desse desenvolvimento, segundo o pastor, está na criação do Seminário Teológico local que todos os anos forma um número significativo de pastores que assumem seus "ministérios", seja em Cascavel ou na região Oeste do Estado.

Um outro fator apontado por Juvelino como causa do crescimento da igreja local, é a grande procura dos fiéis que se avolumam nos templos, sobretudo nos de periferia:

"As pessoas estão a procura da cura para a alma...chegam doentes, com problemas familiar, com drogas, álcool, financeiro, etc., todos em busca da verdade... e Deus é a verdade e a verdade vos libertará."

O grande público que freqüenta os cultos de "libertação" fez com que o "bispo" atual orientasse um culto específico aos crentes e um, "público", para os freqüentadores.

"Os membros típicos participam nas terças e no domingo, onde temos um culto mais dirigido, mais fechado. Nas

---

<sup>13</sup> - PINHEIRO, Juvelino Antônio. Bispo Regional da Igreja do Evangelho Quadrangular. Entrevista concedida em 23/12/95



quartas e quintas feiras freqüentam membros de várias religiões, principalmente católicos, da umbanda, candomblé, espíritas e da assembléia."

Segundo estatísticas da Igreja Sede, entre 65 e 80% desses freqüentadores se convertem para o "Evangelho", sendo que os demais "não se definem" por uma ou outra religião, perambulando por entre elas. Segundo o pastor Juvelino,

"é difícil segurar as pessoas numa religião, por que, devido a grande gama de informações veiculadas pela imprensa, principalmente a televisão e rádio, faz com que as pessoas sejam curiosas e queiram conhecer sempre mais de outras religiões. Então elas acabam se convertendo e mudando."

### 3.1.5 - Espíritas

Segundo registros do Centro Fé, Amor e Luz, em 1956 chegava o primeiro espírita e fundador em Cascavel, Ramiro Siqueira. Era comerciante e proprietário de uma pequena área que, após sua morte, destinou-se para instalação da "grande obra". Com uma bem montada creche que reúne crianças de zero a doze anos, perfazendo um total de cento e oitenta, escola interna, dezoito funcionários, além dos vários colaboradores, os espíritas em Cascavel apontam para uma perspectiva que "visa uma transformação individual e da sociedade".

Inspirada na linha Kardecista, trazem como princípios fundamentais da doutrina a Evolução, a Reencarnação, sobrevivência da alma, e a comunicação entre os dois mundos. Segundo "dona Zênite",

"o que os espíritas pretendem é uma transformação moral da sociedade... todos os freqüentadores, precisam

renunciar a certos hábitos, precisam assumir compromissos, trabalhar.”<sup>14</sup>

Segundo ela, os maiores freqüentadores do centro são os católicos e, de “(...)outras religiões alguns poucos mais por curiosidade.” A maioria dos católicos não passa por um processo de conversão, isto é, não “mudam” definitivamente abandonando o catolicismo, convivendo com ela sem qualquer conflito maior.

A doutrina espírita, na verdade não nega o catolicismo, ao contrário, se aproxima muito dele. Essa particularidade se revela inclusive pela “cautela” que caracteriza visivelmente o cotidiano do centro, onde se percebe um grande cuidado por parte de líderes e participantes no sentido de não “atacá-los”. Dona Zenite afirma que “não perguntamos a origem(religiosa) da pessoa”, e confessa: “(...) os respeito com todo carinho... fui católica a vida toda até uns anos atrás, embora também Kardecista. Eu demorei a tomar uma decisão... convivi com as duas.”

A lista de presença e de pessoas assistidas pelas obras de caridade, registra uma grande procura dos cinco centros de Cascavel, nos últimos anos. “As pessoas procuram acalmar a ansiedade, a insônia, as perturbações da alma. Nós vivemos num período de muita carga negativa, você sabe, mente sã corpo são.” Os “carentes” são amparados por obras assistenciais como creche, alimentação e roupas. Mas sobretudo chama atenção o trabalho de “reintegração” de pessoas que “perderam o sentido”. Com os filhos internados na creche, se os possuírem, os pais são acompanhados no mercado de trabalho onde os patrões, através do preenchimento de uma “cadernetinha”, anotam todo o desempenho do “empregado”, passando-a ao controle do Centro. Nas reuniões de espiritualidade, os registros da caderneta são comentados de “forma geral” diz

---

<sup>14</sup> “DONA ZENITE”. Administra o Centro Fé, Amor e Luz a mais de 20 anos. Não nos revelou o seu nome, preferindo ser chamada como “todos a chamam”. Entrevista concedida em 20/12/95.

Zenite. Essas reuniões podem variar segundo a "gravidade" do problema, ou seja, a resistência à reintegração.

Essas reuniões obedecem a mais duas regras de controle: a chamada e ata invariavelmente são feitas em todas as ocasiões. Nos casos graves se recorre a uma "conversa reservada", *"isso se faz necessário porque eles mentem, enganam a gente. Dessa forma, hoje, nós conseguimos 90% de promoção."*

### 3.1.6- Umbanda

"Mestre" Macedo é o mais antigo de uma geração que trouxe os cultos Afros para Cascavel. Deslocou-se de São Félix, na Bahia, para o Paraná, vindo a residir em Cascavel em 1965. Adquiriu um pequeno "lote" no centro da pequena cidade para a instalação de uma casa de artigos religiosos, onde até hoje expõe imagens, incenso, banhos, defumações, velas, etc. e oferece "trabalho de atendimento aos irmãos".

Mestre Macedo faz questão de dizer que a Umbanda é também um espiritismo porque "defendemos a reencarnação, a comunicação com os espíritos" e que os Orixás são os mesmos santos da igreja católica: "Veja você, São Jorge é Ogun, Santa Bárbara é Iansã, Nossa Senhora, Iemanjá, e assim por diante... Um umbandista todo ele é católico."<sup>15</sup>

Um eficiente trabalho de vigilância de um certo número "fixo" de adeptos foi desenvolvido por Mestre Macedo. Carteirinhas e lista de presença identificam e controlam a frequência das pessoas nas "correntes" e nas campanhas de arrecadação e distribuição de alimentos, porque "a caridade desponta como principal objetivo e motivo de elevação" do umbandista, diz Mestre Macedo. Ele mesmo colocou como regra não cobrar "pelo atendimento". Aceita apenas

---

<sup>15</sup> - MESTRE MACEDO veio a Cascavel em 1966 tendo partido de São Félix, na Bahia onde foi "iniciado". Coordena vários centros e uma casa de Artigos Religiosos de onde administra e faz "atendimentos".

dez quilos de alimentos para jogar búzios ou qualquer outra "orientação". Argumenta que, "essa é uma maneira de agradar ao anjo da guarda de cada um e ajudar a matar a fome de muitos carentes que diariamente nos procuram".

O Universo Afro na cidade é bastante amplo e "em fase de expansão", segundo Macedo. Durante a nossa entrevista de pouco mais de uma hora, várias interrupções foram feitas devido a presença de pessoas "novas" que buscavam algum tipo de ajuda, alimentar ou espiritual. Esse fato confirma a afirmativa de Macedo: "A procura das pessoas de todas as classes sociais é muito grande. Eles procuram melhora financeira, livrar-se de mau olhado, de um trabalho..."

Esse crescimento na procura, no entanto, é recente. Vários "Mestres" e seguidores identificam o "antigamente" como mais difícil de se trabalhar e ser aceito em Cascavel. "Mestre Eru", também proprietário de uma Casa de Artigos Religiosos, afirma que, "quando as pessoas passavam em frente da "loja", se benziavam fazendo o sinal da cruz."<sup>16</sup> "Trabalhar hoje é mais fácil porque as pessoas têm mais informações e nos aceitam mais facilmente, confirma Mestre Macedo.

Ambos os líderes, numa perspectiva proselitista, elogiam todas as religiões, porque elas "procuram trazer Deus às pessoas". Mestre Macedo afirma que todo Umbandista tem sempre uma religião, na maioria católica, mas também da Assembléia, da Universal, etc., porque "nosso trabalho é uma corrente de oração onde eu coloco todos nessa corrente independente da religião...eu trabalho com a água onde as pessoas colocam um copo aos pés da cama, faz as orações, e no outro dia lavam o rosto e não enxugam... existe coisa mais pura que a água?...todos eles(os líderes religiosos)

---

<sup>16</sup> - MESTRE ERU. É um "seguidor" de Mestre Macedo, embora é possível perceber uma sutil discordância entre mestre e discípulo. Até onde foi possível perceber, devido a ambos serem "reservados", não se trata de questões doutrinárias mas sim de disputa por fiéis. Veio a Cascavel nos "anos 70". Entrevista concedida em 19/12/95.

são meus amigos, porque procuram fazer o trabalho de elevar a Deus."

A expansão do culto Afro não se dá somente no sentido da procura dos "trabalhos". Há uma franca reprodução material das "Casas", "Centros", e "Terreiros" de Umbanda, Quimbanda e Candomblé, que somadas hoje, perfazem um total de 46, somente na cidade de Cascavel.

O campo religioso local, na atualidade, é muito mais complexo do que este que descrevemos. Na impossibilidade de tratá-los todos e, não avançando o recorte temporal que nos propomos na pesquisa, apontamos essas agências como aquelas que primeiro despontaram na complexidade de um universo potencial, onde cada dia há uma dissidência e a criação de um novo grupo de fiéis, acirrando a disputa pelo controle do sagrado e dinamizando cada vez mais o campo de lutas.

Se faz necessário pontuar que no bojo deste campo em potencial, o catolicismo não se comporta passivamente. Na luta estabelecida, embuídos de "obras", "diretrizes" e reprodução dos templos e dos seus intelectuais, os católicos "contratam" numa disputa pelo controle e manutenção da fé dos fiéis.

### **3.1.7 - Capelas, paróquias, dioceses: a consolidação do catolicismo**

A hierarquia católica chegou ao Oeste juntamente com os imigrantes sulistas. Católicos em sua maioria, constantemente solicitavam, aos pioneiros Guilherme Maria Thiletchek, Prelado de Foz do Iguaçu desde 1926, "assistência" religiosa. Praticamente num trabalho "peregrino", os assistentes eram hospedados pelos moradores próximos da capela; quando esta ainda não existia, tratavam de "encaminha-la.

Na década de 40, o clero paranaense articula a transferência desta Prelazia para Laranjeiras dos Sul. Esse município fora escolhido por Getúlio Vargas para ser a sede do Território Federal

do Iguaçu. Embora tenha sido concretizada somente em 1946, quando o Território é extinto pela nova constituição o clero confessa a lógica de disputas pelo controle de fiéis, pois ela ocorrera "(...)motivada por ter tido o leste desta região maior expansão populacional."<sup>17</sup>

Neste período de domínio do prelado no Oeste, um reduzido número de "(...)heróicos missionários, em peregrinações constantes foram lançando fundas raízes na alma do sertanejo, ao mesmo tempo que, reanimavam a fé dos pequenos núcleos populacionais, alguns dos quais se tornaram cidades." Fica claro a disputa do intelectual e do leigo: os "sertanejos" recebem "raízes profundas".

O desenvolvimento regional anima a hierarquia a não remeter o Oeste ao "abandono religioso". Com a transferência da prelazia de Foz para Laranjeiras do Sul, "face ao ritmo acelerado do progresso que veio à aquela região..."<sup>18</sup>, o Episcopado paranaense mobilizou-se juntamente com Dom Armando Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil, e articulam junto à Santa Sé, em Roma, a criação de duas dioceses no mesmo território de domínio desta Prelazia.

Graças a esse esforço conjunto, ao 29 de julho de 1959, o Papa João XXIII assinava a Bula "Cum Venerabilis" extinguindo a Prelazia e criando uma Diocese em Campo Mourão, no norte do Estado e outra em Toledo, no Oeste. Ao mesmo tempo o então padre de Apucarana(norte do Estado)Armando Círio, era designado Bispo da nova Diocese, onde permaneceria até esta data.

Na década de 70, três grandes condicionantes trariam "intervenções" no campo eclesial agitando a hierarquia local, representando o momento expressivamente signi ficativo para a consolidação frente à disputa. "O primeiro evento foi o surpreendente progresso da cidade de Cascavel, alçada pela posição geográfica e pelos órgãos federais e estaduais que a construíam

---

<sup>17</sup> - ARQUIDIOCESE DE CASCAVEL - Ontem e Hoje. Edição histórico comemorativa. Cascavel, Indústria Gráfica Oeste Ltda.(IGOL) p.05

<sup>18</sup> - Ide. p.06

como "cidade-pólo"; o segundo, foi a população, que chegou a ultrapassar, em 1975, a casa de 1.200.000 habitantes; o terceiro foi a previsão da expansão de Foz do Iguaçu, em razão e consequência da construção da Usina de Itaipu..."<sup>19</sup> Esses "eventos", somados à grande extensão da diocese de Toledo, 30.000 km<sup>2</sup>, alvo de constantes reclamações do clero local, trariam a decisão de criação de duas novas dioceses, a partir do desmembramento da Diocese de Toledo. Assim, aos 5 de maio de 1978, chegavam às mãos de Dom Armando Círio, duas Bulas assinadas pelo então Papa Paulo VI criando as Dioceses de Cascavel e Foz do Iguaçu. Neste mesma ocasião, Dom Armando era transferido para Cascavel, Dom Geraldo Majjela Agnelo para Toledo e Olívio Aurélio Fazza, para Foz do Iguaçu.

Essas características regionais da religiosidade do europeu, trariam ainda na década de 70, importantes intervenções da Santa Sé. O clero local e afirma que "o fluxo migratório...dera características diferentes de outras regiões do Paraná...e isso veio de encontro à sugestão da Nunciatura...de se criarem mais Províncias Eclesiásticas." Justificados nessas "diferentes" características do europeu migrante, seria aprovado, após somente 1 ano e cinco meses, a elevação da Diocese de Cascavel à categoria de Arquidiocese Metropolitana através da Bula "Maioris Christifidelium". Novamente na mesma ocasião, a elevação de Dom Armando Círio à categoria de Arcebispo Metropolitano, agora assinada por João Paulo II, aos 16 de outubro de 1979.

O direcionamento "trabalho pastoral" de Dom Armando esteve preferencialmente voltado para a assistência religiosa, dada a demanda que se estabelece. Várias congregações religiosas masculinas e femininas são convidadas a "partilhar", formando hoje um número bastante expressivo.

Outra preocupação constante da Diocese tem sido a questão vocacional, "os operários especiais para a messe do Senhor", pois, como diz o "pastor", "Do ministério deles depende o progresso

---

<sup>19</sup> - Idem. Ibidem.

espiritual do Povo de Deus e da pregação deles depende o progresso da sociedade.”<sup>20</sup> Essa reprodução dos autorizados se justifica na própria relação interna do campo: “(...) nos cabe(aos presbíteros) fazer amadurecer a fé nos cristãos...diante da redução na estatística da frequência às celebrações litúrgicas, sinal de crescente indiferentismo e apatia espiritual...diante da pouca incidência da nossa pastoral...diante da perda do sentido sacral...”<sup>21</sup>

No campo político compreendido como “pacificador”, desempenhou um “profícuo ministério”, criando 23 paróquias, administrando 301 capelas. Conta com 6 seminários, um Centro de Formação de Lideranças e atualmente está para ser consolidado o Instituto Teológico da Província Eclesiástica de Cascavel. Contava, até 1983, com 13 sacerdotes diocesanos, 37 religiosos e 81 religiosas de 16 congregações que comandam Institutos e Casas de Formação num total de 32; 12 religiosos leigos de 6 congregações.<sup>22</sup>

Visivelmente marcados pelo Vaticano II, a estrutura dos movimentos leigos, é bastante diversa. Os grupos de Reflexão, como são denominados, estão subdivididos em Escola Paroquial, Legião de Maria, Cursilhos de Cristandade, Serra Clube(movimento leigos que auxiliam as vocações sacerdotais, inclusive financeiramente), Movimento Familiar Cristão, Sociedade Movimento dos Focolarinos, Apostolado da Oração e a “caçula”, Renovação Carismática Católica.

No campo das disputas, a consolidação se demonstra criteriosa. Nas “Diretrizes Arquidiocesanas sobre o sacramento do Batismo”<sup>23</sup>, se recomenda cautela em relação à busca do sacramento: “(...) as pessoas de outras religiões podem estar presentes mas não como padrinhos...”, mas francamente proselitista:

---

<sup>20</sup> - “Os Sacerdotes”. Plano Pastoral-1988/1992. Arquidiocese de Cascavel. p. 05

<sup>21</sup> - Idem. p.11

<sup>22</sup> - FONTE: Cúria Diocesana de Cascavel.

<sup>23</sup> - Diretrizes e Orientações sobre o Sacramento do Batismo. In: ARQUIDIOCESE...Op. Cit.



"Outro desafio é quando a paróquia se defronta com casos especiais. Pessoas que vivem irregularmente, afastadas da igreja e da prática religiosa, ligadas a associações, crenças e filosofia perigosas ou duvidosas. A tentação de ser rigoroso, por aversão ou falta de tempo ou disponibilidade é grande, esquecendo-se da dimensão missionária da igreja e apagando, talvez definitivamente, a pequena luz que ainda existe em alguns corações."

A seguir, pontuando mais claramente os "casos especiais" as diretrizes determinam que

"O batismo de crianças cujos pais ou um dos pais frequenta a maçonaria, o espiritismo, a Seicho-No-Iê, etc.,... cujos pais estão impedidos de casar na Igreja ou não querem casa na igreja, cuja mãe é solteira... cujos pais não tem religião...a primeira indagação a ser feita é sobre o conjunto da família e parentesco e, depois, sobre quem se responsabiliza pela sua educação cristã."<sup>24</sup>

O controle sobre os leigos estão igualmente pontuados nas diretrizes pastorais.

"A Igreja é a mestra...o papel do vigário é decisivo...Como responsável pelas famílias e pela Comunidade, com a sua constante presença e, ou pelas recomendações, além de ser um estímulo...fará perceber que ...não estão sozinhos e não deverão ficar sozinhas

---

<sup>24</sup> -Op. Cit. p.111

ao longo da vida, mas viver constantemente em contato com a Igreja e outros Cristãos.”<sup>25</sup>

As estratégias de reordenamento de diocese, deixam transparecer as marca pela disputa, do campo religioso. Dom Armando aconselha o clero: “façam amadurecer a fé dos cristãos...” E identifica as razões de tal procedimento: “(...)diante da perda do sentido sacral...da redução estatística da freqüência às celebrações litúrgicas...diante da pouca incidência da nossa prática pastoral...”<sup>26</sup>

No campo, o clero percebe o “distendimento” dos fiéis. É o “pastor” que identifica “Não é difícil comprovar que nas últimas duas décadas, muitos cristãos deixaram que suas prática religiosas se apagassem paulatinamente, a ponto de chegarem a uma lamentável confusão nas idéias a respeito da santificação do Domingo e das festas.” Profetizando, afirma que “...(as festas e o Domingo) são ocasiões para dissipar as trevas do nosso ser, enriquecendo todas as coisas de sentido, sobretudo o sofrimento e a morte.”<sup>27</sup>

Diante destas constatações, visando um reorientação dos fiéis, ordena as seguintes estratégias para as dioceses. “Promover congresso Eucarístico Paroquial, encaminhar em todas as paróquias realização de Missões Populares.”

Enfim, com estas pontuações aqui elencadas da geografia do sagrado, ficou caracterizada a disputa dos fiéis, que se processou entre as várias agências que se instalam em Cascavel. Os fiéis, contudo, embora o esforço das agências se façam no sentido de controlá-los, torná-los um “fiél” professo de sua doutrina, eles transitam por entre as várias ofertas, procurando aquilo que de imediato lhe faça maior sentido, na imediatez cotidiana.

---

<sup>25</sup> - Diretrizes e Orientações sobre a Primeira Eucaristia. In: ARQUIDIOCESE... Op. Cit. p.114

<sup>26</sup> - Plano Pastoral. Arquidiocese de Cascavel. p.11

<sup>27</sup> - CÍRIO, Dom Armando. Ao sentido do Domingo e das Festas Religiosa. In: Plano Pastoral... Op. Cit. p.12

### 3.2 - Beber de várias fontes. O trânsito dos fiéis

Nos dados acima arrolados é possível ter uma idéia da dimensão do mercado religioso que se estabeleceu em Cascavel. Nas várias "moradas" estão fiéis que lembram muito bem Riobaldo, personagem de João Guimarães Rosa: "(...) reza é que sara a loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma...muita religião seu moço! Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio..."<sup>28</sup>

Ao nos aproximarmos dessa questão do trânsito de fiéis, ampliando a perspectiva, percebe-se não se tratar de um aspecto específico do campo religioso mas de um fenômeno da cultura geral: o sincretismo. Elemento imprescindível da dinâmica cultural, o sincretismo permite pensar a convivência de universos contraditórios.

Essa convivência, proporciona um certo equilíbrio individual e coletivo, fenômeno que ocorreria não somente no momento em que a realidade cotidiana é posta em dúvida, mas, como nos tem lembrado Pierre Sanchis, como um modo pelo qual as sociedades humanas são levada a entrar num processo de redefinição de sua própria identidade, quando confrontadas ao sistema simbólico de outra sociedade; homologias de relações entre o universo próprio e do outro. Esse antropólogo, propondo uma redefinição do termo "sincretismo", usualmente recorrente para identificar confusões e misturas, paralelismos, empréstimos, etc., propõe pensá-lo como uma "(...) tendência a utilizar relações apreendidas no mundo do

---

<sup>28</sup> - ROSA, João Guimarães. Grande Sertão, Veredas.

outro para ressemantizar o seu próprio universo." Nesta proposição, sincretismo seria um processo de redefinição de identidade, quando confrontadas ao sistema simbólico de outra sociedade.<sup>29</sup>

O sincretismo proposto como ressemantização, parece ser uma "lógica" própria da dinâmica cultural. No aspecto religioso, agora mais especificamente, é o "eixo" sobre o qual a complexidade do campo se configura, seja no sentido do trânsito dos fiéis, seja no que se refere a assimilação de elementos inter-religiosos e da axiologia mais geral. A seguir, e novamente, passo a palavra a alguns atores que "perambulam" entre várias religiões, justamente para tatearmos algumas nuances desse sincretismo religioso.

Através de entrevistas semi-abertas, busquei identificar não apenas elementos sobre os quais os sujeitos constroem a sua identidade religiosa, mas também elementos ponte do sincretismo que permite ao indivíduo "passar" de uma religião a outra. Ficaram visíveis também, as marcas de "diferenças" da identidade. Perguntei sobre a história religiosa dos entrevistados, seu trânsito ou não por diversas religiões, além da ocorrência de práticas simultâneas em religiões e como esta prática é percebida. Classifiquei-os com base no gênero, nível de educação e ocupação.

Maria da graça é doméstica, tem 43 anos, duas filhas e é solteira. Atualmente frequenta a "assembléia", tendo se convertido, já há dez anos. "Eu era católica. Mas antes de ser crente, eu tive num terreiro, no bairro Morumbi...não me importava, as orações eram as mesmas." O que geralmente caracteriza a tomada de decisão no tocante à conversão para a assembléia de Deus, e também a outras pentecostais, é o fato de estarem os convertidos à procura de uma "benção" cujos motivos são variadíssimos: "minha filha mais velha estava desenganada pelos médicos", diz Maria da Graça. O motivo da "mudança" ela identifica como sendo um conflito com o padre que lhe negou o sacramento do batismo por ser mãe solteira. "O padre Guido

---

<sup>29</sup> - SANCHIS, Pierre. Sincretismo. Revista Comunicações do ISEER, 13(45)p.07

simplesmente se negou a batizar a minha primeira filha, porque eu não tinha marido". Já seu Evaldo, comerciante de 54 anos, casado a vinte, umbandista convertido, participa do Evangelho Quadrangular há apenas dois anos. "Durante algum tempo eu participei das duas, não via problema. O pastor me orientou a seguir somente o Evangelho porque a umbanda está ligada com a magia, saravá, que é coisa ruim...e ninguém tinha me orientado nesse sentido."

Se as religiões católica e pentecostais têm restrições em relação à Umbanda e Espíritas, o mesmo não acontece destas em relação aquelas. Como já frisou Mestre Macedo em relação aos líderes de outras religiões, "todos eles são meus amigos", embora reconheça que "a imagem negativa dos cultos negros foi divulgada principalmente pela igreja católica..." Pontua que "não há problema algum em ser umbandista e católico, ou 'crente' e até espírita.

O mesmo trânsito, ou pelo menos com a mesma frequência, não se observa em relação a Adventistas e Presbiterianos. Perguntados, Mestre Eru e Macedo disseram não ter conhecimento, "se tem, não se identificam". Também para "dona Zenite" líder do Centro Espírita Fé, Amor e Luz, "a maioria dos nossos membros que professam a doutrina, são católicos... é difícil um presbiteriano ou adventista..." Dentre os demais entrevistados, apenas um identificou-se como Adventista convertido à Assembléia de Deus. Nenhum ao catolicismo.

A convivência com mais de uma doutrina, é mais frequente. Nesse sentido aponta Antônio Massanaro, dentista. Ele e a família são católicos e espíritas. "Para mim o espiritismo é uma filosofia que me eleva a Deus...me faz percebê-lo na pessoa do próximo. O catolicismo também me faz compreender que o meu próximo é meu irmão, que eu sou responsável por ele... eu vou na missa quase todos os domingos e, nas quinta-feiras no centro receber o passe." Já sua esposa demonstra "sinais de fraqueza" em relação ao espiritismo: "estou conhecendo melhor o movimento de Renovação Carismática e estou achando muito interessante...", afirma.

Antônio Lopes, "pedreiro de profissão" é católico e participa das correntes de oração de Mestre Macedo, sem achar que haja qualquer inconveniente. "Tinha em nosso bairro um padre que dizia que saravá, candomblé e umbanda, era tudo coisa do demônio, né. Hoje não. Quase todos falam que é religião de nós, os negros, dos antepassados." Sua esposa, Teresa Cristina Lopes, acrescenta que "não há muita diferença, rezamos para os mesmos santos, anjos da guarda e fazemos as mesma oração."

Há entre os entrevistados adventistas, uma professora da Rede Municipal, Marlene Andrade. Os pais eram professores. "É difícil a "saída" de alguém...isso talvez se deva a seriedade com que tratamos a leitura da bíblia e observação dos mandamentos". Várias outras agência são para ela heresias: "Deus disse: não farás bezerros de ouro... as pessoas de pouca fé preferem uma religião mais largada, de faz de conta, como os católicos e crentes".

Há que se acrescentar que potencialmente, todo pentecostal é um proselitista. O bispo Juvelino Antônio Pinheiro, do Evangelho Quadrangular, revela que no culto para "freqüentadores" a grande maioria dos participantes são trazidos por meio de algum laço com um seguidor "típico", que professa há mais tempo. Amigos de trabalho, vizinhos, parentes, identifica como laços mais comuns. A prática proselitista fundamenta-se, quase sempre no princípio de identidade. "Procuramos convencer os que nos procuram que a palavra de Deus liberta...O catolicismo é uma religião litúrgica...e isso quase sempre não satisfaz. Nós damos a palavra, a libertação." Jorge Ferraz, pastor da Assembléia, afirma que os católicos não conhecem a bíblia... e nós oferecemos isso... a libertação através do Senhor Jesus." Ambos concordam que Umbanda, candomblé e espiritismo são falsas religiões.

Adriana Oliveira, bancária graduada em Letras, migrou para a Assembléia de Deus, permanecendo "crente" por dois anos. Neste período confessa que foi "a dois terreiros". Hoje está devolta ao catolicismo, participando do Movimento da Renovação Carismática.

"Aqui encontrei Jesus...todas as religiões mostram uma face de Deus...a RCC me satisfaz..."

O campo religioso local é muito mais complexo do que aqui pontuamos. É imprescindível notar que é esta complexidade do mercado religioso, provocado pela urbanização, que impulsiona o catolicismo a numa dinâmica e ritmo de institucionalização, alternado entre uma reprodução material e "humana", na medida em que outras agências com ela disputam o controle do sagrado. Essa tática se revela não só através da estatística mas também da geografia - os templos são estendidos aos bairros mais populosos da cidade - e das obras de assistência social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu discutir a religiosidade como uma linguagem significativa da trajetória humana. Nas experiências humanas o sobrenatural age conjecturando formas de convivência, de condutas e, portanto, prestando-se como um arquétipo da organização da ordem social. Metodologicamente, foi fundamental a concepção de Bourdieu de campo cultural porque possibilitou uma abordagem da ordem social se fazendo e não enquanto estrutura acabada exterior ao devir desses atores. Explorando essa metodologia, foi possível pensar a estrutura enquanto uma ordem semântica profundamente marcada pelo intercâmbio cultural entre as ações institucionalizantes e o limite de sua ação, frente os interesses mais imediato dos "leigos" que manipulam a seu modo esses modelos disponíveis da intervenção e organização do social.

Os papéis prescritos fossilizados pela tradição se esforçam pela manutenção de uma linguagem, ou seja de um código de ética cuja identidade é passível de reconhecimento e de uma estética comportamental mobilizadora, no interior da qual se perspectivam as experiências.



Sendo contudo, um referencial compartilhado, sofre a ação do jogo de interesses e dos papéis sociais dos vários agentes. Como um livro dado a ler, os homens vivem suas experiências forjando saídas, resistindo, se submetendo, reelaborando, enfim, se apropriando/recriando a linguagem numa série infinita de combinações. Dessa forma, nossa investigação, situou-se no interior da organização do controle social "Revolucionárias" por percebermos esse período como um momento ricamente expressivo para se perceber a mobilidade que se opera no campo cultural e mais especificamente do religioso.

Essas práticas de intervenção trouxeram ao Oeste do Paraná e especificamente a Cascavel, um modelo para a organização econômica profundamente marcados por um rápido processo de transformação do cenário rural frente à urbanização e industrialização. Essa remodelação político-econômica, uma vez no interior do campo da cultura, provoca uma reelaboração dos hábitos prescritos segundo a tradição, provocando uma outra rearticulação dos grupos sociais no que diz respeito ao controle desses novos espaços políticos e econômicos decorrentes.

No interior deste movimento das trocas simbólicas, o referente religioso é repensando como parte fundamental dessa dinamicidade, forjando uma "nova" ética profundamente marcada por uma espécie de elasticidade linguística tão descontínua quanto o próprio mercado cultural, "cambiando" para alguns uma forma sui generis de fundir liberalismo e catolicismo numa espécie de humanidade que define um estilo burguês de viver; para

outros essa linguagem "fala" com imediatismos, obstáculos outros de enfrentamento das experiências neste mesmo cotidiano.

Essa dinamicidade é provocadora de uma maior disputa simbólica pelo controle do sagrado, desencadeando uma multiplicação do campo religioso local estabelecido diante da procura por parte dos fiéis, ou seja, o estabelecimento de um mercado de oferta de bens simbólicos.

Acredito que a circularidade cultural possa ser lida de várias outras formas. Perceber a complexidade social tomando as crenças religiosas como uma forma de introjeção nos laços das representações e práticas, foi a opção que achamos viável diante da própria especificidade do objeto da pesquisa. Reconheço que a construção da leitura sob essa metodologia contém seus limites, muito mais em função de quem está construindo a leitura do . recorte do que propriamente do método. Mas essa é mesmo uma via de mão dupla: ao se tentar construir uma pesquisa ao mesmo tempo está sendo parido um pesquisador.

Essa constatação, muito longe de desanimar, nos alegra porque afinal, a história não é algo acabada porque sempre em movimento. Movimento do qual todos fazemos parte sendo por ele envolvido em todas as circunstâncias. Dessas experiências guardamos rupturas e permanências.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **I - FONTES**

#### **1- Acervos:**

##### **1.1 - Arquivos da Câmara Municipal de Cascavel:**

- 1.1.1- Atas de Reuniões do período de 1957 a 1980;
- 1.1.2 - Ofícios recebidos de 1960 a 1980;
- 1.1.3 - Ofícios emitidos de 1960 a 1980;
- 1.1.4 - Contabilidade de 1965 a 1973.

##### **1.2 - Arquivos do Cartório do Cível, Comércio e Anexos de Cascavel.**

- 1.2.1 - Processos de Reintegração de Posses do período de 1962 a 1967, 1974 a 1979.
- 1.2.2 - Processos de Usucapião do período de 1971 a 1976;
- 1.2.3.- Inventários (vários)

##### **1.3 - Arquivos da Cúria Metropolitana de Cascavel**

###### **1.3.1 - Livro Tombo:**

- a) Paróquia de São Cristóvão;
- b) Paróquia São Paulo;
- c) Paróquia de Fátima;
- d) Paróquia Nossa Senhora da Consolata

###### **1.3.2 - Boletim Mensal da Paróquia Nossa Senhora Aparecida;**

###### **1.3.3 - Comunidade e Comunhão: Plano Pastoral 1987/8**

###### **1.3.4 - Apascenta Minhas Ovelhas: Plano Pastoral 1991.**

##### **1.4 - Arquivos da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná**

###### **1.4.1 - Decretos de 1930 a 1980**

###### **1.4.2 - Correspondências do Ministério da Agricultura ao governo do Estado;**

###### **1.4.3 - Correspondências da Secretaria de Agricultura ao Ministério da Agricultura.**

**1.5 - Arquivos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA.  
Coordenadoria Regional do Paraná.**

1.5.1 - Loteamentos Destinados à Expansão Residencial (ou Urbana)

1.5.2 - Estudo Preliminar da Zona Prioritária para fins de reforma Agrária dos  
Estados do Paraná e Santa Catarina. 1973.

**1.6 - Arquivos do SOJUMP - Serviço de Orientação Juvenil e Movimentos Populares**

1.6.1 - Nós Conquistaremos a Terra. Roteiro para Reuniões.

1.6.2 - Dia de Formação (Curso para Jovens) Juventude Conquistando a Terra  
Prometida.

1.6.3 - Jovens, Terra, Justiça. Roteiros para Grupos Jovens.

**1.7 - Arquivos da Sede Administrativa da Igreja Assembléia de Deus.**

1.7.1 - Jubileu de Prata - 1957/82

**1.8 - Arquivos do Centro Espírita Amor Caridade e Luz.**

1.8.1 - Normas Internas.

**1.9 - Arquivos da Associação Educacional do Oeste do Paraná - ASSOESTE**

1.9.1 - Entrevista com pioneiros não publicadas;

1.9.2 - Textos de História - O Oeste do Paraná.

**2 - Jornais e Periódicos**

**2.1 - Jornais:**

2.1.1- Diário do Oeste;

2.1.2 - de Cascavel;

2.1.3 - Paraná Oeste;

2.1.4 - Hoje;

2.1.5 - Brasil Presbiteriano

**2.2 - Periódicos:**

2.2.1 - Revista Paraná em Páginas;

- 2.2.2 - Revista Paranaense de Desenvolvimento;
- 2.2.3 - Revista Oeste;
- 2.2.4 - Revista Catedral
- 2.2.5 - Natal em Família -1977
- 2.2.5 - Abri as Portas ao Redentor - Novena de Natal/1983
- 2.2.6 - Realidade Agrária - CPT/Pr.
- 2.2.7 - A Semente - Movimento Jovem “Os semeadores”

### **3.0 - Entrevistas:**

- 3.1 - GALAFASSI, Dércio. 25/09/95.
- 3.2 - DELLA TORRE, Giocondo Padre. 30/09/95.
- 3.3 - SPERANÇA, Regina. 15/09/95
- 3.4 - AGOSTINI, Eduardo. Entrevista concedida ao Projeto Memória - ASSOESTE. 05/06/82.
- 3.5 - RODRIQUES, Maria da Conceição. 20/07/94.
- 3.6 - BALENA, José. 16/10/95.
- 3.7 - MOLHER, Laudelina. 13/05/95.
- 3.8 - ORSATO, Adoíno. 08/11/95.
- 3.9 - BOSCHETTI, Paulo. 10/07/94.
- 3.10 - MOLHER, Nelson Antonio. 24/08/94
- 3.11 - RODRIQUES, Maria do Nascimento. 17/11/95.
- 3.12 - FRITSCH, Agnes. 21/12/95.
- 3.13 - GRUBER, Pastor Davi. 22/12/95.
- 3.14 - FERRAZ, Pastor Jorge. 28/12/95.
- 3.15 - SOUZA, Pastor Nadir Severino. 22/12/95.
- 3.16 - PINHEIRO, Bispo Regional Evangelho Quadrangular. Juvelino Antônio.  
23/12/95
- 3.17 - DONA ZENITE. 20/12/95.
- 3.18 - MACEDO, Mestre. Umbanda. 22/12/95.
- 3.19 - ERU, Mestre. Umbanda. 22/12/95.

## **II. - BIBLIOGRAFIA:**

### **1.0 - Bibliografia de Pesquisa:**

- 1.1. AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos*. 2.a ed. Rio de Janeiro, Ed. Cátedra. 1982.
- 1.2. BALHANA, Altiva Pillati. Et. Alii. *História do Paraná*. Curitiba, Grafipar. 1969.
- 1.3. CALLAI, Dolair Augusta Et. Alii. (Org.) *Repensando o Oeste do Paraná*. Cascavel, ASSOESTE. 1984.
- 1.4. CAMARGO, João Borba de. *Geografia Física, Humana e Econômica do Paraná*. Paranaíba, Ed. Gráfica de Paranaíba. 1994.
- 1.5. CARDOSO, Jayme Antônio. e WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas Histórico do Paraná*. Curitiba, Livraria do Chain Editora. 1986.
- 1.6. COLODEL, José Augusto. *Obrages e Companhias Colonizadoras*. Santa Helena na História do Oeste Paranaense até 1960. Santa Helena, Prefeitura Municipal. 1988.
- 1.7. DAVATZ, Thomas. *Memórias de um Colono no Brasil-1850*. Trad. de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia. 1980.
- 1.8. KREUTZ, Lúcia. *O professor Paroquial: Magistério e Imigração Alemã*. Porto Alegre, Ed. da UFRS; Florianópolis, Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.
- 1.9. LINHARES, Temístocles. *Paraná Vivo - Um Retrato sem Retoques*. Rio de Janeiro, José Olímpio. 1953.
- 1.10. REGINATO, Padre Pedro. *História de Palotina - 1954/79*. Palotina, Prefeitura
- 1.11. ROCHA, Maria Cecília. *Até o Papa é Polonês! - Um estudo de identidade étnica na região Metropolitana de Curitiba*. Monografia apresentada ao Curso de Antropologia: Mimeo, 1985.
- 1.12. SILVA, Oscar Et. Alii. *Toledo e sua História*. Toledo, Prefeitura Municipal. 1988.
- 1.13. SPERANÇA, Alceu. *Cascavel - a História*. Curitiba, Lagarto. 1992. Municipal. 1979.
- 1.14. \_\_\_\_\_. *Pequena História de Cascavel e do Oeste*. Cascavel, J.S. Impressora. 1980.

- 1.15. \_\_\_\_\_ *Tuiuti - A Presença Azul*. Curitiba, Imprensa  
Universitária, 1994.
- 1.16. SAINT- HILAIRE, Auguste de. *Viagem a Curitiba e Província de Santa  
Catarina*. Pref. de Mário G. Ferri. Trad. de Regina Reis Junqueira. São  
Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo. 1978.
- 1.17. TEMPSKI, Edwino D. *Boletim Especial Comemorativo ao Centenário da  
Imigração Polonesa para o Paraná*. Curitiba: I.H.G.PR., 1971.
- 1.18. VALENTINI, Jussara *A Arquitetura do imigrante polonês na região de  
Curitiba*. Curitiba: I.H.G.E.P., 1982.
- 1.19. WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. Curitiba, Editora dos  
Professores. 1967.
- 1.20. \_\_\_\_\_. *Tomás Coelho: Uma Comunidade  
Camponesa*. Curitiba: Real Artes Gráficas, 1977.

## **2.0 - Bibliografia Básica:**

- 2.1. ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense  
Universitária, 1991.
- 2.2. AZZI, Riolando. (Org.) *A vida religiosa no Brasil - enfoques históricos*. São  
Paulo: Paulinas, 1983.
- 2.3. ALBERICO, Giuseppe. *Metodologia para uma história da Igreja na Europa*.  
IN: CEHILA. - Para uma História da Igreja na América Latina. Petrópolis:  
Vozes, 1986.
- 2.4. BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado* - elementos para uma teoria sociológica da  
religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- 2.5. \_\_\_\_\_ e LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. 11.a  
ed. São Paulo: Vozes, 1994.
- 2.6. BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo:  
Perspectiva, 1987.
- 2.7. \_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

- 2.8. BURKE, Peter. (Org.) *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.
- 2.9. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do Povo - um estudo sobre religião popular*. 2.a ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- 2.10. \_\_\_\_\_. *Memória do Sagrado - Estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- 2.11. CHARTIER, Roger. *A nova história cultural - Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrtand, 1990.
- 2.12. DA MATTA, Roberto Augusto. *O que faz o brasil, Brasil?*. 2.a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- 2.13. \_\_\_\_\_. *A Casa e a Rua*. 4.a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- 2.14. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Cotidiano e Poder em São Paulo no séc. XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- 2.15. DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Abril, 1978.
- 2.16. FONSECA, Pedro Cesar Dutra. *Vargas: O capitalismo em construção*. São Paulo: brasiliense, 1989.
- 2.17. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- 2.18. GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- 2.19. GINSBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- 2.20. HABERMAS, Juegen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- 2.21. HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- 2.22. HUNT, Lynn. *A nova história Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- 2.23. LE GOFF Jacques e NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- 2.24. MACEDO, Carmem Cinira. *Imagem do eterno: religiões no Brasil*. São Paulo: Moderna, 1989.



- 2.25. MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- 2.26. \_\_\_\_\_. *Liberdades Intersticiais*. IN: MORIN, Edgar et. alii. *A decadência do Futuro e a construção do Presente*. Florianópolis: UFSC, 1993.
- 2.27. MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e o movimento popular* - Nova Iguaçu:1974/85. IN: *A igreja nas bases em tempo de transição*. Porto Alegre:L e M/CEDEC, 1986.
- 2.28. ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento* - As formas do discurso. 2.a ed. São Paulo: Pontes, 1987.
- 2.29. PELÁEZ, Augustín Churrua et alii. *História da teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- 2.30. PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- 2.31. \_\_\_\_\_. *Os socialismos no discurso social* Católico. São Paulo: Paulinas, 1990.
- 2.32. SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- 2.33. THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Vol.I - A árvore da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- 2.34. VEYNE, P. *Como se escreve a História*: Foucault revoluciona a História. Distrito Federal: Ed. da UNB, 1982.
- 2.35. VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et alii. *A pesquisa em História*. 2.a ed. São Paulo: Ática, 1991.
- 2.36. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do capitalismo*. São Paulo: Abril, 1980.